Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

KALEO MENDES DE MELO DA ROCHA

# ESCRE(VIVENDO) AS MASCULINIDADES TRANS:

os processos educativos de gênero na constituição
das subjetividades transmasculinas

Belém-Pará
2026

KALEO MENDES DE MELO DA ROCHA

# ESCRE(VIVENDO) AS MASCULINIDADES TRANS:

os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.
Linha de pesquisa: Formação de Professores, Docência e Práticas Educativas
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Belém-Pará
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará**

---

R672eRocha, Kaleo Mendes de Melo da

Escre(vivendo) as masculinidades trans: os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas / Kaleo Mendes de Melo da Rocha / – Belém, 2026.

211 f.

Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Pará- Centro de Ciências Sociais e Educação, 2026.

Orientadora: Lucélia de Moraes Braga Bassalo

1.Processos educativos de gênero. 2.Transmasculinidade. I. Bassalo, Lucélia de Moraes Braga. (orient.). II.Título.

CDD 306.768

---

Elaborada por Regina Coeli Araújo Ribeiro CRB-2/739

Kaleo Mendes de Melo da Rocha

# ESCRE(VIVENDO) AS MASCULINIDADES TRANS: os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Data da Defesa: 16/03/2026

Banca Examinadora

- Orientadora

Prof.ª Dr.ª Lucélia de Moraes Braga Bassalo
PPGED/UEPA -

- Membro Externo

Prof.ª Dr.ª Gilcilene Dias da Costa
PPGDUC/UFPA

- Membro Interno

Prof. Dr. Sérgio Roberto Moraes Corrêa
PPGED/UEPA

*Dedico essa dissertação a todas as pessoas transmasculinas que estão de alguma forma sentindo a solidão corroer o peito. Que o medo não te apavore, que as palavras maldosas não te atravessem, que seu pensamento nunca te leve a desistir. É por nós, vivos e felizes. É por nós.*

*“Eles combinaram de nos matar. A gente combinamos de não morrer”*
*Conceição Evaristo*

# Agradecimentos

A Esú por dar caminhos para os meus passos. A Olorum, todos os Orixás e Voduns que me protegeram enviando pessoas amorosas que aqui eu agradeço, acolheram-me no pranto mais profundo, silenciaram quando mereci por ser teimoso, enfim, que fizeram e fazem de mim quem sou.

Ao meu *Orí* por, mesmo em meio ao caos, ainda ser meu maior legado — que o brilho dele cintile na constelação do Conhecimento Humano pela eternidade, ou caia no esquecimento, o que tiver de ser.

À minha ancestralidade latino-americana, negra, ribeirinha, cabocla, do mato, do enfeite excessivo, sainha de butijão, do sorriso aberto, do sangue quente, da sabedoria dos vovôs e vovós sobreviventes do cativeiro.

Ao **Lucas Queiroz**, meu companheiro, melhor amigo, alma gêmea, por me amar mesmo no pior de mim, mesmo quando não mereci que me amasse e mais intensamente quando mereci. Te amarei e respeitarei para todo sempre, sem você essa dissertação não aconteceria e muito menos eu. Desejo que sejamos aquilo que já somos e muito mais, que reiventemos nossa vida até o nosso inevitável fim. Obrigado por nunca me deixar.

Ao **Miguel Mendes Queiroz**, filho de dois pais que o amam, uma pessoa que eu tenho esperança que um dia leia esse trabalho e compreenda o que significa, e que, com sorte, isso o orgulhe por ter a mim como pai. Obrigado por *ser você*, o meu gatinho.

À **Miranda Foltran**, minha outra alma gêmea, melhor amiga, pelo inabalável apoio mesmo de longe por tantos anos, pelo carinho, cuidado e leveza que completa minha existência. Ojalá um dia você faça parte dessa insana colagem que eu tenho compondo e que chamo de vida presencialmente, num sonho de família grande e feliz que o mundo negou para pessoas como eu. A fé é o que me move.

À **Vicky** e ao **Márcio** por serem os melhores amigos do mundo! Obrigado por me acolherem em sua casa e fazer de mim parte da família. Agora são vocês que têm um espaço permanente e irrevogável no meu coração.

À minha querida orientadora **Lucélia Bassalo** por ter sido a pessoa mais humana, acessível, gentil, compreensível e realmente comprometida em ensinar que já conheci na Academia. A senhora foi mais mãe pra mim do que eu jamais tive. Obrigado por cada dúvida esclarecida com a voz doce e calma que a senhora tem, por cada orientação que a senhora precisava me parar porque eu estava colocando informação demais de uma só vez e daí me ajudava a organizar o caos que é minha cabeça, por tudo! Espero que nossos futuros confluam.

Aos **transmasculinos** participantes da pesquisa, interessados em participar, que somaram de forma direta ou indireta, que fortaleceram nem que seja com energia positiva para esse trabalho ser real: tudo que nóis tem é nóis.

Às **travestis, mulheres trans, transfemininas** que também, em trocas, diálogos, ou registros de seu legado transcestral, iluminaram com seus conhecimentos muito do que aqui formalizo. Esse título a academia deve a *vocês.*

A todas as outras pessoas que fizeram parte dessa jornada e que, sem dúvida, já sabem que eu tenho memória de peixe! Então, por medo de esquecer alguém prefiro não citar ninguém. Por favor, sinta-se abraçade **todo mundo** que, de alguma forma, desejou meu bem e ou direcionou sua energia para esse fim: muito obrigado! Eu sou um, mas o que *fizemos* aqui me torna *muitos.*

*É isso o que eles querem! Você derrotado, um trapo! Quem sabe daqui a uns tempos, louco. Não há Deus, não há mais consolo na ilusão. Não há mais nada. Na verdade, nem solução. Daqui a pouco baterão à porta. Você abrirá. Mas não só esta maldita porta do seu quarto – terá de mostrar sua força. Irá comer, dormir, estudar e falará com todos, como sempre fez. Nada vai mudar. Mas, a partir de hoje, terá de se transformar num leão, para que ninguém possa derrubá-lo. Sua luta é contra o impossível ou a impotência: portanto, tenha claro que será sempre um perdedor. Virar homem, como você quer, não dá. Mas não se deixará morrer assim. Tem de ficar vivo, sadio, para poder usufruir os benefícios que a evolução da ciência lhe poderá proporcionar. Enquanto esse dia não chegar, poupe-se! Brinque com o seu defeito, com a sua inversão. Fale dele em voz alta. Desfaça o monstro! Quando o drama estiver insuportável, torne-se subitamente a plateia, para se ver atuando no palco. Verá a comédia que todo drama contém, como agora, e se fortalecerá. Não adianta mais ter ódio nem pena de si mesmo. Sobretudo, é preciso ter humor. Procure a essência do absurdo. Mas não se torne um alienado, antes, um inconformado. Se, num dado momento, a dor for insuportável, não racionalize a fim de obter a pseudotranquilidade. Consuma-se sem defesa até o fim. Esprema a dor e respire fundo.*

***João W. Nery***

*“Rompi tratados*
*Traí os ritos*
*Quebrei a lança*
*Lancei no espaço*
*Um grito, um desabafo*
*E o que me importa*
*É não estar vencido”*

***Ney Matogrosso***

**Fio do Machado, Nilo Ybyra***

Eu não confio na justiça, na polícia, na política,
mas eu confio no fio do machado de Xangô.
O mundo é podre, eu ando alerta.
Gente como eu não costuma ver os 30.
Gente como eu não costuma ter família.
Gente como eu costuma virar estatística.
Então eu durmo de olho aberto.
Eu não confio nem na brisa, mas eu confio no fio do machado de Xangô.
Eu fui escolhido para inventar o mundo, criar o corpo do barro, inventar meu próprio nome.
Ser boyceta é tipo o Deus e a criação.
Habitar um jardim sagrado onde meu corpo não é julgado dentro da minha imaginação.
Se eu fiz meu corpo, eu chamo ele de Éden.
Todo transmasculino carrega o fruto proibido.
Todo transmasculino é Exu.
Toda travesti é Exu. Isso é lindo.
Ser trans é atravessar o gênero e desse fenômeno natural nasce uma encruzilhada.
Eu tenho uma encrua no peito.
Eu arrio para mim mesmo e eu vou me manter vivo por pirraça.
Eu não confio em mais nada que o sistema me contou, mas eu confio no fio do machado de Xangô.
Se me jogar na rua, a rua é casa.
Se me jogar no chão, eu sou fava.
Eu vou brotar até no asfalto e sem água vou sobreviver por pirraça,
porque o meu coração é uma brasa e o vento me assovia os nomes daqueles que se foram só por ousar existir.
Demétrio, Roberto, Luca, Paulo, João. Nenhum deles viveu em vão.
E cada transmasculino vivo é mais uma cabeça da hidra que eles nunca matarão.
Mesmo se eu calasse a boca, ainda somos **multidão**.
Estragando dia e tirando sono de quem? Argumenta, usando Eva e Adão,
abrindo um buraco no tempo e cravando nossos nomes na história.
Vocês vão lembrar de mim
e vão falar da trajetória.
Ter sido menina me fez um homem mil vezes melhor e me deu raiva o suficiente para ir atrás da faca que cortou minhas asas.
E vai ser com arte essa porra porque eu não pego em arma.
Vai ser com rap essa porra. A nossa história vai ser contada.
Vai ser poema essa porra. Eu não sujo minhas mãos para nada.
Eu vou te mostrar meu dente e cobrar o sorriso que você me roubou.
Eu não confio em porra nenhuma, mas eu confio no fio do machado de Xangô.

*Poema recitado pelo poeta na primeira faixa do álbum "O Ano do Boyceta" de Jupi77er.

**RESUMO**

Este trabalho, intitulado “Escre(vivendo) as masculinidades trans: os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas”, refere-se a uma Dissertação de Mestrado em Educação que tem como questão-problema: quais características e elementos compõem os processos educativos de gênero que culminam na produção da subjetivação das transmasculinidades? A investigação teve como objetivo geral compreender como se dá a produção da subjetivação das transmasculinidades por meio dos processos educativos de gênero. Como objetivos específicos, buscou-se: discutir as transmasculinidades e suas tensões com a masculinidade hegemônica; analisar as ambivalências da passabilidade e do falocentrismo na constituição dessas subjetividades; identificar estratégias de subversão acionadas por pessoas transmasculinas frente aos determinismos de gênero; e examinar os impactos das redes de apoio e da docência transmasculina como espaços de deslocamento epistemológico e político. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada nas epistemologias pós-críticas, que adota a Escrevivência como conceito teórico-metodológico, em diálogo com Michel Foucault, Judith Butler, Raewyn Connell e Paul B. Preciado. A oficina narrativa Escre(vivências) transmasculinas constituiu-se como principal dispositivo metodológico, configurando-se como espaço de escuta, partilha e produção de narrativas com sujeitos transmasculinos adultos. A análise organiza-se em três eixos articulados: (1) as tensões entre transmasculinidades e masculinidade hegemônica; (2) as ambivalências da passabilidade e os regimes de inteligibilidade de gênero; e (3) as estratégias de permanência, reinvenção e cuidado que tornam possível a produção de vida diante das normatividades. Ao assumir a experiência vivida como forma legítima de produção de saber, a pesquisa situa a narrativa como prática discursiva e política capaz de tensionar a cisgeneridade enquanto regime de neutralidade e reinscrever existências transmasculinas no campo educacional. Conclui-se que a subjetivação transmasculina não se configura como migração entre polos fixos de gênero, mas como processo histórico, relacional e estratégico de produção de existência, que infiltra, desloca e reconfigura a própria masculinidade hegemônica.

**Palavras-chave:** transmasculinidades; processos educativos de gênero; Escrevivência.

**ABSTRACT**

This dissertation, entitled “Writ(ing-Living) Trans Masculinities: Gender Educational Processes in the Constitution of Transmasculine Subjectivities,” addresses the following research question: which characteristics and elements compose the gender educational processes that culminate in the production of transmasculine subjectivation? The main objective of this study was to understand how transmasculine subjectivities are produced through gender educational processes. The specific objectives included: discussing trans masculinities and their tensions with hegemonic masculinity; analyzing the ambivalences of passability and phallocentrism in the constitution of these subjectivities; identifying strategies of subversion mobilized by transmasculine individuals in response to gender determinisms; and examining the impact of support networks and transmasculine teaching practices as spaces of epistemological and political displacement. This is a qualitative research grounded in post-critical epistemologies, adopting Escrevivência (writing-as-lived-experience) as a theoretical-methodological concept, in dialogue with Michel Foucault, Judith Butler, Raewyn Connell, and Paul B. Preciado. The narrative workshop *“Writ(ing-Living) Transmasculine Experiences”* functioned as the main methodological device, creating a space for listening, sharing, and producing narratives with adult transmasculine participants. The analysis is organized around three interconnected axes: (1) the tensions between trans masculinities and hegemonic masculinity; (2) the ambivalences of passability and regimes of gender intelligibility; and (3) the strategies of permanence, reinvention, and care that make life production possible in the face of normative pressures. By recognizing lived experience as a legitimate form of knowledge production, this research positions narrative as a discursive and political practice capable of challenging cisnormativity as a regime of neutrality and reinscribing transmasculine existences within the field of education. The study concludes that transmasculine subjectivation is not a migration between fixed gender poles, but rather a historical, relational, and strategic process of producing existence — one that infiltrates, displaces, and reconfigures hegemonic masculinity itself

**Keywords:** trans masculinities; gender educational processes; *Escrevivência* (writing-as-lived-experience).

**SUMÁRIO**

**DEDICATÓRIA.....8**
**1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES..... 14**
1.1 O QUE ME MOVE E AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA.....14
1.2 AQUELA PULGA ATRÁS DO BINDER: CONTEXTO PROBLEMA DA PESQUISA..... 22
1.3 O QUE ME PROPONHO: OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO..... 25
**2. PRECURSORES NO CAMPO: ESTADO DO CONHECIMENTO.....28**
2.1 DO OBJETO DOS PRECURSORES..... 36
2.2 DO OBJETIVO DOS PRECURSORES.....39
2.3 DA METODOLOGIA DOS PRECURSORES..... 41
2.4 DOS RESULTADOS DOS PRECURSORES..... 43
**3. A FORTUNA TEÓRICA DE QUE ME DISPONHO..... 46**
3.1 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....47
3.2 A FUNÇÃO REGULADORA DA CATEGORIA “SEXO”.....52
3.2.1 A PRODUÇÃO DE UMA FICÇÃO DISCIPLINADORA CHAMADA GÊNERO E A CISHETERONORMATIVIDADE.....55
3.3 OS PROCESSOS EDUCATIVOS DE GÊNERO E O “TORNAR-SE HOMEM”.....58
3.4 SUBJETIVIDADES TRANSMASCULINAS E A ESCRITA DE OUTRAS POSSIBILIDADES.....65
3.4.1 VIVER É ESCREVER-SE OU SER LIDO? PASSABILIDADE E A POLÍTICA DO CARA-CRACHÁ..... 67
3.4.2 NEM HOMEM, NEM OUTRO, MAS ÀS VEZES W∃WOH!.....72
**4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO..... 79**
4.1 NARRAR-SE: ESCREVIVÊNCIAS E A OFICINA NARRATIVA..... 83
**5. VISLUMBRES DE UM ENTENDIMENTO: UM OI□O□□□∃□ REFLEXIVO DA OFICINA NARRATIVA..... 87**
5.1 AS CONFLUÊNCIAS DE LEITURA EM “É LONGO NASCER DUAS VEZES”.....99
5.2 O TAL DO PRINCIPAU: AS TRANSMASCULINIDADES E AS CONTRADIÇÕES DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA.....110
5.3 MALANDRAGEM TRANSMASCULINA E AS ESTRATÉGIAS DE SUBVERSIVIDADE E NEGOCIAÇÃO DOS DETERMINISMOS DE GÊNERO..... 120
5.4 ÓLEO DE GIRASSOL, REDES DE IGUAIS E CONFLUÊNCIAS..... 141
5.4.1 AS REDES DE IGUAIS DE MASCULINIDADES SUBVERSIVAS EM “A VIDA É DESAFIO”, RACIONAIS MC’S (2002) E “TEM TRETA LÁ”, PAMKAPAULI (2023) : DIMENSÃO DO ENFRENTAMENTO..... 148
5.4.2 AS REDES DE IGUAIS DE MASCULINIDADES SUBVERSIVAS EM “AMÉM, AMÉM”, BK’ (2025) E “CORINGA”, PAMKAPAULI (2023) :

DIMENSÃO DA VIDA, ALEGRIA E PROSPERIDADE INDIVIDUALCOLETIVA..... 153
5.5 EUPROFESSORTRANSMASCULINO.....160
**6. ISTO NÃO É UMA CONCLUSÃO..... 169**
**REFERÊNCIAS..... 174**
**REFERÊNCIAS DO ESTADO DO CONHECIMENTO..... 183**
**ANEXO 1**
**É LONGO NASCER DUAS VEZES, Hanna Godoy (2025)..... 186**
**ANEXO 2**
**“às vezes fico confuso”, Liz Bardo (2025)..... 188**
**ANEXO 3**
**Conflito, Davi Miranda (2025).....189**
**ANEXO 4**
**ABSINTO, Christian Araújo (2025).....191**
**ANEXO 5**
**Coringa, PAMKAPAULI (2019).....192**
**ANEXO 6**
**Tem treta lá, PAMKAPAULI feat. Ganjão (2023).....195**
**ANEXO 7**
**Amém, amém - BK’ (2025).....198**
**ANEXO 8**
**A vida é desafio (nada como um dia após o outro), Racionais MC’s (2002).. 200**
**APÊNDICE..... 203**
APÊNDICE 1 — TCLE..... 204
APÊNDICE 2 — COLAGEM DIGITAL: INTERVENÇÃO EM MEMÓRIA, 2025.....208
APÊNDICE 3 — DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA..... 208




*Escre(vivências) transmasculinas [colagem digital], Kaleo Mendes, 2025*

# 1. PRIMEIRAS IMPRESSÕES

*Laroyê, Exu! Mojuba!*

*“Eu sempre escrevo em primeira pessoa, não escrevo sobre o outro e quando eu escrevo sobre o outro o outro é muito semelhante a mim” (Rodrigues, 2022)*

A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e alinhada à linha de pesquisa Formação de Professores, Docência e Práticas Educativas. Nesse viés, seguindo o eixo de “Docência, teorias, práticas e processos educativos na Amazônia”, no que se refere aos estudos de gênero e sexualidade, a pesquisa tem como interesse os processos educativos de gênero das transmasculinidades. A partir disso, nesta primeira seção apresento as motivações da pesquisa, o contexto-problema que a fundamenta e a pergunta que me move.

## 1.1 O QUE ME MOVE E AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

*Às vezes eu me sinto preso, a essa busca por liberdade, que me faz ter medo de quem eu vou me tornar.*
*É que, pensa comigo, ao mesmo tempo em que eu vou encontrar abrigo, eu me torno mais passivo de ser confundido com quem agride.*
*Procuro então me manter na corda bamba, como quem samba hora na ponta hora no calcanhar.*
*Busco encontrar um lugar na periferia do homem que eu posso ser, e ser menos firme, mais poesia. (Trecho de “Entre a ponta e o Calcanhar”, Tali Ifé, 2020, p.54)*

Compreender como um sujeito se constitui talvez ultrapasse minhas capacidades presentes — sobretudo diante das limitações de tempo impostas por uma dissertação. Ainda assim, sem a pretensão de esgotar a questão, acredito que o horizonte que alcanço nesta investigação pode oferecer um vislumbre para uma parcela ainda pouco investigada nos estudos de gênero. Afinal, tenho convicção que a ciência está em expansão e muitos pontos cegos de questões novas e antigas se beneficiam de pequenos olhares diversos e verdadeiramente apaixonados como o meu.

Minha motivação diante do sujeito e a sua produção vem de antes de eu saber sobre o que isso se trata de fato, e entendo que falar sobre isso, essa trajetória de descobrir um tema que me encanta, antes de explicar o que aqui vejo como “produção do sujeito” ou “subjetivação”, pode elucidar melhor o que me colocou diante dessa questão com tanta sede.

Sempre fui apaixonado por livros desde que comecei a ler e ainda lembro do primeiro livro que devorei fluentemente aos 7 anos: “O pequeno príncipe”. Não que eu tenha finalizado todas as questões por trás dele logo de cara, mas o feito conquistado fazia eu me sentir ansioso pelas próximas páginas que eu iria ler. Além disso, a melancolia de crescer e adequar-se ao mundo sob pena de sufocar nossa criança interior se entranhou em mim de forma irreversível.

Nesse novo vício benéfico também percebi, pela primeira vez, que a pessoa que eu era dentro de mim nem sempre era a pessoa que os outros viam de fora. Minhas atitudes, por vezes incoerentes com minhas certezas, deixavam-me profundamente frustrado com as *razões* de determinadas palavras que saiam de minha boca sem minha autorização, ou atitudes que moviam meu corpo a contrassenso da minha mente.

Foi só muitos anos depois, na terapia, que fui entendendo a solidão, o medo e outros traumas como motivadores de atitudes irracionais que eu não concordava de fato. Dentre elas estava a tentativa cruel e sádica que eu infringi sobre mim mesmo: *tentar ser “uma mulher”*[1]. Bom, primeiro uma menina, que parecia errada em tudo que fazia mesmo que fizesse o mesmo que todas as outras e, posteriormente, uma mulher que entre o cansaço do fracasso e a confusão da sua existência coxa, já não tinha muita expectativa sobre o futuro.

Havia *algo* que direcionava meu corpo e mente para um lado e outro *algo* que fazia uma tração absurda no sentido oposto. Mas para além dessa percepção binária, existiam mais outros *diversos algos* que tentavam rebentar meu corpo e mente em diversas outras direções, inclusive para dentro de mim. E, como todo corpo físico, a pressão além do limite de sua elasticidade estava

[1]Refiro-me à tentativa de adequação compulsória a um projeto de gênero previamente designado ao meu corpo no nascimento. Conforme discutem Beauvoir (1967) e Butler (2018), o gênero não é destino biológico, mas efeito reiterado de normas culturais que se impõem como naturais. No meu caso, tratava-se da incorporação forçada de uma performance feminina esperada de um corpo lido como fêmea, dentro de uma estrutura cisheteronormativa que, como argumenta Bento (2017), já nos “cirurgia” simbolicamente antes mesmo de nascermos.

me levando ou ao suicídio ou ao enlouquecimento — flertei com ambos até chegar até aqui.

Foi através dos livros e da leitura silenciosa dos poemas e histórias que experimentei a delícia de *não ser eu*. Não ser o que quer que as forças múltiplas ao meu redor tentavam moldar e, no descanso nada passivo (e às vezes bastante perturbador) das leituras que comecei a sentir necessidade de escrever, como quem visa, para além de experimentar ser *outro*, também *criar* quem eu realmente queria ser. *Escreviver*.

Posteriormente, na licenciatura de Letras, cruzei com um brilhante texto introdutório ao livro Verdade das Mentiras de Mário Vargas Llosa (1990) a respeito da ficção como uma mentira que expressa a verdade e que só pode expressá-la assim, encoberta, servindo aos leitores como um aplacador temporário das inconformidades e desejos, como também de denúncia da insuficiência da vida.

> Quando lemos romances, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real abre-se e saímos para ser outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas. Sonho lúcido e fantasia encarnada — a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e a fantasia de desejar outras mil. (Vargas Llosa, 2004, p.17)

Com o tempo de leituras e escritas se multiplicando, as experiências que essas outras vidas me davam começaram a se demonstrar insuficientes e voltei a me questionar constantemente sobre meus fracassos em me encaixar no molde que as forças externas me puxavam e empurravam para caber. E a parte mais difícil, do meu ponto de vista, foi não saber que existia outra possibilidade de *ser* que não fosse através da literatura (como sonho) ou da vida (como determinismo).

Grande parte da minha trajetória como docente em formação, inclusive, vivi sentindo esse dilema. Ao estagiar em uma escola elitizada em Belém, durante a graduação, eu via as outras estagiárias como seres completamente diferentes de mim em níveis muito profundos. Esse distanciamento de práticas e signos visuais me fazia sentir desconectado, o que me causava ansiedade e desgaste físico e mental antes e depois do período de trabalho.

Além disso, lembro-me que nesse período passei a utilizar mais saias longas e trocar minhas mochilas por bolsas grandes e em tons neutros. Buscava usar mais maquiagem, alisar o cabelo e forçar meus pés em saltos doloridos para parecer “mais feminina”[2], como também antes de ir para o estágio, selecionar cuidadosamente as bijuterias douradas de minha mãe, as mais delicadas e com aparência “mais feminina” e elegante.

Mesmo que naquela época eu não me identificasse como trans*[3] (por nem saber dessa possibilidade ainda), era muito claro o meu objetivo: eu precisava parecer mais com uma mulher. E não só isso: uma professora. Porém, esse local de docente “elegante e feminina” vejo hoje como uma das consequências do espaço escolar como um dos maiores produtores de diferenças de nossas trajetórias — principalmente de gênero (Louro, 2014).

Mas as diferenças não paravam nas aparências. Por um longo período também estagiei como professor de literatura no cursinho popular Projeto Universidade Aberta (PUA), da Universidade Federal do Pará e meu comportamento mais bruto, sem muitas cerimônias e direto era constantemente alvo de críticas das professoras mulheres, ao mesmo tempo que me aproximava muito de professores homens.

Essa aproximação também era percebida por mim na minha relação com os alunos. Em certa ocasião, em uma conversa com um grupo de alunos meninos, um deles tirou uma brincadeira comigo, o que causou uma reação de apreensão dos outros:

“Ei, mano, respeita a professora!” — um deles disse.

O autor da brincadeira riu:

“Tá tranquilo, a professora é *brother*.”

---

[2] Essas práticas podem ser compreendidas como efeitos da performatividade de gênero (Butler, 2018), isto é, da repetição de atos e signos que produzem o que se entende como “feminino” dentro de uma matriz normativa. Como o espaço escolar também é produtor e regulador de diferenças (Louro, 2014), esses “signos da feminilidade” operam como dispositivos de legitimação e reconhecimento da minha capacidade docente intimamente ligada à minha capacidade de performar o feminino. Nesta Dissertação essa articulação entre corpo, norma e docência se aprofundará mais adiante.

[3] Trans* estará sendo usado aqui como um termo global que tenta unificar em apenas uma terminologia as diversas identidades não-cisgêneras, ou seja, não inteligíveis, discordantes em relação ao gênero que foi imposto ao nascer a partir da visão binária e de relação causal entre sexo, gênero, desejo. Ou seja: transsexuais, transgêneros, travestis, transvestigêneres (Siqueira, 2015), etc.

Lembro de, na época, concordar e isso ter tranquilizado os que se alertaram com o “risco” à “minha feminilidade” que a brincadeira intimista poderia significar. Pois ela não me ofendeu, pelo contrário uma sensação de *euforia*[4] havia crescido dentro do meu peito por ser visto como um “brother”, um igual ou semelhante aos outros homens.

Descobri a transsexualidade com 22 anos, aproximadamente, já tendo gestado um filho e extremamente cansado de tentar ser uma mulher. Foi através de uma série norte-americana, *Ru Paul Drag Race*, que me identifiquei com o discurso de uma das competidoras quando publicamente ela se assumiu trans* para o mundo inteiro. Lembro de, no final do episódio, trancar-me no banheiro e encarar o nada por pelo menos uma hora e depois começar a chorar sem parar. As *forças* que me puxavam tremeram de medo e eu estava só começando a assustá-las.

Passei a ser diagnosticado pelos “Doutores” médicos com *disforias*, o que, para mim, eram só mais alguns incômodos que todos também deveriam ter em alguma medida a algum ponto da vida.

“O que você espera com o uso do hormônio?” — a endocrinologista perguntou depois de ter me mandado abaixar as calças e cuecas para analisar minha genitália de frente e de costas.

Nervoso, eu encarei, no dorso de minha mão, a veia que a moça do laboratório estourou mais cedo durante o exame de sangue. Minha veias sempre foram tão finas…

“Ouvi falar que a testosterona deixa as veias mais grossas… mais… *masculinas* assim” A palavra mágica convenceu a “Doutora” a carimbar e assinar o papel que, agora sim, garantia que eu era um “doente” *necessitado*

---

[4] Apesar de não ser o tema central desta Dissertação, compreender os conceitos de euforia e disforia de gênero exige revisitar, ainda que brevemente, o histórico de patologização das experiências trans*. A partir do século XIX, como demonstra Foucault (1988, p. 51-71), o sexo torna-se objeto privilegiado das tecnologias de poder, sendo classificado, examinado e normalizado pela *scientia sexualis*. No século XX, com a emergência do conceito médico de “gênero”, a partir dos trabalhos de John Money, intensificam-se as intervenções cirúrgicas, hormonais e diagnósticas sobre corpos considerados “anormais” (Preciado, 2011). Nesse regime, que Preciado chama de sexopolítico, a transexualidade passa a ser enquadrada como *desvio ou transtorno*, consolidando a disforia como categoria clínica. A euforia de gênero, por sua vez, embora não reconhecida historicamente como categoria diagnóstica, pode ser compreendida como a experiência afirmativa que emerge quando há deslocamento ou ruptura com as normas que regulam e produzem os corpos “normais” e “anormais”. Assim, mais do que fenômenos individuais, euforia e disforia inscrevem-se em um campo político de produção e regulação das subjetividades, assunto que será aprofundado mais adiante.

de ser medicado. Depois disso (e não por conta disso), passei a usar da testosterona como quem experimenta com o corpo, sem dar atenção ao que realmente esperavam que eu esperasse.

Mais tarde, ao narrar essa experiência na oficina que integra o percurso metodológico desta pesquisa, notamos que aquele roteiro clínico não era individual. Um dos transmasculinos, que inclusive participou da luta pela fundação do antigo ambulatório, relatou ter vivenciado o mesmo processo nele: protocolos rígidos, exigências performativas, a necessidade de dizer o que os profissionais queriam ouvir para ter acesso ao hormônio.

> **Davi Miranda:** Eu sou Davi, tenho 40 anos, eu sou o- acho que o mais velho daqui eu acho que eu iniciei a transição já tinha 27, então faz um tempão, né? 27, 28 anos por aí. E eu participei de todo processo de construção, tava ouvindo teu relato e rindo, porque isso é muito real. Assim, participei da construção do primeiro ambulatório que era um terror, aquele lugar era uma coisa horrorosa, né? E sobre essa coisa [que] você tava falando dos protocolos e tal, é um protocolo que é imposto pra gente. A gente tem que seguir esse protocolo porque senão a gente não é quem a gente tá dizendo que a gente é, né? Para eles a gente não vale nada, né? Então a gente tem que seguir aquele e então o que que a gente fazia? A gente tinha uma estratégia de enfrentamento que era: vamos sentar todo mundo junto, vamos reunir aqui o que que a gente pode falar, o que que a gente não pode. A gente tinha que fazer esse tipo de coisa para seguir no protocolo. A gente fingia, a gente mentia.

Esse enquadramento não regulava apenas o acesso ao medicamento; organizava o próprio sentido do desejo além de reforçar a dominação da cisgeneridade sobre nossas existências. Era como ouvir: “vai, eu autorizo que você tente ser minha imagem semelhança através de tecnologias que inventei para sustentar minha própria palhaçaria. Mas, primeiro, abaixe as calças na minha frente que ainda não te humilhei o suficiente”.

Fui, então, vendo o que se desabrochou no diálogo das químicas que vinham parte da seringa, parte do que eu comia, bebia, do sol que pegava, das horas que passava rindo ou em crise, dos clímax e dos vales obscuros. Posteriormente, já no mestrado, esbocei um sorriso quando li as palavras de Paul B. Preciado em Testo Junkie (2018):

> entre todos os efeitos físicos e mentais causados pela autointoxicação à base de testosterona em gel, o sentimento de transgressão dos limites do gênero que me foi imposto socialmente é, sem dúvida, o mais intenso. O novo metabolismo da testosterona em meu corpo não seria efetivo em termos de masculinização sem a existência de um programa político prévio que interpreta estas variações como parte integral de um desejo — controlado pelo regime farmacopornográfico — de mudança de sexo. Sem este desejo, sem o projeto de transitar de uma ficção de sexo a outra, aplicar

> testosterona seria nada além de um devir molecular. (Preciado, 2018, p. 154)

Na mesma época, retifiquei o nome que sempre evitei através do apelido “Kah”, herdado desde a sexta série, e substantivei no mundo. Kaleo me vestiu como se sempre estivesse ali sendo minha própria pele enquanto o nome anterior, uma veste que não me cabia mais. Essas coisas, *para mim,* eram como uma lufada de ar depois de passar muito tempo debaixo d’água: eu estava me reconhecendo no espelho pela primeira vez na vida.

Ouvir quem me ama degustando a sonoridade do nome de minha carne na própria boca — e depois jogando no ar em minha direção, referindo-se a mim, ao meu estar no mundo — não me fazia mais recuar, mas responder orgulhosamente com um “eis-me aqui” que eu nunca havia experienciado. Uma sensação de encontrar o ponto perfeito no oscilador de frequência do rádio para ouvir a música com clareza durante a viagem.

Obviamente que com o deslumbre de se encontrar, vem também os problemas de frustrar as forças com as quais convivi a vida toda. Com menos de um ano em terapia hormonal (TH) eu era uma ameaça pública que por vezes foi confrontada com ódio, confusão, medo, desejo e outras diversas facetas da transfobia que eu jamais imaginaria. O sujeito que eu estava construindo das ruínas de um *outro* que nunca existiu de fato, — mas que as *forças* fizeram de tudo para manter em pé — via e era visto de *outra forma*.

A partir de narrativas de outros indivíduos transmasculinos como eu, as quais passei a ler, ver e escutar, da Revista Estudos Transviades[5] às filas de espera do ambulatório de atendimento às pessoas trans* de Belém, comecei a identificar aproximações nos desafios, objetivos, escolhas e discursos.

Mas como? *Como pessoas tão diversas, de origens e trajetórias diferentes, que jamais se conheceram ou que acabaram de se conhecer, poderiam ser tão semelhantes?* E como essa semelhança se evidenciava não na redução dessas identidades[6] a um bloco limitador, mas configurando várias

[5]A Revista Estudos Transviades é um periódico independente lançado em 2020 no Rio de Janeiro, dedicado à divulgação de produções acadêmicas, literárias e artísticas de pessoas transmasculinas, por pessoas transmasculinas e para pessoas transmasculinas, promovendo um espaço acolhedor e de produção de conhecimento válido. Qualificada como Qualis B4 pela CAPES (2021-2024).

[6] Por identidade, compreendo uma organização de corpos no interior de um sistema de governo dos corpos, entendendo o governo no sentido ético-político da governamentalidade de Foucault (1984). Trata-se de uma configuração relativamente estável, mas não imutável, que se constitui no reconhecimento e na articulação entre subjetividades que compartilham

individualidades que se produzem num *coletivo de corpos* constantemente educados pelas pedagogias da sexualidade?

Foi então que a produção de sujeitos transmasculinos deixou de ser apenas vivência e tornou-se também questão de pesquisa, entranhando-se em mim simultaneamente à minha própria subjetivação transmasculina. A minha vivência e a daqueles como eu tornaram-se indissociáveis, unha e carne, fonte motora das questões que me impulsionaram até o mestrado.

Minha hipótese inicial era a de que existe uma pedagogia de gênero ensinada e aprendida dentro e fora da escola, nas famílias, nas mídias, na medicina, nas instituições jurídicas, que privilegia a produção e manutenção de uma masculinidade dominante ou hegemônica. Essa pedagogia opera por meio de uma força simbólica que dispensa justificações explícitas: a ordem masculina apresenta-se como neutra, universal e natural. Dessa forma, o corpo dito masculino e o corpo dito feminino são posicionados como destinos ontológicos, quando são, na verdade, efeitos de uma organização social sexualizante.

A leitura de Pedro Paulo de Oliveira (2004) também ajuda a ampliar a discussão ao mostrar que a masculinidade moderna não se consolidou apenas como identidade de gênero, mas como um projeto social. Ao longo da modernidade as ditas virtudes como **coragem, disciplina, obediência e força de vontade** foram articulados por instituições religiosas, políticas e educacionais para compor a figura do **“verdadeiro homem”**: devotado, viril, patriota.

Essa ordem masculina, então, passou a funcionar como símbolo de estabilidade em meio às transformações sociais, grandes guerras e que ainda se esforça para isso mesmo nos dias de hoje. Para isso, o sentido de masculinidade associou-se ao sacrifício, à resistência à dor, à capacidade de suportar perdas e silenciar emoções: **“ser homem” significa conter-se**. Significava alinhar-se aos “altos ideais” — pátria, família, nação — e provar esse alinhamento pelo autocontrole e pela disposição ao sofrimento.

---

experiências semelhantes em re(l)ação ao sistema de opressão colonialista (Akotirene, 2019), produzindo também relações de poder com outras identidades. São essas relações de poder que organizam, conforme percebido nesta dissertação, os processos educativos de gênero.

A masculinidade moderna, nesse sentido, consolida-se como um mito efetivo da sociedade: uma projeção coletiva que naturaliza seus próprios pressupostos e dificulta a percepção de suas estruturas que influenciam diretamente nos processos educativos de gênero das identidades de gênero.

> A dominação simbólica exercida pelos grupos estabelecidos consegue transformar os valores dos dominantes em valores dominantes, a tal ponto que mesmo os que são mal classificados na hierarquia social, isto é, os desclassificados, reproduzem, cultuam e aplicam a si próprios os valores responsáveis por sua própria desclassificação. (Oliveira, 2004, p. 81)

É desse mar que as transmasculinidades emergem. Não estamos fora da história da masculinidade; somos atravessados por ela. Ao habitarmos o masculino a partir de corpos antes lidos como femininos, ao negociarmos seus códigos e ao recusarmos sua naturalização, revelamos as suas fissuras da masculinidade hegemônica.

## 1.2 AQUELA PULGA ATRÁS DO BINDER: CONTEXTO PROBLEMA DA PESQUISA

*questionar tudo que automaticamente se dizia:*
*Que ser homem pode ser muito mais do que essa baixaria,*
*de achar que ser grande em corpo,*
*vale mais do que ser grande no sentir, no pensar e no amar.*
*Um homem que eu nunca vi, mas não desisti de me tornar…*

*(Trecho de “Entre a ponta e o Calcanhar”, Tali Ifé, 2020, p.54)*

Segundo dados do Dossiê de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2025, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) indicam que, no ano de 2024, foram assassinadas 122 pessoas trans e travestis, o que, em relação ao anos de 2023 e 2024, representa uma tímida queda no número de assassinatos contra pessoas trans — de 145 em 2023 para 122 em 2024. Porém, desde 2017, quando a ANTRA inicia a pesquisa, até então, os dados absolutos dos últimos 8 anos indicam uma média de 147 assassinatos por ano, ou seja 12 casos de assassinatos de pessoas trans, travestis, homens trans, pessoas transmasculinas e não binárias brasileiras ***por mês***.

Tal contexto corrobora com a liderança invicta do Brasil por 17 anos consecutivos no ranking de países que mais matam e suicidam pessoas trans

ao redor do globo, com 30% do total de casos mapeados segundo quantitativos oriundos da pesquisa organizada pelo projeto Trans Murder Monitoring (TMM) da ONG Transgender Europe (TGEU) (TGEU, 2024).

Já no que tange à educação, pesquisas do Censo Trans 2020 da Rede Trans Brasil apontam que 64,1% das travestis e mulheres trans respondentes - público exclusivo da pesquisa - não possuem o Ensino Médio completo, ao passo que 33,9% não chegaram nem mesmo a concluir o Ensino Fundamental (REDETRANS, 2022). Em relação a transmasculines[7], o mapeamento educacional viabilizado pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) e a Revista Estudos Transviades, apesar de ter identificado bons índices de transmasculines cursando o ensino superior (34,7%), 51,5% dos respondentes denunciam desrespeito ao uso de nome social, além de outras violências partindo do corpo docente, discente, técnico, etc, da instituição que está ou esteve estudando[8] (IBRAT, 2023).

Tais dados alarmantes são, todavia, insuficientes diante das peculiaridades de um território tão amplo quanto o Brasil ainda que já demonstrem indícios de quão profunda é a problemática enfrentada pela população trans* nesse país. A falta de dados que considere verdadeiramente a pluralidade de identidades trans* e suas interseccionalidades raciais, de classe e regionais, por exemplo, apenas fomenta a invisibilização de identidades transmasculinas, impossibilita a promoção de políticas públicas eficazes e perpetua o estigma social.

Tendo isso em vista, é importante frisar que **a região Norte é a que menos alimenta em dados as poucas pesquisas realizadas sobre a população trans* no Brasil, sendo sempre a região com menos respondentes identificados em todos os trabalhos consultados nesta pesquisa**. Além disso, as identidades transmasculinas são constantemente subnotificadas em grande parte das pesquisas que levam em consideração identidades trans* de forma geral.

---

[7] O termo neutro “transmasculine” — também podendo variar aqui como “identidades transmasculinas” ou “pessoa(s) transmasculina(s)” mantendo o mesmo sentido — é usado geralmente para aglutinar corpos trans que não se identificam necessariamente como homens trans, mas também como transmaculino, boyceta, pessoa não-binária alinhada ao masculino, etc.

[8] Essa pesquisa permitiu que a pessoa respondente escolhesse mais de uma violência institucional que tenha passado ou ainda passe em ambientes educacionais (IBRAT, 2023).

Segundo dados do “Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans” do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFMG) e do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFMG), 85,7% dos homens trans e transmasculinos já pensaram em suicídio e/ou tentaram cometer o ato (Souza; Prado; Machado, 2015). Já em 2018, a pesquisa “Homens Transexuais: Invisibilidade Social e Saúde Mental” (Bezerra et al., 2018), constatou que 94,5% dos respondentes já se sentiram deprimidos em algum momento da vida e 66,4% apresentando ideação suicida.

A comunhão dos dados de saúde mental da população transmasculina com os de denúncias, elencadas nas pesquisas supracitadas, de desrespeitos e violências contra direitos civis básicos como o nome social e acesso a banheiros, sugerem possíveis interligações, indicando que os atritos entre transmasculinidades e masculinidades cis podem operar como fator de vulnerabilização.

Nesse sentido, Pfeil e Pfeil (2021a) argumentam que a *masculinidade hegemônica*[9], conforme discutida por Bento (2015), constitui-se como um projeto normativo sustentado pela necessidade constante de validação entre “homens de verdade”, operando por meio do medo, da repressão emocional e da violência. A LGBTIfobia, nesse arranjo, não é apenas expressão de preconceito, mas um mecanismo estruturante da ordem de gênero, uma vez que regula quem pode ou não ocupar legitimamente o lugar do masculino. Ao tensionarem esse modelo, as transmasculinidades expõem sua fragilidade e, por isso mesmo, tornam-se alvo de deslegitimação e exclusão.

Nesse sentido, o suicídio também é atravessado por processos de generificação. Se homens cis são socializados para não buscar ajuda e responder ao sofrimento com violência, as pessoas transmasculinas enfrentam uma dupla camada de vulnerabilidade: a imposição da masculinidade hegemônica e a negação de sua própria identidade (Pfeil; Pfeil, 2021a). A ausência de marcadores de identidades transmasculinas nos registros oficiais - estratégia de apagamento de corpos como projeto de impossibilitação de

[9]Aprofundaremos mais adiante sobre a masculinidade hegemônica, aqui ela serve para elucidar a complexidade das relações de gênero com a saúde mental da população transmasculina.

existência - e a universalização da cisgeneridade produzem invisibilidade estatística e política, dificultando a formulação de estratégias de prevenção.

O que quero dizer é que ao *tornar-se um sujeito* - processo de subjetivação - esse sujeito se compõe em uma sociedade generificada, e que essa generificação privilegia determinadas e limitadas (além de binárias) composições de gênero, é sustentada justamente pelas diferenças as quais subjuga através do controle. Isso indica, portanto, que os sujeitos que se colocam como resistência a essa linha de montagem, contrariando-a e lutando pela sua validação civil e social, também torna-se sujeito nesse mesmo contexto e os corpos que não se reconhecem ou são reconhecidos socialmente tornam-se mais facilmente aniquiláveis, inclusive pelo suicídio, pois o apagamento já está inscrito na sua inexistência epistemológica, isto é, na recusa social de reconhecê-los como sujeitos inteligíveis.

Assim, nesta pesquisa que considero como, dentre outras coisas, uma forma de apaziguar minha própria ânsia de compreender como *aprendi/aprendo* a ser um transmasculino, uma vez que visualizo o gênero como uma construção social que veste o corpo (outra construção social), e que se entrelaça num emaranhado de relações de poder cujas características e elementos pedagógicos são perceptíveis através do que chamo de processos educativos de gênero.

Diante do exposto, pergunto-me que características e elementos têm os processos educativos de gênero que ocorrem na subjetivação de transmasculinos? Quais as estratégias de resistência que são desenvolvidas? e, portanto, quais aspectos da masculinidade hegemônica são aglutinados, ressignificada e/ou *trans*passada? Não acredito que conseguirei responder todas, então, para fins organizacionais elegi uma.

## 1.3 O QUE ME PROPONHO: OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A partir da conjuntura apresentada e seus múltiplos desafios, portanto, a pesquisa que aqui se propõe buscará responder a seguinte pergunta direcionadora: **“Que características e elementos compõem os processos educativos de gênero que culminam na produção de subjetivação das transmasculinidades?”**, e tem como objetivo geral o intento de **compreender**

**como se dá a produção da subjetivação das transmasculinidades através dos processos educativos de gênero**.

Para isso, como objetivos específicos, entendo ser necessário **a) discutir a respeito das transmasculinidades e sua relação com as contradições da masculinidade hegemônica**; **b) identificar as estratégias de subversividade dos determinismos de gênero encontrados pelas pessoas transmasculinas**; e **c) examinar os impactos e a importância de redes de apoio de iguais para o reconhecimento identitário das pessoas transmasculinas**.

Em busca de atingir esses objetivos, primeiramente reviso, com o capítulo "Precursores no campo: Estado do Conhecimento", o que foi encontrado em Dissertações e Teses que falam sobre transmasculinidades e seus processos de subjetivação. Esse Estado do Conhecimento, feito no início do Mestrado, revela as tendências teórico-metodológicas dos trabalhos mapeados, assim como as principais discussões que elas levantam.

No capítulo seguinte, apresento o referencial teórico que subsidia a pesquisa, aprofundando ideias já citadas e novas. Nesse capítulo tento atravessar conceitos chave da fortuna crítica de diversas pessoas autoras como Michel Foucault, Judith Butler, Raewyn Connell, Guacira Lopes Louro e Conceição Evaristo, principalmente.

Após isso, no capítulo da metodologia conecto o conceito de Escrevivência explorado ao final de nosso referencial teórico com a metodologia homônima que proponho para esta pesquisa. É importante frisar que por ser um conceito artístico e político, proposto por Conceição Evaristo como aprofundarei mais adiante, esse capítulo também demonstra minha abordagem para o fazer da pesquisa.

No capítulo de discussão e resultados apresento e analiso as escrevivências produzidas em confluência com a Oficina Escre(vivências) Transmasculinas. É nesse momento que os referenciais teóricos e metodológicos ganham concretude nas narrativas dos participantes, organizadas em três eixos analíticos que dialogam diretamente com os objetivos específicos da pesquisa: a) as tensões com a masculinidade hegemônica; b) as estratégias de subversão e negociação dos determinismos de gênero; e c) o papel das redes de iguais na produção de um projeto de vida

e masculinidade. Nesse mesmo capítulo também apresento um mapa de leitura, interpretação, reflexão e crítica conjunta da escrevivência “É longo nascer duas vezes”, de Hana Godoy (Anexo 1) que germinou antes e durante a oficina, assim como uma autoanálise atravessada pela experiência da oficina e pela minha condição simultânea de professor, transmasculino e mediador da pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, que não considero uma conclusão, retomo os principais pontos da investigação não como fechamento, mas como inflexão. Nesse movimento, reafirmo a compreensão das transmasculinidades como processos de subjetivação em constante trânsito, tensionando a ontologia do masculino e evidenciando o caráter pedagógico e histórico da produção do gênero.

Com a intenção de transicionar essa pesquisa em um manifesto literário, por diversas vezes minha opinião e vivências, além de visceralidade transexuais vão aparecer quebrando o protocolo. A literariedade é, a meu ver, a minha forma de fazer a ciência que me proponho a acreditar não se tornar só mais uma ferramenta da cisgeneridade branca. É a arte que transpira dos nossos poros, sobrevivendo todos os dias em peles grossas de tanto serem olhadas com desdém, que pode hidratar as raízes secas das academias. Digo sem medo: o conhecimento que vem das travestis e dos boycetas de quebrada, nas esquinas às batalhas de rap, é ouro puro, paixão, poesia!

## 2. PRECURSORES NO CAMPO: ESTADO DO CONHECIMENTO

Para além do intuito de se compreender o que se tem produzido a respeito das transmasculinidades e suas subjetividades no campo da Educação, o Estado do Conhecimento de Teses e Dissertações aqui presente busca destacar a unicidade desta Dissertação, sua inserção no campo de pesquisa dos últimos anos e, também, o potencial por trás daquilo que se destaca por inovar nesta pesquisa.

Além disso, o Estado do Conhecimento adianta dificuldades que possivelmente serão encontradas em uma pesquisa na mesma temática e pode, através das experiências de outras pessoas pesquisadoras, facilitar os caminhos já conhecidos por elas. Como também, permite identificar as tendências teórico-metodológicas mais utilizadas, o que proporciona maior diálogo entre os teóricos usados em comum (Ferreira, 2002; Romanowski; Ens, 2006).

Para esta pesquisa, o meu Estado do Conhecimento teve como fonte de pesquisa a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e o catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTD). Quando necessário, também se utilizou dos repositórios específicos das Universidades ou programas daqueles trabalhos que estão marcados como indisponíveis para acesso no catálogo e na biblioteca mesmo que estejam listados nela.

Além disso, senti a necessidade de enriquecê-lo com mais trabalhos da região Norte, e por isso, também tentei utilizar o Repositório institucional da Universidade Federal do Pará (UFPA). Tive a intenção de usar algum repositório de trabalhos defendidos na Universidade do Estado do Pará (UEPA), mas a divisão institucional por centros[10] impossibilitou o uso de um repositório unificado para busca, além disso, todos os endereços eletrônicos da

[10] A Universidade do Estado do Pará (UEPA) é dividida em três centros, a saber: o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), o Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) e o Centro de Ciências Naturais e Tecnologia (CCNT). Essa divisão também se aplica ao conhecimento produzido em cada centro, restringindo-os aos endereços físicos e eletrônicos de cada um, respectivamente.

UEPA estavam fora do ar no momento da busca[11], o que impossibilitou o acesso dos sites individualizados de cada centro.

É importante frisar que os critérios de busca precisaram ser diferentes nos repositórios, seja por conta de seus próprios mecanismos de busca, seja pela escassez de trabalhos com enfoque na população transmasculina. A pesquisa teve como enfoque principal um recorte temporal de **2014 a 2024**, porém, pela dificuldade de encontrar-se trabalhos com enfoque em transmasculinos no repositório da UFPA algumas exceções temporais foram abertas, como o caso do trabalho verificado na tabela abaixo.

**Tabela 1: Trabalhos encontrados no repositório institucional da UFPA**

| Palavra-chave | Tese | Dissertação | Área de Concentração | Ano | Título - *Autoria* |
|---|---|---|---|---|---|
| Experiências trans | X | - | Ciências Humanas | 2022 | TRANSAMAZÔNICAS: memórias, experiências e trajetórias de pessoas trans na segunda metade do século XX<br>*Otto Osvaldo da Silva Vasconcelos* |
| Pessoas trans/travestis | X | - | Ciências Humanas | 2023 | OLHARES DA/NA CI(S)DADE: transexualidades/travestilidades, raça e práticas nos espaços citadinos de Belém – PA “em plena luz do dia” -<br>*Gleidson Wirllen Bezerra Gomes* |
| Transexualidade | - | X | Artes | 2013 | Holofotes sobre carnes: transhomens nas artes<br>*Iracy Rúbia Vaz da Costa* |
| Transexualidade | - | X | Direito | 2017 | Despatologização das vivências trans: o impacto da abolição do diagnóstico de gênero nos direitos das pessoas trans -<br>*Raimundo Wilson Gama Raiol* |
| Transexualidade | - | X | Educação | 2015 | Sobre corpos insolentes: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação -<br>*Silvane Lopes Chaves* |

[11] A busca do Estado do Conhecimento se deu entre 11/03/2024 e 22/04/2024, a retomada das buscas após perda de parte dos arquivos, por conta de problemas técnicos com o computador do pesquisador, se deu no período de 20/04/2025 e 23/04/2025. As buscas específicas dos repositórios da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Universidade Federal do Pará (UFPA) ocorreram neste segundo intervalo de datas.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Travesti | - | X | Direito | 2020 | “Morreu? Não vai dar em nada, melhor nem ter o trabalho” : uma análise dos assassinatos de travestis em Belém - *Davi Haydee Almeida Lopes* |

Fonte: elaborado pelo autor

Na **Tabela 1** percebe-se um total de 6 trabalhos identificados no repositório que têm como foco as transgeneridades, sendo que apenas um deles está fora do recorte de 2014-2024, o trabalho de Costa (2013), o único que trata de identidades transmasculinas. Nesse caso, pela ausência de trabalhos com palavras-chave como: homem trans, transmasculino, transmasculinidade, esse trabalho foi aqui destacado.

Pela busca no repositório da UFPA não permitir a combinação de palavras-chave, precisei efetuar a busca manual com os outros termos utilizados nas buscas dos outros repositórios. Assim a associação com termos como: educação, escola, Escrevivência, escrita de si e subjetivação se deu na busca rápida dentro do corpo do texto. Os trabalhos que não se mostraram alinhados minimamente com esses termos foram desconsiderados do montante final da **Tabela 1**.

Considerando a busca pouco frutífera no repositório da UFPA, decidi considerar para a discussão do presente trabalho apenas os trabalhos da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e do catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTD). Apesar disso, mantive os títulos encontrados na **Tabela 1** com a intenção de colaborar com a difusão das produções regionais através da minha e servir de parâmetros comparativos futuros caso eu encontrasse trabalhos do Norte nos outros bancos de dados.

Para a seleção das Teses e Dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTD), busquei utilizar os primeiros critérios de busca aplicados no repositório da UFPA e que são enfoque da pesquisa (homem trans, trans homem, transmasculino, transmasculine, transmasculinidade(s)). Ao contrário do repositório da UFPA, esses repositórios permitem o uso de palavras combinadas, de modo que utilizei as seguintes palavras chaves combinadas: [homem trans], [transmasculino], [transmasculinidade], [Escrevivência], [escrita

de si], [subjetivação], [educação], [escola], desconsiderando as repetições, inversões duplicadas e combinações que não aparece alguma palavra chave que indiquem a identidade transmasculina.

Considerando as 15 possibilidades de descritores geradas e o número de resultados repetidos usando essas variações, utilizei dos seguintes critérios de exclusão para limitar os trabalhos que seriam listados e analisados: a) não ter pessoas transmasculinas como enfoque principal e/ou público alvo de pesquisa **explícito** no título ou resumo do trabalho; b) Tese ou Dissertação apontada como não disponível para acesso no catálogo que esteja igualmente inacessível através do repositório específico da Universidade ou do programa daquele trabalho; c) a pesquisa não estabelece relação direta entre pessoas transmasculinas e o ambiente escolar ou educacional, ou processos educativos **explícito** no título ou resumo do trabalho; d) duplicata de trabalhos que já tenham sido catalogados em outro descritor ou banco de dado consultado previamente.

A partir desses critérios, obteve-se 4 descritores que apresentaram resultados frutíferos nas fontes buscadas conforme a tabela abaixo:

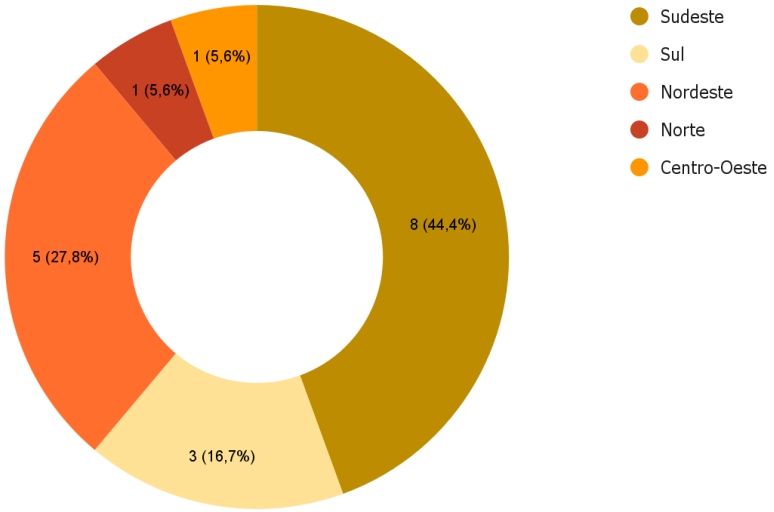
**Tabela 2: Relação de Dissertações e Teses por descritor e fonte consultada**

| Descritores | BDTD | | CTD | | Total |
|---|---|---|---|---|---|
| | Dissertações | Teses | Dissertações | Teses | |
| Homem trans, educação | 3 | 1 | 0 | 0 | **4** |
| Homem trans, subjetivação | 0 | 0 | 2 | 0 | **2** |
| Transmasculino, subjetivação | 0 | 0 | 3 | 1 | **4** |
| Transmasculinidade, educação | 3 | 2 | 3 | 0 | **8** |
| **Total Geral** | **6** | **3** | **8** | **1** | **18** |

Fonte: elaborado pelo autor

A partir disso, o Estado do Conhecimento teve um **total de 14 Dissertações e 4 Teses** identificadas nas bases da BDTD e CTD. A distribuição dos trabalhos do levantamento conforme suas regiões de origem estão expostos no gráfico abaixo:

**Gráfico 1: Produção por Região**




Fonte: elaborado pelo autor

Interpreta-se através do gráfico uma grande concentração da produção de trabalhos científicos sobre as transmasculinidades na região Sudeste do país (8 trabalhos) e uma crescente significativa de trabalhos produzidos no Nordeste (5 trabalhos).

Já em relação ao Norte, a **Tabela 1** nos oferece um comparativo que indica o que a UFPA dispõe nos seus repositórios a respeito das transmasculinidades, representado pelo único trabalho do ano de 2013 (Costa, 2013). Porém, o outro trabalho com enfoque nas transmasculinidades, localizado através de descritor presente na **Tabela 2,** que também é da UFPA, não consta no próprio repositório da instituição segundo os critérios usados outrora, sendo localizado apenas a partir da CTD.

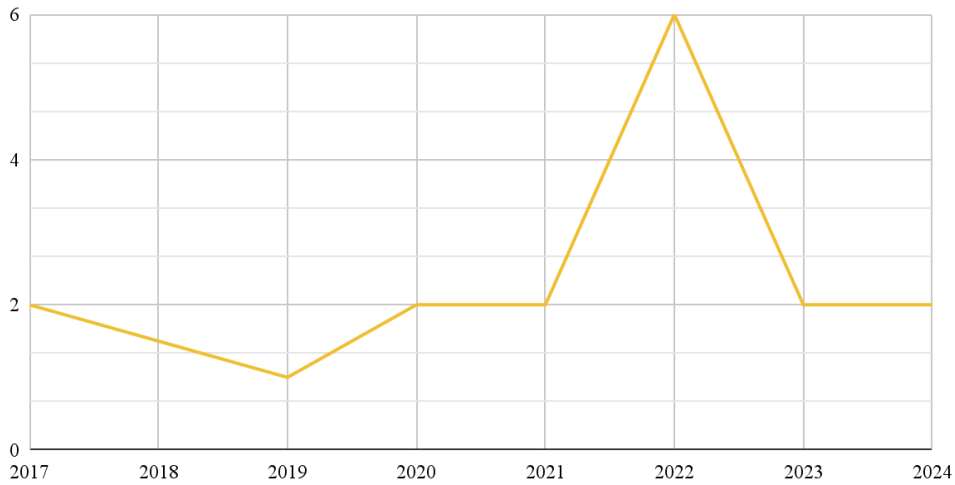
Ou seja, caso tivesse sido considerado o único trabalho produzido em 2013 que foi mapeado no repositório da UFPA, ao todo ter-se-ia dois trabalhos do Norte[12]. Nesse viés, interpreto essas ocorrências como o quão pouco essa identidade tem assumido o protagonismo de pesquisa na nossa região e estado, e como os próprios percalços burocráticos dos repositórios online acabam dificultando o acesso ao que é produzido.

Noutro plano, da perspectiva de análise temporal (**Gráfico 2)**, percebe-se um aumento de produções acadêmicas nessa temática que atinge seu ápice

[12] É importante frisar que, por esse Estado do Conhecimento deter de critérios de inclusão e exclusão específicos, assim como os descritores aqui expostos, trabalhos podem ter sido ocultados pelo sistema impedindo sua aparição nessa análise. O montante de dois trabalhos que aqui se afirma, portanto, diz respeito ao contexto desta pesquisa.

em 2022 (6 trabalhos) e volta aos números próximos de 2020 em 2023 e 2024. É importante frisar que, possivelmente, esse maior número de produções científicas na temática nos últimos cinco anos pode ter alguma relação com a maior visibilização das pautas de direitos trans* que vêm tomando cada vez mais espaço nas mídias.

**Gráfico 2: Distribuição de quantitativos das produções por ano**




Fonte: elaborado pelo autor

Foi no ano de 2020, por exemplo, que Erika Hilton foi eleita com 50.508 votos, tornando-se a vereadora mais votada do Brasil e a primeira mulher trans a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de São Paulo (Safatle, 2021), enquanto em setembro do mesmo ano, a Rede Globo trouxe uma reprise/edição especial da novela "A força do querer"[13] que deu visibilidade a um personagem transmasculino, o Ivan, o que gerou e reavivou muitos embates nas redes sociais[14].

[13] A novela "A força do querer", escrita por Glória Perez em 2017, foi inspirada na autobiografia de João W. Nery, A viagem solitária", conforme o próprio Nery pontua (Nery, 2018, p.401)

[14] Ivana conta que é trans, sofre rejeição da família e corta o próprio cabelo. Gshow, 14 jan. 2021. Disponível em:

Outro marco relevante do período do pico de publicações, em 2022, foi a decisão unânime da Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) que estabeleceu que a Lei Maria da Penha se aplica aos casos de violência doméstica ou familiar contra mulheres transexuais[15]. E o fato de que entre 2019 e 2022, o número de pessoas trans* que fizeram a alteração de nome e gênero dobrou, segundo a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen/Brasil), entidade que reúne todos os 7.741 Cartórios de Registro Civil do país[16].

É evidente, porém, que o número de trabalhos com enfoque nas transmasculinidades ainda está muito aquém e pouco se sabe sobre os impactos dessas pesquisas nos avanços por direitos civis ou mais visibilidade das pessoas transmasculinas a nível nacional. Dessa forma, os números são pouco expressivos diante da quantidade de Dissertações e Teses defendidas nacionalmente por ano.

No que diz respeito aos programas que subsidiaram as pesquisas, a **Tabela 3,** nos permite identificar um maior alinhamento dos trabalhos com a área da Educação e da Psicologia, todos inseridos na grande área das Ciências Humanas.

---

https://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/vem-por-ai/noticia/ivana-conta-que-e-trans-sofre-rejeicao-da-familia-e-corta-o-proprio-cabelo.ghtml. Acesso em: abr. 2024.

[15] STJ aplica Lei Maria da Penha à violência contra mulher trans. STJ, 06 abr. 2022. Disponível em: https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/05042022-Lei-Maria-da-Penha-e-aplicavel-a-violencia-contra-mulher-trans--decide-Sexta-Turma.aspx. Acesso em: abr. 2024.

[16] Folha de S.Paulo – Brasil registra em 2023 número recorde de mudança de gênero em cartórios. Arpen-Brasil, 26 dez. 2023. Disponível em: https://arpenbrasil.org.br/folha-de-s-paulo-brasil-registra-em-2023-numero-recorde-de-mudanca-de-genero-em-cartorios/. Acesso em: mar. 2024.

**Tabela 3: Relação de Programas de Pós-Graduação e quantitativos de produções**

| Programa de Pós-Graduação | Número de trabalhos |
|---|---|
| Programa de Pós-Graduação em Educação | 7 |
| Programa de Pós-Graduação em Psicologia | 3 |
| Programa de Pós-Graduação em Geografia | 1 |
| Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade | 1 |
| Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual | 1 |
| Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade | 1 |
| Pós-Graduação em Ensino | 1 |
| Programa de Pós-Graduação em estudos de cultura contemporânea | 1 |
| Programa de Pós-Graduação em psicologia institucional | 1 |
| Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana | 1 |
| Total | **18** |

Fonte: elaborado pelo autor

Como afirmado anteriormente, a discussão a respeito de transmasculinidades que aqui foram mapeadas também foram comparadas com as encontradas na **Tabela 1** do repositório da UFPA. Apesar de não terem sido feitas pesquisas específicas que buscassem identidades transmasculinas como protagonistas desses trabalhos anteriores aos anos de 2014 no BDTD e no CTD, também não foram delimitados intervalos temporais nessa busca (a seleção do intervalo 2014-2024 foi totalmente manual, por parte do autor, checando-se a data de todos os resultados oferecidos) e, apesar disso, não foi identificado nenhum trabalho anterior a 2014 com essa temática de outra instituição. Isso indica dizer que o trabalho de 2013 (**Tabela 1)** da UFPA pode representar um certo pioneirismo de protagonismo dessa identidade em trabalhos de pós-graduação (principalmente na região Norte).

Já no que tange ao conteúdo, os trabalhos foram analisados e qualificados conforme os seguintes critérios: **objeto, objetivo, metodologia e resultados**. Para a organização do aprofundamento subdividido abaixo, usou-se prioritariamente dos resumos das Teses e Dissertações e, quando este não oferecia subsídio o suficiente para a interpretação, recorreu-se à busca no

corpo do texto. Todos os trabalhos analisados passaram por leitura na íntegra para a conferência das informações abaixo.

A crescente visibilidade das pautas das identidades trans* no Brasil tem impulsionado o surgimento de pesquisas acadêmicas que buscam compreender, registrar e discutir as múltiplas vivências dessa população, inclusive e principalmente de transmasculinos. A análise das 18 Teses e Dissertações, detalhada abaixo, revela um panorama rico e complexo de experiências, desafios e ressignificações que atravessam os sujeitos transmasculinos em diferentes dimensões da vida social e acadêmica.

## 2.1 DO OBJETO DOS PRECURSORES

Ao observar os **objetos** das 18 pesquisas analisadas, percebe-se que, apesar da diversidade de enfoques, há algumas tendências comuns na delimitação do que se entende como transmasculinidades e nos contextos em que essas experiências são investigadas. Assim, destaco três grandes eixos de abordagem: as vivências educacionais, as narrativas autobiográficas e as configurações performativas e sociais da transmasculinidade.

Um grupo significativo de estudos dedica-se às vivências de homens trans em espaços educacionais, especialmente no ensino superior. Essa ênfase aparece nas pesquisas de Santos (2020) e Araújo (2021), que investigam experiências escolares e universitárias de homens trans; em Capistrano (2023), que amplia o olhar para o ambiente escolar na infância e adolescência; e em Passos (2019) e Modesto (2024), que focam na docência transmasculina e nos desafios enfrentados por docentes transmasculinos em suas práticas educativas.

Além disso, Melo Junior (2022) articula as vivências de transmasculinos formados na área de Ciências Humanas com as diretrizes da BNCC, propondo uma interface entre formação docente e políticas curriculares. Tais estudos evidenciam, ao meu ver, uma preocupação crescente com os modos como a escola e a universidade moldam, restringem ou potencializam as experiências transmasculinas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), em mapeamento educacional das transmasculinidades do Brasil (IBRAT, 2023), 34,7% dos respondentes estão cursando o ensino superior. Esse dado pode

indicar não um privilégio inerente às transmasculinidades, mas um recorte específico das transmasculinidades que conseguem acessar e permanecer no ensino superior, atravessadas por marcadores de raça, classe e regionalidade, considerando também o eixo de vivências educacionais mapeadas nesse Estado do Conhecimento.

Todavia, é importante acrescentar que ao abordar identidades subalternizadas é preciso ter uma consideração interseccional que, segundo Akotirene (2019), é um posicionamento contrário ao genocídio europeu responsável pelo apagamento linguístico e arquitetônico contra muito mais do que apenas as “indígenas, imigrantes, mulheres, negros, religiosos do candomblé, gordos e grupos identitários diversificados” (Akotirene, 2019, p. 22-23), mas também às metodologias dependentes epistemologicamente da Europa Ocidental e Estados Unidos.

Logo, dentro do mesmo mapeamento educacional das transmasculinidades do Brasil (IBRAT, 2023), tem-se a ressalva de que a região com maior número de respostas foi a Região Sudeste, com 48,5% das respostas e, em relação à racialidade,a maior parte das pessoas transmasculinas deste mapeamento se autodeclararam brancas (62,6%).

Considerando as dificuldades de um mapeamento de larga escala, a nível nacional, que teve sua coleta através da internet, diversas condicionantes podem suscitar no contexto de seus resultados, que, precisa ser considerada por meio da visão interseccional uma vez que ela

> impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (Akotirene, 2019, p. 27)

Isso significa que a simples leitura quantitativa dos dados não pode ser tomada como expressão homogênea da realidade transmasculina no Brasil. Importa destacar também que não afirmo aqui uma imprecisão ou erro dos dados no mapeamento promovido pelo IBRAT, mas antes busco interseccionalizar seus resultados considerando a configuração social do grupo que tem maior acesso à pesquisa e à produção de conhecimento. Ao

problematizar os atravessamentos estruturais que condicionam quais sujeitos conseguem acessar e permanecer em espaços educacionais formais, ao invés de afirmar uma verdade homogênea sobre as transmasculinidades, sugere-se que os sujeitos mais presentes nas pesquisas, e, consequentemente, mais visíveis são aqueles que, em alguma medida, acessam os privilégios da branquitude, da escolarização formal e da centralidade geográfica.

Outro eixo importante se volta para as narrativas autobiográficas e relatos de vida como objeto de investigação deste Estado do Conhecimento. Esse movimento aparece com destaque nos trabalhos de Melo (2020) e Zerbinati (2017), que analisam a autobiografia de João W. Nery, especialmente a obra Viagem Solitária, como espelho e síntese de uma trajetória transmasculina singular.

A investigação de Pamplona (2017) amplia esse olhar ao analisar relatos de quatro transhomens brasileiros, enquanto Neves (2023) discute o potencial das autobiografias como fontes de leitura crítica sobre transmasculinidades. Nesse mesmo caminho, Marinho (2022) examina os discursos generificados presentes nas escritas de si, explorando como eles constituem performatividades, ensinamentos e aprendizagens.

Um terceiro eixo congrega pesquisas que se propõem a discutir as estruturas sociais, simbólicas e políticas que atravessam e conformam as transmasculinidades. Cruz (2024) explora a performatividade de gênero no processo transexualizador; Miranda (2021) discute o reconhecimento de si e o reconhecimento social; Boffi (2022) analisa as identidades e processos corporais; Rodriguez (2022) investiga experiências de transmasculinos que trabalham com sexo online e presencial; Cardoso (2022) estuda como se dá a incorporação direta ou indireta da masculinidade; Pedrini (2017) discute a produção de conhecimento nas/com as transmasculinidades; e Lima (2022) analisa a produção acadêmica da Revista Estudos Transviades.

Esses trabalhos trazem à tona dimensões materiais, políticas e epistemológicas da vida transmasculina, abordando desde o mercado do sexo até a circulação de saberes acadêmicos sobre o tema. Em síntese, as pesquisas precursoras privilegiam ora as vivências institucionais de homens trans (sobretudo na educação), ora as narrativas de vida e escritas de si, ora as

dinâmicas sociais, corporais e epistemológicas que estruturam as transmasculinidades.

Compreendo esse leque diverso de objetos mapeados como a produção de um campo em expansão, com crescente complexificação e refinamento teórico. E, que em relação à pesquisa que aqui proponho — cujo enfoque está nos processos educativos de gênero na produção das subjetividades transmasculinas —, busca inserir-se de forma orgânica nesse panorama, contribuindo para aprofundar a compreensão das estratégias de resistência e ressignificação da masculinidade hegemônica por essas identidades transmasculinas.

## 2.2 DO OBJETIVO DOS PRECURSORES

Quanto à análise dos **objetivos** das Dissertações e Teses, é evidenciado um esforço contínuo de compreender a constituição das transmasculinidades a partir de múltiplas entradas: educacional, corporal, subjetiva, narrativa, política e epistemológica. De modo geral, os objetivos das pesquisas precursoras orbitam em torno de três grandes eixos: processos educativos e escolares, experiências subjetivas e narrativas identitárias, e produção de conhecimento, corporeidades e masculinidades trans.

No que se refere ao eixo educacional, algumas pesquisas centram-se na investigação de como a escola, a universidade e a docência são vivenciadas por sujeitos transmasculinos. Santos (2020) busca compreender como as vivências acadêmicas realocam homens trans em suas espacialidades múltiplas, enquanto Araújo (2021) problematiza se esses sujeitos enfrentam obstáculos semelhantes aos vivenciados por travestis e mulheres trans nos trajetos educacionais.

Já Passos (2019) e Modesto (2024) voltam-se especificamente para a docência, com foco na inserção, permanência e resistência de professores trans em contextos escolares cisheteronormativos. Por sua vez, Capistrano (2023) investiga como as experiências transmasculinas na educação básica geram brechas institucionais para repensar a escola, enquanto Melo Junior (2022) estabelece uma relação entre transmasculinidades com formação em Ciências Humanas, ensino sobre gênero e a BNCC.

Compreendo que esses trabalhos, ainda que distintos em seus objetivos, convergem ao buscar, nesse núcleo, a potência da escola como espaço de disputa simbólica e material para os sujeitos trans. Sendo importante destacar a importância da instituição escolar na (re)produção de diferenças, mas também como solo fértil para a resistência e práticas subversivas (Louro, 2014).

O segundo eixo se refere aos estudos que tomam as narrativas, autobiografias e escritas de si como formas de acessar os processos de subjetivação das transmasculinidades. Marinho (2022) analisa os discursos generificados nas escritas de si de epístolas e suas implicações na constituição do "Currículo da Vida do Corpo Trans", enquanto Pamplona (2017) busca entender como quatro homens trans arquitetam ferramentas para enfrentar a matriz hegemônica da masculinidade. Neves (2023), por sua vez, resgata e compara quatro autobiografias transmasculinas brasileiras.

Nesse mesmo viés, Melo (2020) e Zerbinati (2017) focalizam a obra autobiográfica de João W. Nery, problematizando, respectivamente, os embates de identidade do auto-personagem e a crítica aos determinismos psicopatológicos. Enquanto Cardoso (2022) busca analisar a construção das masculinidades trans a partir de narrativas e memórias pessoais. Esses estudos, que entendo como mais próximos ao que proponho nesta pesquisa, não apenas reconhecem a potência das narrativas autobiográficas, como também reivindicam essas narrativas como forma legítima de produção de conhecimento.

Um terceiro eixo reúne investigações cujo objetivo é compreender as experiências transmasculinas em suas dimensões políticas, corporais, epistemológicas e sociais. Cruz (2024) propõe compreender as fronteiras semióticas envolvidas no tornar-se homem trans; Miranda (2021) busca identificar os significados de masculinidade subjetivamente apropriados por homens trans; Boffi (2022) foca nos sentidos das identidades transmasculinas em relação aos processos corporais e à leitura social da masculinidade no pós-transição. Rodriguez (2022) desloca o olhar para o campo do trabalho sexual, examinando a constituição identitária dos transmasculinos nesse espaço.

Lima (2022) e Pedrini (2017), por sua vez, ampliam a discussão para os atravessamentos políticos e afetivos dessas identidades. Enquanto o primeiro evidencia os processos de identificação e potência das transmasculinidades, o segundo propõe experiências coletivas de criação e agenciamento com homens trans.

## 2.3 DA METODOLOGIA DOS PRECURSORES

No que diz respeito às **metodologias** empregadas nas pesquisas precursoras sobre transmasculinidades aqui mapeadas, evidencia-se um compromisso epistemológico com abordagens qualitativas, críticas e implicadas, que valorizam a experiência encarnada, os discursos subjetivos e as formas alternativas de produção de conhecimento.

A análise dos métodos revelou uma diversidade de estratégias investigativas, organizáveis em três grandes eixos: entrevistas e narrativas de vida, análises discursivas e autobiográficas, e metodologias críticas e inventivas.

A primeira tendência metodológica predominante é o uso de entrevistas, especialmente as semiestruturadas e narrativas, como principal ferramenta de acesso à experiência dos sujeitos. Essa abordagem está presente em Santos (2020), que utilizou entrevistas via amostragem por "bola de neve"; Passos (2019), Miranda (2021) e Boffi (2022), que optaram por entrevistas semiestruturadas; Modesto (2024), que combinou entrevistas narrativas com questionários estruturados; e Cruz (2024), Rodriguez (2022) e Pedrini (2017), que adotaram a entrevista narrativa como técnica central.

Já Araújo (2021) e Cardoso (2022) empregaram a história oral temática, buscando reconstruir trajetórias transmasculinas a partir da memória pessoal. Essas metodologias, de modo geral, valorizam a escuta ativa, a reconstrução de sentidos subjetivos e a compreensão do vivido a partir das próprias vozes dos sujeitos transmasculinos.

O segundo eixo de trabalhos mobiliza metodologias centradas na análise de discursos e escritos autobiográficos, muitas vezes articuladas a referenciais como a teoria *queer*, os estudos pós-estruturalistas e feministas. Essas pesquisas tendem a buscar uma leitura crítica das narrativas autobiográficas,

tratando-as como fontes legítimas de produção de conhecimento e como espaços performativos de subjetivação.

Melo (2020), Zerbinati (2017) e Neves (2023) desenvolvem estudos sobre a autobiografia de João W. Nery ou sobre autobiografias transmasculinas, mobilizando a teoria queer, a psicanálise winnicottiana (no caso de Zerbinati), e a análise comparativa de narrativas.

A partir disso, Marinho (2022) realiza uma análise do discurso de cartas (auto)biográficas para compreender performatividades e aprendizagens, assim como Pamplona (2017) também se insere nessa vertente, ao analisar relatos e cartas autobiográficas com base em aportes dos estudos *queer*, feministas e pós-estruturalistas.

Esses estudos se destacam também por propor leituras subjetivas, encarnadas e autorreferenciais, alinhadas inclusive ao uso da Escrevivência como abordagem teórico-metodológica escolhida para esta pesquisa. Marinho (2022), por exemplo, explica porque elegeu o gênero textual carta para materializar as Escrevivências

> Neste trabalho, a epístola ganhou um caráter metodológico. Portanto, para dar esse sentido de existência a ela, foi preciso pensar remetentes e destinatárias com histórias reais; com remetentes que estivessem dispostas a escrever sobre suas experiências de vida e de relação com seus corpos. [...] As missivas contaram dos espaços que esses corpos ocuparam ao longo da vida e de espaços que lhes foram possivelmente negados enquanto corpos e sujeitos que fogem à norma social de gênero. (Marinho, 2022, p. 51)

Há ainda um terceiro eixo de estudos que emprega metodologias mais inventivas, críticas ou experimentais, muitas vezes associadas a perspectivas decoloniais e epistemologias do sul.

Capistrano (2023) conduz uma etnografia em ambiente escolar, buscando compreender a produção de espaços institucionais a partir da vivência transmasculina. Lima (2022) utiliza a cartografia e métodos inventivos, trabalhando com os atravessamentos e potências identitárias. Pedrini (2017) combina entrevistas com estudos cartográficos dos cotidianos, propondo uma pesquisa construída com os sujeitos, e não sobre eles. Por fim, Melo Junior (2022) utiliza uma abordagem mais interpretativa para analisar os dados à luz da BNCC, ainda que sem explicitar um método qualitativo clássico.

Essa diversidade metodológica reflete um compromisso teórico com paradigmas que rejeitam abordagens normativas e universalizantes, valorizando saberes situados, práticas de resistência e subjetividades em movimento. Compreendo que a presença marcada de referenciais como a teoria queer, os estudos de gênero e os aportes pós-estruturalistas indica uma ênfase em epistemologias que desafiam modos hegemônicos de produção de conhecimento.

## 2.4 DOS RESULTADOS DOS PRECURSORES

No que tange aos **resultados** das pesquisas precursoras que investigam as transmasculinidades, entendo ser necessário compreender o porquê de ponderar esse aspecto das pesquisas.

Através do debruçamento sobre os resultados das pesquisas do Estado do Conhecimento, não apenas compreendemos os desdobramentos empíricos e teóricos já alcançados por esse campo emergente (Ferreira, 2002), mas também identificamos as lacunas, tensões e caminhos metodológicos e analíticos que podem atravessar a minha própria pesquisa.

Desse modo, ao observar os sentidos que emergem dessas investigações, torna-se possível antecipar desafios interpretativos e éticos, além de refinar meu olhar investigativo para captar nuances dos processos educativos de gênero, foco central do meu trabalho.

A leitura comparativa dos resultados mostra três grandes eixos: a desestabilização e/ou reprodução de normas de gênero, a subjetivação e performatividade transmasculina e a agência, resistência e produção de conhecimento encarnado.

A respeito do primeiro eixo, muitas pesquisas indicam que as presenças transmasculinas operam tanto como força de desestabilização dos modelos normativos de gênero, quanto como agentes tensionados por exigências de conformidade cisheteronormativa.

Santos (2020) destaca como essas presenças reconfiguram espacialidades e relações de poder; Capistrano (2023) mostra que estudantes trans desafiam o conforto institucional quanto às normas de gênero; Pamplona (2017) aponta que a desconstrução da masculinidade hegemônica é um

esforço contínuo entre homens trans; e Cardoso (2022) evidencia a reprodução de padrões de gênero como estratégia de proteção e pertencimento.

Por outro lado, Marinho (2022) alerta que o currículo pode reforçar modelos cisnormativos, mesmo quando se propõe a reconhecer as existências trans e Araújo (2021) observa o esforço institucional de enquadramento das masculinidades trans aos moldes hegemônicos. Esses resultados colocam em evidência a ambiguidade do campo: enquanto os sujeitos transmasculinos subvertem normatividades, também estão sujeitos a pressões constantes de assimilação.

O segundo eixo destaca os modos como a masculinidade é vivida, performada e subjetivada nas experiências transmasculinas. Melo (2020) e Zerbinati (2017), ao analisar a autobiografia de João W. Nery, revelam conflitos identitários e o desejo por reconhecimento como expressão de um eu legítimo, desafiando patologizações; Miranda (2021) aponta que o reconhecimento da identidade trans ocorre por um duplo movimento: rejeição da identidade feminina e identificação com a masculina; Boffi (2022) analisa como a testosterona permite conquistas simbólicas da masculinidade, mas impõe também a cobrança por responder a suas normativas cis.

Já Cruz (2024) destaca que os atos performativos reiterados tornam permeáveis as fronteiras do gênero, criando espaços de redefinição contínua. Entendo esses achados conclusivos como refletores que iluminam a complexidade do processo de tornar-se homem trans, vivido simultaneamente como libertação, tensionamento e reconstrução.

Por fim, o terceiro eixo alinha os resultados de diversos autores que evidenciam estratégias de resistência, reinvenção e produção de conhecimento que emergem da experiência dos sujeitos transmasculinos. Passos (2019) mostra como a invisibilidade — via retificação de documentos ou alterações corporais — pode ser mecanismo de autoproteção; Modesto (2024) revela que a permanência na docência exige adaptações improvisadas e contínuas; Rodriguez (2022) constata que o trabalho sexual ainda é, para muitos, uma forma de subsistência, revelando desigualdades persistentes.

Já Lima (2022) e Pedrini (2017) propõem uma visão mais afirmativa e política: enquanto Lima reconhece os modos de subjetivação das "multidões transviades" como resistência ao tempo linear e à lógica biologicista, Pedrini

apresenta o homem trans como aquele que "transborda" as fronteiras identitárias, construindo existência nos encontros.

Neves (2023), por sua vez, afirma que as experiências corporificadas são formas legítimas de conhecimento. E Melo Junior (2022) sistematiza esses aprendizados por meio de um modelo pedagógico interdisciplinar baseado em quatro categorias que organizam o ensino de gênero nas Ciências Humanas.

Em seu compasso errante e insurgente, os resultados das pesquisas precursoras que aqui são evisceradas revelam que a subjetividade transmasculina não nasce pronta — ela se forja no atrito, na dobra, no improviso entre o apagamento e a aparição, entre o peso da norma e o gesto da recusa.

Em seu compasso errante e insurgente, os resultados das pesquisas precursoras aqui analisadas revelam que a subjetividade transmasculina não nasce pronta, mas que se forja no atrito entre o apagamento e a aparição, entre o peso da norma e o gesto da recusa. Trata-se de uma existência que oscila entre camuflagem e grito, entre tentativa de encaixe e rompimento criador.

Nesse terreno de contradições, a transmasculinidade não é colocada como essência, mas território em disputa: pedagógico, político, simbólico, existencial. É nessa arena que esta pesquisa finca seus pés em busca de compreender como se ensina e como se aprende a “ser homem” para as transmasculinidades num mundo em que o masculino ocupa o lugar do enunciador invisível e, sobretudo, como se resistem às normativas por meio de estratégias que desviam, reinventam e implodem a própria ideia de “homem”.

Talvez sejamos suəɯoɥ, afinal…

## 3. A FORTUNA TEÓRICA DE QUE ME DISPONHO

Nesta seção de referencial teórico, busco aprofundar a compreensão sobre os processos de constituição do sujeito, tendo como eixo teórico os modos de subjetivação descritos por Michel Foucault. E, partindo da análise foucaultiana das práticas de si e das tecnologias de poder que atravessam a formação da subjetividade, passo a buscar construir uma ponte teórica com os estudos *queer*, particularmente com a teoria de Judith Butler, que amplia e tensiona esses debates a partir da crítica às normatividades de gênero, gênero como performatividade e sexualidade.

A primeira subseção foi dedicada à exposição da perspectiva foucaultiana sobre os modos de subjetivação. Nela, argumento que o sujeito não é uma essência dada ou anterior às relações de poder, mas um efeito dessas mesmas relações, constituído por práticas discursivas e éticas que o interpelam e, ao mesmo tempo, o conformam. Ao tratar do “sujeito moral” e da “produção de si”, busquei evidenciar o papel que a normatividade exerce na constituição de identidades, inclusive no que se refere ao desejo.

A próxima subseção é dedicada a investigar a função reguladora da categoria “sexo”, articulando a crítica foucaultiana ao sujeito do desejo com a leitura de Butler sobre a sexualidade como dispositivo de poder. O objetivo é mostrar como o “sexo” é construído como uma verdade naturalizada que oculta as operações discursivas que o constituem, sendo peça central na produção do sujeito como desejante, inteligível e disciplinado.

Interessa-me, sobretudo, a forma como Butler retoma Foucault ao propor uma crítica à categoria de “sexo” como fundamento estável da identidade. Nessa passagem, torna-se necessário esclarecer brevemente a distinção conceitual que assumo entre sexo, gênero e atração sexual, a fim de delimitar o campo de análise e evitar confusões terminológicas.

Assumo, portanto, que sexo se refere às classificações biomédicas atribuídas ao corpo ao nascimento (como masculino equivale a ter um pênis ou feminino equivale a ter uma vagina), ainda que tais classificações sejam em si mesmas marcadas por construções políticas e históricas. O gênero, por sua vez, é compreendido como a estilização repetida dos corpos (Butler, 2018), um

sistema de normas, práticas e significados culturais que atribuem papéis sociais e modos de existência aos corpos sexados.

Já a atração sexual refere-se às orientações do desejo, isto é, às direções que esse desejo pode assumir em relação a outros corpos e sujeitos — uma dimensão que, embora relacionada ao sexo e ao gênero nas suas movimentações e deslocamentos, não se confunde com nenhum dos dois. Compreendendo a distinção que se dá dessa tríade, trago ao debate a produção da (cis)heteronormatividade.

Posteriormente, busco ampliar o olhar para além dos modelos cristalizados de masculinidade e considerar experiências que escapam, desviam e transgridem os roteiros normativos. Para isso, trabalho com a fortuna teórica de Raewyn Connell para articular o conceito de masculinidades hegemônicas às transmasculinidades.

Para tanto, conceituo processos educativos de gênero baseado nas Pedagogias da sexualidade de Guacira Lopes Louro (2023) e, por fim, busco refletir sobre os processos de subjetivação transmasculinos não a partir do trauma ou da abjeção, mas a partir das práticas de resistência, das (re)inscrições poéticas do corpo e da escrita de si como potência de criação.

## 3.1 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Considero fundamental, para a compreensão dos modos de subjetivação das transmasculinidades, explicitar previamente o que assumo, neste trabalho, como “modos de subjetivação” e como “sujeito”. Contudo, para que possamos alcançar esses conceitos fundamentais, cuja formulação tem como principal referência o pensamento foucaultiano, é necessário, antes, abordar brevemente alguns aspectos centrais da trajetória filosófica de Michel Foucault.

Embora Foucault seja amplamente reconhecido por suas investigações acerca das relações de poder, o próprio autor, em um apêndice da obra organizada por Rabinow e Dreyfus, afirma que, na realidade, o sujeito sempre foi o principal foco de sua curiosidade intelectual. Nessa ocasião, ele explicita que seu objetivo consistiu em elaborar uma “história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”

(Foucault, 1995), evidenciando que a trajetória de seu pensamento até então convergia para essa problemática central.

Dessa perspectiva, podemos perceber na fortuna teórica de Michel Foucault dois sentidos da expressão “modos de subjetivação”, sendo um mais geral e outro mais específico. Aquele geral diz respeito aos modos de subjetivação como modos de objetivação do sujeito, ou seja, as formas pelas quais o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de saber e de poder. Este mais específico, por outro lado, compreende a subjetivação não apenas como uma relação de sujeição a normas, mas como um processo ativo, no qual o sujeito se envolve na elaboração de práticas, técnicas e exercícios voltados à transformação de seu próprio ser.

Tais sentidos desvelam três modos de subjetivação/objetivação[17] imersos na sua filosofia (Castro, 2011), a saber:

> 1- Modos de investigação que pretendem acessar o estatuto de ciências: por exemplo, a objetivação do sujeito falante na gramática geral ou na linguística, a objetivação do sujeito produtivo na economia política. (...) 2- Modos de objetivação do sujeito que se realizam no que Foucault denomina "práticas que dividem": o sujeito é dividido em si mesmo ou dividido em relação aos outros. Por exemplo, a separação entre o sujeito louco ou doente e o sujeito são, o criminoso e o indivíduo bom. (...) 3- O modo pelo qual o ser humano se transforma em sujeito. Por exemplo, a maneira como se reconhece como sujeito de uma sexualidade. (...) (tradução livre do autor[18], Castro, 2011, p. 377)

Ou seja, a história do sujeito muda de estilo, de objetos e de metodologia à medida que o autor se desloca da questão da episteme ao dispositivo e, finalmente, às práticas de si mesmo (Castro, 2011). Consequentemente, ao

---

[17] Para Foucault os modos de subjetivação e objetivação não são independentes, mas simultâneos, isso quer dizer que uma “história do pensamento” analisaria as condições em que se formaram e modificaram as relações do sujeito com o objeto para fundarem uma forma de saber, e, essas condições estabelecem ao que o sujeito deve se submeter, que estado deve ter, que posição deve ocupar para se intitular um sujeito legítimo de conhecimento e sob quais condições algo pode se transformar em objeto de conhecimento, como é problematizado, assim como, a quais delimitações está submetido (Castro, 2011). Doravante será chamado apenas de modos de subjetivação, ocultando a objetivação.

[18] 1) Modos de investigación que pretenden acceder al estatuto de ciencias; por ejemplo, objetivación del sujeto hablante en la gramática general o en la lingüística, objetivación del sujeto productivo en la economía política. Se trata de los modos analizados especialmente en *Les Mots et les choses*. 2) Modos de objetivación del sujeto que se llevan a cabo en lo que Foucault denomina "prácticas que dividen" (pratiques divisantes): el sujeto es dividido en sí mismo o dividido respecto de los otros. Por ejemplo, la separación entre el sujeto loco o enfermo y el sujeto sano, el criminal y el individuo bueno. Aquí hay que ubicar *Histoire de la folie à l'âge classique, La Naissance de la clinique y Surveiller et punir*. 3 ) El modo en que el ser humano se transforma en sujeto. Por ejemplo, la manera en que se reconoce cómo sujeto de una sexualidad.- En esta.línea se sitúa *Histoire de la sexualité.* (p. 377)

longo dessas três perspectivas, que correspondem a diferentes formas de entender os processos de subjetivação e objetivação, observa-se que a própria definição do que é um “sujeito” adquire novas camadas de complexidade, ampliando-se e se diversificando conforme o desenvolvimento de sua trajetória filosófica.

Enquanto o enfoque dos dois primeiros modos de subjetivação/objetivação estão concentrados em obras pregressas do autor, como “As palavras e as coisas” (1966) e “Vigiar e punir” (1975), percebendo o sujeito a partir da sua relação com o objeto e a constituição dos sujeitos de conhecimento e objetos de conhecimento, na década de 80 seu enfoque passa a ser investigar como os sujeitos se constituem, ou seja, como o ser humano se torna um sujeito, voltando seus olhos para as práticas de si.

Esse enfoque nas práticas de si concentra-se necessariamente no segundo e terceiro volume da sua “História da Sexualidade” (1984) e, para efetuar essa investigação, Foucault escolheu a sexualidade como domínio. Para compreender como o sujeito do desejo se constitui, era preciso romper com a percepção da sexualidade como invariante e singular por sofrer “o efeito dos mecanismos diversos de repressão a que ela se encontra exposta em toda sociedade” (Foucault, 1984), isto é, uma experiência que coloca fora da equação histórica o desejo e o sujeito do desejo (que é justamente quem ele buscava investigar e compreender).

Como uma experiência individual passa a localizá-lo dentro de uma sexualidade? Para tanto seria preciso entender como o indivíduo ocidental foi levado a reconhecer-se como sujeito do desejo e Foucault reconhece que para que se valide esse sujeito do desejo, e entenda como ele se constitui, precisava percorrer a formação dos saberes da sexualidade, ou seja, “os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade” (Foucault, 1984).

Nesse percurso, torna-se evidente que a subjetividade não é uma essência dada, mas um constructo moldado por normas e práticas sociais. Foucault, ao longo de sua trajetória filosófica, inicialmente se dedica a compreender como essas regras se impõem ao sujeito, para então voltar-se à análise das formas pelas quais o próprio sujeito passa a agir sobre si,

constituindo-se como tal. Essa dinâmica de agir sobre si mesmo, na qual o sujeito se reconhece e se constitui como sujeito do desejo, é o que denominamos aqui de produção do sujeito

Assim, o objetivo de Foucault na história crítica, ou genealogia, do desejo e do sujeito desejante era investigar

> as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. (Foucault, 1984, p.11)

É a partir dessa compreensão filosófica do sujeito que busco refletir sobre os processos de subjetivação nas transmasculinidades discutido mais adiante. A constituição do sujeito da sexualidade e do desejo se dá, conforme Foucault, pela forma como o indivíduo se inscreve e se posiciona dentro dos códigos morais e normativos que atravessam sua cultura. Ou seja, o sujeito não é uma substância, mas se forma ao internalizar e responder às exigências éticas e discursivas de seu tempo sem que seja capaz de haver uma idêntica a outra.

Essa dinâmica está intimamente ligada à noção de poder, tal como formulada por Foucault. Para ele, o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce nas relações humanas; ele não está concentrado em uma instância central, mas circula em uma rede de relações múltiplas e capilares (Foucault, 1995). E é por meio dessas relações — e não apenas pela força de uma única autoridade — que o poder se manifesta, sendo evidenciado nas práticas e discursos das grandes instituições sociais, como a medicina, a prisão, a ciência, a religião e, entre outras, a escola.

E é justamente quando Foucault começa a investigar as práticas de resistência que sua análise das relações de poder se aprofunda. Ele passa a explorar os antagonismos presentes nas estratégias de poder, buscando esclarecer seus pontos de partida, os locais em que operam e os modos como se exercem (Foucault, 1995). Nesse deslocamento, emerge uma concepção mais densa de sujeito, articulada a partir de duas acepções principais:

> Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (Foucault, 1995, p.235)

Essa segunda forma, do sujeito como aquele que está submetido à própria identidade pela via do autoconhecimento, implica na constituição de uma substância ética. Ou seja, envolve a maneira como o indivíduo deve constituir uma parte de si como núcleo de sua conduta moral, operando uma ética de si que é também um efeito e um exercício do poder.

A saber, Foucault (1984) propõe conceitos fundamentais ao abordar a noção de "moral e prática de si", destacando quatro elementos centrais que estruturam a ética do sujeito. O primeiro é a **determinação da substância ética**, que se refere à forma como o indivíduo deve constituir uma parte de si mesmo como o núcleo de sua conduta moral. Em seguida, o **modo de sujeição** diz respeito à maneira pela qual o sujeito estabelece sua relação com a norma moral e se reconhece como vinculado à obrigação de colocá-la em prática. Já a **elaboração do trabalho ético** aborda as operações que o sujeito realiza sobre si, não apenas para adequar seu comportamento a uma regra, mas também com o intuito de se transformar no agente moral de sua própria conduta. Por fim, a **teleologia do sujeito moral** envolve a constituição de uma conduta orientada não apenas por ações conforme às normas, mas também por um modo de ser característico do sujeito moral.

Esses conceitos fundamentais demonstram que a ação moral não se resume à mera obediência a um código ou à adequação ao real. Mais do que isso, ela implica uma relação do sujeito consigo mesmo — uma prática que possibilita a constituição de um sujeito moral. Essa noção desloca o foco da moralidade normativa para uma ética da subjetivação, na qual o indivíduo não apenas age moralmente, mas se transforma em sujeito justamente por meio dessa ação.

O sujeito moral, portanto, não se limita a seguir normas externas. Ele reconhece que parte de si mesmo deve ser trabalhada como o centro de sua conduta ética (substância ética); escolhe conscientemente como se vincular às regras morais, reconhecendo-se como responsável por colocá-las em prática (modo de sujeição); realiza sobre si um trabalho constante de transformação e autoconstituição, que vai além da mera conformidade comportamental (elaboração do trabalho ético); e, por fim, forma um modo de ser singular, no qual sua moralidade se expressa em sua própria maneira de existir (teleologia do sujeito moral).

Essa estrutura ético-subjetiva mostra que o indivíduo não é mero executor de normas, mas coautor de seu próprio modo de vida ético. Ele não se exclui da equação moral; ao contrário, torna-se o próprio campo onde a moralidade opera. Suas formas particulares de se relacionar com os códigos morais — os modos de sujeição — não apenas orientam suas ações, mas também constituem sua subjetividade. É nesse processo que o sujeito passa a ser reconhecido como tal: alguém que, ao integrar ética e existência, produz a si mesmo como sujeito moral.

Foucault ressalta que toda ação moral envolve uma relação com o mundo e com um código normativo, mas enfatiza que ela também exige uma relação com o próprio sujeito. Essa relação não se reduz à simples consciência de si, mas corresponde à produção de si como sujeito moral — uma prática pela qual o indivíduo delimita quais aspectos de si serão objeto de transformação ética, define sua posição frente ao preceito que adota, constrói um modo de ser que encarna essa escolha moral e, assim, atua sobre si mesmo. Nesse processo, ele busca conhecer-se, se observa, se testa, se corrige, aperfeiçoa e transforma — não apenas para obedecer a normas, mas para se constituir como sujeito ético em sua singularidade (Foucault, 1984).

## 3.2 A FUNÇÃO REGULADORA DA CATEGORIA “SEXO”

> *Para Foucault, ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situada como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como o princípio hermenêutico de autointerpretação. A categoria do sexo é, assim, inevitavelmente reguladora, e toda análise que a tome acriticamente como um pressuposto amplia e legitima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento. (Butler, 2018, p.131-132)*

Tendo como base os pontos discutidos anteriormente, aprofundo agora a reflexão acerca dos modos de subjetivação a partir da teoria foucaultiana, estabelecendo um diálogo com o pensamento de Judith Butler (2018 — uma figura de grande importância para a teoria queer no século XXI. Essa articulação, a meu ver, permite ampliar a compreensão das dinâmicas de poder implicadas na constituição do sujeito, especialmente no que diz respeito ao que compreendemos como gênero.

Butler observa que, segundo o próprio Foucault (Butler, 2018, p.161-193) os prazeres do corpo não derivam de uma essência sexual pré-estabelecida, mas são interpretados socialmente como manifestações dessa essência construída. Em vez de pensar o “sexo” como origem ou causa dos prazeres corporais, Foucault (Butler, 2018, p.161-193) propõe o conceito de “sexualidade” como um sistema histórico, discursivo e político que torna possível a emergência do próprio “sexo” como categoria inteligível. Assim, o que entendemos como "sexo" é, na verdade, um efeito de estratégias de poder que, ao mesmo tempo em que produzem essa identidade, a naturalizam, tornando invisível a operação política que a sustenta.

Minha proposta é que, através dessa leitura atravessada, possamos pensar a subjetivação não como um processo de descoberta de uma verdade interior sobre o desejo, mas como uma construção histórica e discursiva que inscreve os corpos em regimes de saber-poder. Essa crítica se intensifica quando se observa a força reguladora da própria categoria de “sexo”. O desejo de determinar o sexo de modo conclusivo — sempre como um sexo em vez de outro: ou macho, ou fêmea — não é fruto de uma neutralidade científica, mas, como observa Butler,

> parece assim advir da organização social da reprodução sexual, através da construção de identidades e posições claras e inequívocas dos corpos sexuados em relação uns aos outros (Butler, 2018, p. 149-150)

A binariedade sexual, portanto, opera como um dispositivo de inteligibilidade, cujo funcionamento está intrinsecamente ligado a um regime de reprodução e à estabilidade das posições de sujeito dentro da matriz heterossexual. Uma matriz caracterizada por uma heterossexualidade compulsória e que se sustenta pela repetição e naturalização de categorias como “macho” e “fêmea”, “masculino” e “feminino”.

Em seus escritos, Judith Butler (2018) observa que muitas teorias que distinguem sexo de gênero partem de uma suposição equivocada de que existe um corpo anterior à significação, neutro, que apenas recebe os efeitos da cultura. Nessa perspectiva, da qual ela discorda, o corpo é entendido como um meio passivo sobre o qual operam inscrições reguladoras oriundas de uma exterioridade cultural. No entanto, essa leitura falha ao considerar que a própria

materialidade do corpo já é, desde sempre, constituída dentro de quadros discursivos que a tornam inteligível.

Em outras palavras, ao considerar o corpo como uma superfície pré-existente que apenas sofre os efeitos da normatividade, passiva e moldável pelas normas sexuais que lhe inscrevem seus significados, ignora-se o fato de que esse corpo jamais existiu em um contexto pré-discursivo ideal.

A concepção de corpo como dado natural deve ser interrogada como uma construção cuja generalidade é profundamente suspeita (Butler, 2018, p.199 e 223). Assim, o que se entende por sexo e corpo deve ser considerado como resultado de processos regulatórios, normas que delineiam o que pode ser reconhecido como real e habitável.

E é importante frisar que essas normas não atuam apenas na linguagem ou nas ideias, mas afetam diretamente como o corpo é percebido e vivido. O que se considera como os "limites" do corpo, onde ele começa, onde termina, o que pode ou não ser erotizado, é moldado por práticas sociais repetidas[19].

O que quero dizer é que corpo não nasce com contornos prontos: eles são definidos por regras culturais que dizem, por exemplo, o que é aceitável no desejo dito heterossexual ou homossexual. Assim, a forma como o corpo é entendido e sentido está sempre atravessada por essas expectativas normativas, uma vez que

> os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (Butler, 2018 p.182)

Dessa forma, a coerência entre sexo, gênero e desejo não é uma condição intrínseca do sujeito, mas uma exigência imposta pela matriz

---

[19] Essa lógica abre espaço para a produção de pedagogias de gênero, conforme aprofundaremos teoricamente mais adiante. Entendo que é graças ao condicionamento às práticas sociais repetidas que aquele corpo entrará em contato que os processos educativos de gênero podem se consolidar como um conceito. Mas isso não significa que suponho a existência de uma fórmula de fatos pedagógicos de gênero para resultar em uma identidade de gênero, mas sigo por um rumo que acredita que a produção da subjetivação generificada de um corpo (incorporação do gênero) se dá através da interação entre os processos educativos de gênero e o contexto histórico, geográfico, racial, social-econômico que aquele corpo está inserido. Além disso, as pedagogias das masculinidades e das feminilidades, também discutidas mais adiante, englobam processos educativos de gênero que, quando repetidos em comum (entre corpos reais e virtuais) passam a educar para uma biopolítica cisnormativas; sendo que essas pedagogias aplicam-se mutuamente em todos os corpos inseridos no sistema binário (e colonial) de gênero.

cisheterossexual[20] como forma de garantir a inteligibilidade e o controle dos corpos e das sexualidades. Ao naturalizar essa tríade — sexo biológico, identidade de gênero e desejo heterossexual — como mutuamente correspondentes, a matriz produz e reforça normas que delimitam o que é considerado um corpo válido, um desejo legítimo e uma existência possível.

### 3.2.1 A PRODUÇÃO DE UMA FICÇÃO DISCIPLINADORA CHAMADA GÊNERO E A CISHETERONORMATIVIDADE

Ao longo da discussão até este ponto, torna-se evidente que a estabilidade do sistema de gênero, como se vê, depende da repetição constante de normas que produzem e delimitam o que pode ser considerado um corpo inteligível, desejável e reconhecível socialmente. Essa mesma constância se faz necessária para a estabilidade do sistema de sexo — e da orientação sexual/desejo, por conseguinte — que busca assumir um caráter de naturalidade, incontestabilidade e interdependência.

No entanto, essa coerência entre sexo, gênero e desejo — exigida pela matriz cisheterossexual — está longe de ser plenamente realizada. Corpos que não se encaixam nesse arranjo binário e cisheteronormativo revelam, com sua própria existência, as rachaduras desse sistema. São presenças que perturbam a lógica da ordem de gênero ao desafiar a suposição de que o corpo é um destino e que o gênero é apenas sua expressão natural.

É nesse ponto que as experiências de trânsito entre os gêneros ganham centralidade política: ao desobedecerem às normas que regulam o que pode ser vivido como homem ou mulher, esses corpos expõem os limites do regime normativo e revelam, ao mesmo tempo, a possibilidade de sua transformação.

> As experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. O sistema não consegue a unidade desejada. Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis e, ao fazê-lo, se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero, ao mesmo tempo revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. (Bento, 2011, p. 551)

[20] Cisheterossexual refere-se aqui a uma categoria de pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento (cisgênero) e cuja orientação sexual é direcionada ao sexo oposto (heterossexual). A matriz cisheterossexual, portanto, pressupõe essa combinação como norma, marginalizando outras possibilidades de existência de gênero e desejo.

Conforme apontam Bassalo e Weller (2020), a matriz da (cis)heteronormatividade[21] atua na produção de uma ordem social que naturaliza a heterossexualidade — e a cisgeneridade — como padrão universal, regulando o que pode ou não ser reconhecido como vida válida. Esse regime, que opera tanto por meio de imposições explícitas quanto pela sutileza de silêncios e omissões, expressa-se, por exemplo, nos currículos escolares que apagam identidades LGBTQIA+, nas famílias que sancionam apenas determinadas formas de amar, e nas violências simbólicas que moldam o comportamento de crianças e adolescentes desde muito cedo.

A repetição cotidiana e constante de tais normas não apenas reforça o que é tido como “normal”, como também estabelece fronteiras claras entre o que pode ser celebrado e o que deve ser contido, escondido ou corrigido. Dessa forma, a cisheteronorma funciona como o que chamo aqui de ficção disciplinadora precisamente porque se apresenta como natural, enquanto exige uma coerência rígida entre corpo, identidade e desejo.

Isso significa dizer que aquele ou aquela que escapa a essa lógica passa a ocupar um lugar de risco e de instabilidade social, não por uma inadequação intrínseca, mas porque o sistema de gênero binário se vê ameaçado por tudo aquilo que não consegue traduzir em seus próprios termos.

Dessa forma, a coerência do gênero é sempre um efeito performativo, resultado da insistência normativa que tenta fixar o que, por sua própria natureza, é instável e precário. Ou seja, o sujeito de gênero não precede a performance: ele é constituído na e pela repetição dos códigos que lhe dão inteligibilidade, fazendo com que aqueles que não cumprirem com o roteiro sejam considerados *abjetos*.

As análises de Bassalo e Weller (2020) demonstram que esse modelo normativo é mantido também por meio de práticas escolares e educacionais que reforçam a invisibilidade de existências dissidentes. Em muitos casos, os discursos docentes — mesmo os que se pretendem neutros — reproduzem a

[21] Acrescento à análise das autoras o prefixo cis entre parenteses para que se permaneca a coerencia com o mesmo termo já supracitado, mas que na pesquisa de Bassalo e Weller (2020) não aparece. A cisgeneridade e a sua qualificação junto à heteronorma é tema recente principalmente dentro dos estudos transfeministas. Destacar a cisgeneridade como um sistema que reforça a ficcionalidade do gênero através da abjeção de corpos gênero dissidentes, portanto, é uma forma de posicionamento político reparador histórico de protagonismo do olhar de escrutínio que sempre determinou através da catalogação “trans” quem é o Outro.

exclusão da diversidade ao não reconhecerem o afeto, o desejo e o corpo de sujeitos LGBTQIA+ como legítimos.

Assim, a escola, longe de ser um espaço neutro, participa ativamente da construção e da manutenção das fronteiras normativas que definem quem pode ser reconhecido e quem será silenciado.

> O silenciamento nas escolas em torno da diversidade de orientações afetivo-sexuais possíveis ao ser humano, o não reconhecimento ou a invisibilidade de sujeitos homossexuais, são estratégias que atendem à norma heterossexual, possibilitando, no sentido foucaultiano, manter os corpos de homens e de mulheres sob controle. (Bassalo; Weller, 2020, p. 7)

Entretanto, a manutenção da cisheteronormatividade como estrutura dominante não se dá apenas por meio da repetição de normas ou da exclusão simbólica de existências dissidentes. Há também um regime de coerção mais violento e intencional, que atua para corrigir, punir e apagar os corpos e identidades que desobedecem à norma. Esse regime é nomeado por Berenice Bento (2006) como heteroterrorismo — um dispositivo de poder que sustenta o ideal cisheterossexual por meio da intimidação, do medo e da violência direta.

Segundo a autora, o heteroterrorismo — que também é um cisterrorismo — é um dos mecanismos mais eficazes de controle social porque transforma a existência fora da norma em alvo legítimo de retaliação. Ele se manifesta em diferentes camadas da vida social: nas agressões físicas e verbais, nos discursos médicos patologizantes, nos silêncios institucionais, nas recusas de acesso a direitos e serviços básicos.

Sua ação não é necessariamente espetacular ou visível — muitas vezes, ela atua de maneira difusa, atravessando práticas cotidianas e criando um ambiente de ameaça constante para quem não performa o gênero e o desejo de forma “adequada”. Essa lógica do terror se revela também nas microviolências: o olhar reprovador, a pergunta invasiva, o riso malicioso, o uso intencional do nome morto, a negação de um pronome.

Cada uma dessas ações contribui para um clima hostil, que vai minando a saúde física e psíquica de sujeitos LGBTQIA+, sobretudo pessoas trans e travestis, cuja presença muitas vezes é lida como afronta à ordem social. O terror, aqui, não é apenas físico: é simbólico, epistêmico e existencial.

Em ambientes como a escola, o heteroterrorismo ganha contornos particularmente perversos. Estudos como os de Bassalo e Weller (2020) mostram que o espaço escolar, ao invés de acolher e proteger, frequentemente se torna um lugar de reforço da norma e de exclusão dos corpos dissidentes.

## 3.3 OS PROCESSOS EDUCATIVOS DE GÊNERO E O “TORNAR-SE HOMEM”

> *O universo inteiro cortado em dois e somente dois. Tudo tem um direito e um avesso nesse sistema de conhecimento. Somos o humano ou o animal. O homem ou a mulher. O vivo ou o morto. Somos o colonizador ou o colonizado. O organismo ou a máquina. Fomos divididos pela norma. Cortados em dois e forçados em seguida a escolher uma de nossas partes. O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta-se a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual. (Preciado, 2020, p. 25-26)*

Nesta subseção, busco definir o que são os processos educativos de gênero, que aqui considero intrínsecos ao processo de performatividade de gênero, e como eles se diluem no cotidiano, com ênfase na produção das masculinidades. Afinal, são esses processos educativos de gênero que, diariamente, desde a nossa concepção, agem pedagogicamente, ensinando-nos a (re)produzir a diferenciação hierárquica entre corpos.

A priori, compreendo que falar sobre as masculinidades é também falar sobre os modos como elas são ensinadas, aprendidas e performadas socialmente. E essa é a razão pela qual entendo que os processos educativos — formais e informais — desempenham papel central na constituição das subjetividades (trans)masculinas, na medida em que orientam, normatizam e disciplinam comportamentos tidos como próprios do “ser homem”.

> O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (Butler, 2018,p.182)

Ora, se o gênero é performado, e se essa performance é regulada por normas que operam simultaneamente pela afirmação e pela exclusão, então o próprio homem — tal como concebido no imaginário social dominante — também é uma ficção construída. Uma ficção que se sustenta por meio da repetição de gestos, posturas e afetos legitimados como masculinos, e que oculta o trabalho discursivo necessário para manter essa aparência de solidez.

> um homem pode ser “masculino” ou “feminino”, sendo homem igual. No entanto, existem normas não escritas que oferecem modelos de como deve ser um homem. Esses modelos variam muito, mas existem e indicam aquilo que em determinada época (década de 1980) começou a ser chamado de “masculinidade hegemônica” (Srey; Muhlen; Kohn, 2014, p.6)

Partindo dessa compreensão, torna-se possível compreender que o que chamamos de “homem” é sempre um efeito de práticas discursivas e culturais que buscam fixar sentidos sobre o que é ser masculino, operando por exclusões e silenciamentos.

Guacira Louro (2014) argumenta sobre a escola exercer um papel crucial nessa seara, assumindo uma função distintiva entre sujeitos e disciplinadora de corpos que imbrica neles os “efeitos de verdade” que compõem as histórias pessoais dos sujeitos. Para isso, através do que a autora chama de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização, a escola não apenas delimita quem tem ou não acesso a ela, mas também aprofunda divisões simbólicas e sociais que definem lugares, comportamentos e possibilidades para os sujeitos.

> Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e in*corpo*rado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, falar e a calar; se aprende a *preferir*. (Louro, 2014, p. 65)

Nesse sentido, podemos afirmar que os processos educativos de gênero fazem parte de uma pedagogia da sexualidade e que são aqueles que estão diluídos nas práticas rotineiras e comuns, que não damos a devida importância por estarem cobertas pela armadura da “naturalidade” forjada silenciosamente e discretamente por esforços disciplinados, repetitivos e estruturalmente desiguais.

A linguagem, segundo Louro (2014) em diálogo com Foucault (1987), funciona como uma ferramenta na manutenção e reprodução do poder-saber[22] das pedagogias da sexualidade, uma vez que “ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (p. 69), não só através do que se diz, mas, principalmente, através do que *não* é dito.

E é preciso destacar que assumo aqui a linguagem não apenas como uma manifestação da língua, oral ou escrita, mas como um campo ampliado de produção de sentidos que se inscreve nos corpos, nos objetos, nos gestos e nos silêncios. Em Foucault, o discurso não é entendido como um simples conjunto de signos que remetem a uma realidade externa, mas como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2008, p. 55).

Ou seja, o discurso participa da constituição da realidade, organizando modos de ver, sentir, agir e classificar o mundo. A cor que é usada para os brinquedos ditos “de menina” ou “de menino”, por exemplo, assim como os próprios brinquedos e suas funções, não são escolhas neutras ou aleatórias, mas práticas simbólicas que comunicam, naturalizam e reproduzem expectativas de gênero.

Assim, dentre ditos e não ditos, os processos educativos de gênero não podem se restringir à escola, tampouco são exclusivamente de sua responsabilidade. Eles atravessam outras instituições sociais — como a família, a mídia, os espaços religiosos e as práticas culturais — compondo um sistema mais amplo de aprendizagem e regulação. Mesmo sujeitos que não frequentam a escola formal estão inseridos nesse campo normativo que organiza a diferença a partir de dicotomias naturalizadas: menino X menina, azul X rosa, força X delicadeza.

> historicamente as instituições religiosas e educativas, talvez como nenhuma outra, têm se preocupado também com a questão de como devem ser os homens. Como resultado, encontramos uma variedade de discursos permeados por “verdades” construídas nessas instâncias e que representam uma disputa política por legitimar ou desvalorizar determinadas formas de ser homem, seja através de argumentos médicos, psicológicos, religiosos ou políticos, dentre outros. (Seffner; Guerra, 2014, p.28)

[22] Para Foucault (1987), o saber e o sujeito são efeitos históricos de práticas e relações de poder. Por isso, não há saber sem poder, nem poder que não produza saber.

É a partir dessa perspectiva que compreendemos que a composição das masculinidades hegemônicas[23] — que é um dos resultados diretos desses processos educativos de gênero — normaliza certos modos de ser homem em detrimento de outros. A saber, Connell (2017) entende a masculinidade hegemônica como aquela posição de dominação cultural que legitima a subordinação das demais masculinidades — subalternas, marginalizadas, dissidentes — bem como das feminilidades.

Porém, para a autora, essa hegemonia não implica necessariamente maioria numérica, mas sim o consentimento social e simbólico de que *aquela masculinidade específica* deve ser o ideal. Assim, passa a ser reforçada por práticas sociais cotidianas, discursos normativos e performances de gênero que reproduzem um padrão como modelo de masculinidade legítima.

Essa pedagogia da masculinidade hegemônica[24] rege os processos educativos de gênero das masculinidades e das feminilidades, bem como aqueles relacionados às experiências não binárias — o que não significa limitar a produção de gênero a apenas essas categorias, mas reconhecer que esses processos formam uma gama ampla e diversa de possibilidades identitárias. É quando determinados processos educativos de gênero passam a convergir de modo coerente e reiterado entre sujeitos situados que se estabilizam formas reconhecíveis de identidade.

Em diálogo com a noção de performatividade butleriana (Butler, 2018 segundo a qual as identidades são efeitos reiterados de práticas discursivas — proponho compreender que é quando determinados processos educativos de gênero passam a convergir de modo coerente e reiterado entre sujeitos situados que se estabilizam formas reconhecíveis de identidade de gênero, ou, apenas Gênero.

> Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do

[23] Segundo Connel (2017) o gênero é historicamente inserido e considerar essas hegemonias das masculinidades no plural é, portanto, considerar os embates entre as masculinidades que circundam as hegemonias para acompanhar mudanças históricas e sociais. Ou seja, os homens disputam poder ao definir socialmente o que é ser masculino e a masculinidade hegemônica oferece vantagens materiais e simbólicas, mas está sempre sujeita a contestação e transformação, pois suas bases mudam com o tempo.

[24] Aqui chamo de pedagogia da masculinidade hegemônica uma das pedagogias da sexualidade que educa para a adequação dos corpos aos moldes da masculinidade hegemônica.

> gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. [...] Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*.(Butler, 2018, p. 244)

O que quero dizer é que são esses processos educativos que, desde a infância, passam a incidir sobre os corpos e são reforçados por dispositivos disciplinares cotidianos: o menino que chora é repreendido, o que brinca de boneca é ridicularizado, o que demonstra sensibilidade é isolado. A performatividade da masculinidade é monitorada e corrigida constantemente, exigindo dos sujeitos a internalização de um *script* que naturaliza a dominação dos homens, muitas vezes às custas de sofrimento psíquico, emocional e físico, principalmente para as feminilidades, mas também, inevitavelmente, para as masculinidades.

Essa percepção do que é “ser homem” e a execução da sua masculinidade pode dar lugar a novas formas de “ser homem” que rompem com o modelo tradicional centrado na autoridade, na rigidez emocional e na heterossexualidade compulsória.

A mídia tem desempenhado papel crucial na divulgação de figuras masculinas mais afetivas, cuidadoras e engajadas na igualdade de gênero, apresentando práticas que desafiam os antigos estereótipos (Seffner; Guerra, 2020). No entanto, essas representações não emergem isoladamente; são fruto de pressões históricas e políticas, especialmente do movimento feminista, dos estudos de gênero, dos movimentos LGBTQIA+ e de iniciativas institucionais que questionam masculinidades opressoras.

Nesse processo, diferentes interesses se entrelaçam, evidenciando que a construção de novas masculinidades é complexa, ambígua e marcada por tensões e disputas:

> Há uma diversidade de interesses, às vezes emaranhados e opostos, por trás das mudanças nos homens. Esses interesses respondem a múltiplos questionamentos que não podem ser analisados sem levarem-se em conta as divergências que existem entre as diferentes teorias de gênero, as discordâncias políticas dos movimentos feministas e LGBTs, os interesses lucrativos das empresas que percebem os novos homens como potenciais consumidores de determinados produtos e as resistências que estão presentes em qualquer processo de transformação. Isso confirma que as masculinidades são construídas e produzidas em estreita conexão com interesses inerentes às desiguais relações de poder que se estabelecem em cada contexto histórico-cultural. (Seffner; Guerra, 2014, p.29-30)

A escola também não atua apenas como reprodutora das normas sociais e de gênero. Nela também podem se formar disputas simbólicas, onde diferentes sentidos sobre o que é ser menino, menina ou sujeito de gênero circulam, se confrontam e, por vezes, se transformam.

Ainda que marcada por dispositivos disciplinares e classificatórios, a escola abriga contradições: nela há professores e estudantes que resistem, desafiam e subvertem as expectativas normativas. As práticas pedagógicas não são homogêneas, e os processos educativos não são fatalistas de gênero; muito pelo contrário, os processos educativos de gênero participam da formação das identidades justamente porque os sujeitos se apropriam, reinterpretam e, por vezes, recusam os discursos que lhes são dirigidos (Foucault, 1995).

Em meio a todas essas tensões e disputas, fica claro que ser homem não é uma condição pronta, estática ou universal — é um processo contínuo, atravessado por normas, instituições, afetos e contradições. As masculinidades são aprendidas, negociadas e, muitas vezes, impostas, mas também podem ser reinventadas, recusadas ou vividas de formas inesperadas.

Se por um lado há forças que tentam reafirmar um único modelo dominante, por outro há movimentos, experiências e vozes que desafiam esse padrão e apontam para formas mais diversas, plurais e afetivas de viver o masculino. Entender esse emaranhado de influências e interesses criticamente é essencial para enxergar que toda masculinidade é situada, construída e, acima de tudo, política.

Vale destacar ainda que as masculinidades não se constituem apenas por meio de normas de gênero, mas estão também profundamente entrelaçadas a marcadores como raça, classe social, território e colonialidade. O modelo de

masculinidade hegemônica — branco, cisgênero, heterossexual, urbano e de classe média — opera como um padrão normativo que marginaliza e inferioriza outras expressões do ser homem.

Masculinidades negras, indígenas, periféricas ou migrantes, por exemplo, são frequentemente atravessadas por discursos que as associam à criminalidade, à hipersexualização ou à violência, sendo sistematicamente invisibilizadas, patologizadas ou tratadas como ameaça.

> Enquanto os homens "negros" têm sido percebidos como hipersexuais e hiperviris, mas também como pais ausentes, cônjuges infiéis e estudantes fracassados, os homens indígenas são imaginados como homens atávicos, imóveis, desmotivados e hipossexuais ou como homens primitivos e bons selvagens. Estes estereótipos geraram obstáculos ideológicos, teóricos e metodológicos que explicam a ausência, a marginalização e a negligência dos estudos sobre homens indígenas no geral e particularmente sobre aqueles que têm práticas sexuais homoeróticas. (Viveros Vigoya, 2018, p. 76)

De acordo com Trindade e Muniz (2024), os dados sobre violência letal no Brasil revelam um padrão alarmante: os jovens negros estão entre os grupos mais vulneráveis às Mortes Violentas Intencionais (MVI), como os homicídios. Esse dado também se reflete na composição da população carcerária ao longo da história do país, que continua sendo majoritariamente composta por homens jovens, negros e com baixa escolaridade, o que evidencia a continuidade de um ciclo de exclusão social e racial desde a colonização escravagista.

Esse processo revela que o regime normativo de gênero não atua isoladamente, mas se articula a lógicas racistas e classistas que reforçam hierarquias históricas e sustentam estruturas de dominação. Mais do que apenas reconhecer que existem diferentes formas de ser masculino, é fundamental compreender como essas masculinidades se articulam, se hierarquizam e se relacionam entre si, bem como os modos como as dinâmicas de gênero operam dentro dessas variações (Connell, 2005).

É nesse cenário de disputas e reconstruções que emerge a necessidade de olhar para experiências que tensionam ainda mais os limites do que tem sido compreendido como “ser homem”. Entre as frestas da normatividade, surgem outras existências que, ao mesmo tempo em que enfrentam os marcadores da hegemonia, também constroem novas possibilidades de identidade.

## 3.4 SUBJETIVIDADES TRANSMASCULINAS E A ESCRITA DE OUTRAS POSSIBILIDADES

> *Somos a diáspora raivosa. Somos os reprodutores fracassados da Terra, os corpos impossíveis de rentabilizar para a economia do conhecimento. (Preciado, 2020, p. 47)*

É extremamente desafiador para mim, como transmasculino, estar nesse lugar de discussão, uma vez que pensar as transmasculinidades e qual seu lugar diante das outras masculinidades (em sua grande maioria cisgêneras) é olhar para mim e para o outro, uma vez que "devemos ver a construção das masculinidades tanto como um projeto coletivo quanto como um projeto individual" (Connell, 2017, p.7).

O problema é que se localizar na masculinidade como projeto coletivo cria sensações contraditórias: ao mesmo tempo que existe um sentimento de masculinidade[25] que nos posiciona dentro dela, há também uma consciência do peso da exclusão e da violência que apenas um corpo subalternizado conhece intimamente.

Como já se discutiu até aqui, a masculinidade hegemônica, enquanto regime normativo, impõe uma expectativa de completude, controle e autoridade que é constantemente reafirmada por um ideal cisheterossexual de "homem verdadeiro". Trata-se de uma masculinidade centrada no corpo cisgênero, branco, endosexo, sem deficiências, urbano e heterossexual.

Esse modelo funciona mais do que como um ideal: ele atua como um critério de legibilidade social, marcando quem pode ser reconhecido como homem e quem é lançado à margem da inteligibilidade. A cisgeneridade, nesse cenário, opera como condição silenciosa e não negociável da masculinidade legítima, um dispositivo de saber-poder.

> A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tomar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o

[25] O sentimento de masculinidade é investigado na Tese de Ribeiro (2023). Segundo a autora, o gênero e o corpo de transmasculinos constituem esse sentimento no decorrer da vida, na interação do corpo com outros corpos e com o mundo. Esse sentimento de masculinidade é a evidência de que "gênero, corpo e desejo estão completamente imbricados na formação de uma imagem-sentido de si" (Ribeiro, 2023, p. 53), e reconhecê-lo é uma forma de compreender a experiência transmasculina como um sentido de si para além das definições patologizantes e limitadoras que ainda persistem sobre os corpos trans*.

> anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (Foucault, 2008, p.75)

Uma aproximação que se faz nesse raciocínio é a invalidação das masculinidades homossexuais afeminadas em aplicativos de relacionamento (Silva; Pereira; Pontes, 2023), onde são alvos de rejeição, escárnio, sendo inclusive chamados no feminino ou tratados como “menos homens”. A afeminação é interpretada como traição ao pacto viril, e, portanto, como ameaça simbólica ao regime de masculinidade hegemônica.

Contudo, é no campo da legibilidade social e corporal que os distanciamentos se aprofundam. Ao passo que o homem cis afeminado é “reconhecido” (ainda que estigmatizado) como homem — em razão de seu genital —, as transmasculinidades precisam reivindicar ativamente esse reconhecimento. Nosso pertencimento é condicionado, frequentemente, à cirurgia, à hormonização ou à passabilidade — conceito polêmico que pretendo elucidar mais adiante —, reforçando a ideia de que sua identidade só é válida se conseguir se aproximar do modelo cisnormativo.

Para tornar a leitura mais organizada, a partir daqui, e aprofundar os pontos centrais que atravessam as subjetividades transmasculinas no contexto da normatividade de gênero, este subtópico se desdobrará em duas partes. Na primeira, abordarei como as transmasculinidades ainda estão atravessadas por dispositivos biomédicos e diagnósticos que operam como mecanismos de controle e de validação da identidade.

Ao passo que o homem cis é pressuposto como o padrão normativo, os transmasculinos são frequentemente convocados a narrar-se dentro de uma lógica de sofrimento, disforia e transição linear, de modo a ser legitimado pelas instituições. Essa patologização histórica reforça uma lógica em que o reconhecimento só é possível quando se acessam determinados procedimentos ou se atinge certo grau de leitura visual-social do que se considera como homem, em categoria universalizante.

Essa leitura visual-social, que aprofundarei como sendo a passabilidade, por sua vez, será discutida aqui em sua dupla ambiguidade: ao mesmo tempo em que possibilita a “invisibilidade cis” e certa segurança social, também reforça uma política de apagamento e adesão ao ideal cisnormativo.

Por isso, proponho também pensar a transmasculinidade como um campo simbólico em disputa, que não se limita a ser uma “versão menor” da masculinidade hegemônica, parte de um todo, mas sim uma experiência múltipla, tensa e plural. Ser transmasculino, nesse contexto, não significa ocupar uma posição unívoca dentro da ordem das masculinidades, mas muitas vezes habitar o lugar da abjeção — e justamente por isso, também abrir a possibilidade de outros modos de existência.

Já na segunda parte desta subseção, pretendo explorar como as transmasculinidades, ao desafiarem o regime binário de gênero e o modelo hegemônico de ser homem, podem configurar práticas de insurgência — mesmo que nem sempre de modo consciente ou intencional. Essa possibilidade insurgente emerge quando o corpo transmasculino se recusa a seguir o *script* disciplinador da masculinidade cis, reivindicando afetos, vulnerabilidades e formas de cuidado que desafiam a lógica da dominação viril.

Nesse ponto, dialogarei sobre a urgência de repensar as masculinidades como projetos ético-políticos e relacionais, ancorados em outras práticas possíveis que rompam com o machismo, sexismo e com a heteronormatividade compulsória. Pois, compreendo que é nesse terreno ético que se inscreve a proposta de uma transmasculinidade que recuse a repetição de violências herdadas e se afirme na sensibilidade, no afeto, no cuidado e na horizontalidade, reinterpretando, assim, não apenas o próprio corpo, mas a própria ideia de “homem”.

Com essas divisões, busco demonstrar que a experiência transmasculina não é apenas um reflexo das estruturas que a tentam normalizar ou silenciar, mas também um campo de resistência e invenção — uma subjetividade que, ao escrever-se a si mesma, aponta para outras formas de viver o gênero, para além da norma. Para finalizar, então, busco introduzir a escrita de si, como conceito foucaultiano, de construção de si pela escrita.

### 3.4.1 VIVER É ESCREVER-SE OU SER LIDO? PASSABILIDADE E A POLÍTICA DO CARA-CRACHÁ

> *Meu corpo trans não existe como variante possível e vital do humano nos livros de anatomia, nem nas representações do aparato reprodutivo saudável dos manuais de biologia do ensino médio.*

> *Discursos e técnicas de representação afirmam unicamente a existência de meu corpo trans como espécime numa taxonomia do desvio que deve ser corrigido. Afirmam que existe unicamente como correlato de uma etnografia da perversão. Afirmam que meus órgãos sexuais não existem senão como déficit ou prótese. Fora do diagrama da patologia, não existe uma representação adequada do meu peito, nem da minha pele, nem da minha voz. (...) A mudança de distribuição da massa corporal e dos músculos não me torna imediatamente mais viril. Só mais trans, sem que essa denominação encontre uma tradução imediata em termos do binário homem-mulher. A temporalidade do meu corpo trans é o agora: não se define pelo que era antes, nem pelo que se supõe que terá de ser. (Preciado, 2020, p. 224)*

Durante sua trajetória, narrada em Viagem solitária, João W. Nery (2019) entra em uma seara para conquistar o direito de uma cirurgia ilegal no Brasil e ainda em fase de experimentação: a transgenitalização[26]. Sua narrativa, que tem um grande enfoque no desconforto com sua anatomia genital, demonstra angústia de viver em uma sociedade regulada pela categoria sexual binária e, ao ter suas primeiras fagulhas de esperança na conquista de sua cirurgia depois de uma reunião com Roberto Farina, o médico que viria a operá-lo no futuro, ele reflete:

> Enquanto esperávamos o ônibus, enxerguei então o absurdo de toda a situação: estava completamente na mão dos outros. O problema era meu; quem sofria e sabia do que se passava dentro de mim era eu. No entanto, era uma equipe multidisciplinar “especializada” que decidiria o que eu era, como me sentia, qual a melhor solução para a minha vida. Sem qualquer liberdade de escolha e ainda dando graças a Deus por existir uma saída! (Nery, 2019, p. 167-168)

A história dos corpos trans* tem sido, em grande parte, contada por olhos que os observam como exceção, desvio ou erro. A medicina moderna, ao longo do século XX, ocupou um lugar central na constituição dessas narrativas (Bento, 2017), estabelecendo o que seria considerado um corpo verdadeiro e funcional, e o que escaparia dessa classificação — transformando o corpo trans em objeto de correção, diagnóstico e disciplinamento.

---

[26] A transgenitalização, que também é conhecida como redesignação sexual ou cirurgia de mudança de sexo, é um procedimento cirúrgico que busca alterar a anatomia genital da pessoa trans* conforme sua identidade de gênero. A primeira transgenitalização feminina no Brasil foi feita pelo médico Roberto Farina, em 1971, o que gerou um processo contra ele. Para compreender mais dessa história, consultar: https://www.migalhas.com.br/quentes/296792/primeira-trans-a-realizar-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-no-brasil-foi-chamada-de--eunuco-estilizado--na-justica. Farina também foi o responsável pela transgenitalização de João W. Nery em 1977.

Esse regime classificatório ganhou força institucional a partir da década de 1960, com a consolidação de associações voltadas especificamente ao "tratamento" e normatização das vivências transexuais, como o Harry Benjamin *International Gender Dysphoria Association* (HBIGDA) (Bento, 2017). Ali, práticas biomédicas passaram a operar como filtros de validação, fundamentadas por critérios normativos que distinguiam quem seria um "transexual verdadeiro" — capaz de acessar as tecnologias fármaco cirúrgicas disponíveis à altura — e quem seria considerado inadequado à conformação psíquica-corporal entendida como única saída para o "transexualismo"[27].

Esse processo de institucionalização não apenas normatizou o que se entende como transição de gênero ainda atualmente, como também cristalizou uma imagem única e funcionalizada do que seria ser trans — produzida a partir de um olhar biomédico comprometido com a manutenção do binarismo sexual e do dimorfismo (Bento, 2017), compreendido pelo movimento social transativista da atualidade como genitalismo[28].

Ao nomear a experiência transexual, esse biosaber-poder não descreve: ele prescreve. Estabelece, por meio de protocolos e avaliações, quais modos de existir são legíveis e aceitáveis, criando um sistema de validação — inclusive legal — que opera por exclusão.

Compreendo que essa lógica de validação não se limita à esfera biomédica ou legal, mas, inevitavelmente, recai no corpo que é lido antes mesmo de ser escutado. Essa leitura social pode se tornar uma forma de

---

[27] O termo "transexualismo" — com o sufixo -ismo referente a doença na medicina — foi usado por muito tempo para indicar a condição de inversão sexual de um indivíduo, localizando as identidades das pessoas trans* em uma categoria patologizante de transtorno mental. Foi apenas em 2019 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) removeu da sua classificação oficial de doenças, a CID-11, a transexualidade do seu hall de transtornos mentais, enquanto que no Brasil, um ano antes, a Resolução nº 1, de 29 de janeiro de 2018 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) já buscava regulamentar a prática de pessoas psicólogas no acompanhamento de pessoas trans*. Para compreender mais, acesse: https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as-mentais; https://despatologizacao.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/.

[28] Destacamos que "O genitalismo é como convencionalmente chamamos o conjunto de ideias, signos e símbolos que foram construídos ao longo do tempo para criar um discurso em nossa sociedade sobre a ideia de genitália" e "desde que foi criado a Biologia, como ciência, biológues criaram os conceitos de macho e fêmea como sinônimos de homem e mulher, e o que definiria essas duas categorias seriam o pênis e a vagina. Assim, a ciência moderna, capitalista, cis-heterocentrada e branca teve essa tendência em criar categorias de sexo e gênero que pudessem ser provadas em uma materialidade convencionalmente considerada biológica e, portanto, natural, que legitimaria a ideia de homem e mulher e a heterossexualidade como naturais." (Rodriguez e Anzini, 2021, p. 43 e 45)

imposição inevitavelmente ancorada na cisheteronorma, que opera como um “referencial” canalha: aproximar-se dele pode significar uma tolerância ou invisibilidade oportuna, enquanto distanciar-se resulta em suspeição, escárnio ou violência.

> Quando se trata de identidade e expressão, nossa leitura social pode tanto ser uma meta como uma imposição, ou mesmo um acidente, independentemente de nosso auto-reconhecimento. Portanto, se o referencial que temos é a norma — em nosso caso, a cisheteronorma —, aproximar-se ou distanciar-se dela, acidentalmente ou não, determina como seremos tratados, se seremos excluídos, tolerados ou falsamente legitimados, a partir da leitura externa. (Pfeil; Pfeil, 2021b, p. 163)

Nesse terreno, a passabilidade atua como uma possibilidade de inteligibilidade ambígua, em constante tensão entre proteção e apagamento. Quando um corpo transmasculino é lido como cis, graças às tecnologias fármaco “adequadoras” cirurgicas[29], ele atravessa o espaço público com menos interpelações, menos perguntas invasivas, menos riscos explícitos. Nos é concedida uma espécie de permissão silenciosa para existir sem ser interrompido, um direito que toda pessoa cis dispõe no sistema cisheteronormativo.

No entanto, esse mesmo silêncio que protege também silencia. A visibilidade trans* é sacrificada em nome de uma leitura que reitera o padrão, e o reconhecimento, quando ocorre, é mediado por uma cisnorma que premia a semelhança e deslegitima a diferença. “Passar”, portanto, não é apenas ser confundido com o outro, mas aceitar, ainda que taticamente, os termos do reconhecimento impostos por ele. Nesse jogo, o sujeito trans é forçado a escolher entre ser lido como real ou ser lido como si.

Ou seja, é importante frisar que a passabilidade não define uma meta que todas as trangeneridades pretendem alcançar, tampouco supõe que a composição visual do corpo trans*, intencional ou não, é um disfarce planejado.

---

[29] Insiro aqui a palavra adequadora como uma referência aos métodos encontrados pelos transmasculinos para, literalmente, adequar sua imagem ao esperado para um corpo masculino. A saber: o uso do binder, uma faixa compressiva que pode ser retangular ou em forma de colete que envolve o busto, como um meio de disfarçar, reduzir ou, até mesmo, desaparecer com o formato das mamas; as fitas adesivas (tape binder), que são fitas kinesio originalmente usadas na fisioterapia, mas que servem ao mesmo propósito do binder; packers, que são próteses penianas ocas e acompanhadas de vértebra caso deseje-se mantê-la ereta, servindo para urinar em pé, servir de volume na sunga de banho ou calças mais apertadas e para intercurso sexual; pump, que são espécies de “bomba de sucção” que servem para estimular o clítoris sexualmente e para o crescimento.

Pelo contrário, a dita passabilidade diz sobre a permissividade que se dá para qualquer indivíduo cis ser fiscal, em ambientes públicos e privados, de corpos que merecem ou não o escrutínio degradante.

Noutro ponto, Ribeiro (2023), argumenta sobre a via de mão dupla do gênero e do desejo nas transmasculinidades, um deslocando o outro simultaneamente, esfacelando a fronteira entre gênero e sexualidade ao ponto de dificultar sua separação na constituição das subjetividades transmasculinas. Esse movimento implica, segundo a autora, que a performance de gênero masculinizada, antes mesmo do entendimento da transgeneridade, mas em termos de sexualidade, “possibilita o amadurecimento de um outro sentido de si (Ribeiro, 2023, p. 131).

Em outras palavras,

> A sua vontade está ligada à sensação provocada pelo compartilhamento de uma posição masculina, E a sua convicção de que “é um homem que eu sou” é justificada por essa possibilidade de vivenciar seriamente essa posição. Todos esses elementos — corpo, gênero, desejo — atuam na formação dessas subjetividades e esse sentimento marcante de masculinidade. (Ribeiro, 2023, p. 134)

Essa inter-relação entre corpo, desejo e gênero revela que a leitura social não é apenas algo que se impõe de fora, mas também algo que se tensiona de dentro — nas dobras da experiência, na fricção entre o sentir e o ser percebido. Não se trata de um processo de adaptação ao modelo, mas de um trânsito denso, em que a transmasculinidade emerge não como um ponto fixo, mas como uma zona de experimentação subjetiva.

O que se vivencia, antes mesmo de se nomear como trans*, já carrega a potência de uma desobediência aos roteiros de gênero esperados. Ou seja, mesmo sob regime disciplinar o reconhecimento de si, portanto, não decorre de uma aliança plena com o ideal normativo, mas do modo como o corpo responde ao mundo e, simultaneamente, é convocado a responder por ele. Nesse entrelaçamento, ser transmasculino não é apenas um deslocamento identitário, mas a possibilidade de produzir uma posição — não apenas ocupar uma.

> Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente. (Louro, 2014, p. 65)

Seria ousadia e irresponsabilidade da minha parte afirmar que a transmasculinidade sempre busca produzir sua posição e não ocupar, e reivindicar, a posição do “ser homem”. Essas negociações, embora constantemente tensionadas por normas reguladoras, carregam a experiência transmasculina, em sua multiplicidade, tanto os vestígios do controle normativo quanto os gestos de invenção cotidiana que escapam à totalização.

É nesse solo instável, onde coexistem reconhecimento condicionado, silenciamentos estratégicos e performances insurgentes, que vejo a possibilidade de se configurar modos outros de existir, mesmo nos corpos que utilizam das tecnologias de saber-poder das masculinidades hegemônicas em algum nível. Acredito que reconhecer essa complexidade é essencial para não reduzir as transmasculinidades a uma parte à sombra das masculinidades hegemônicas, mas compreendê-las como espaços vivos de negociação simbólica, de criação ética e de resistência (consciente ou não).

### 3.4.2 NEM HOMEM, NEM OUTRO, MAS ÀS VEZES WƎWOH!

*Tem homem corno, homem baixo, homem gordo,*
*homem grato, safado,careca, cabeludo, veado,*
*ousado*
*Tem muito, tem muito, tem muito, tem muito*
*homem, poisé*
*Todo homem que se preza tem que impor respeito*
*Saber ouvir, falar, escutar, ter dinheiro, celular, ser*
*bom de cama e te respeitar*
*E se o homem não tiver nenhuma dessas virtudes,*
*saia de perto e tome uma atitude*
*Porque o verdadeiro homem, ele te ama, te ama,*
*te trata...*
*Te trata com carinho, com respeito e amor*
*E vai te dar por toda vida grandes felicidades*
*Serão felizes*
*Esse é o homem de verdade*
*(Homens - Manu Chao)*

Esse título curioso é uma brincadeira com as palavras. Ele nasce de memórias de conversas com outros transmasculinos em momentos diversos da minha trajetória, que aqui é valorizado como expressão de um saber transcestral - um conhecimento-testemunho (Miglievich-Ribeiro, 2020; ibidem, 2025) - forjado por corpos que narram a si mesmos após atravessarem a negação ontológica. Um tipo de saber, no qual o corpo não é apenas suporte: é

arquivo, linguagem e presença que insiste em existir mesmo quando o mundo tenta silenciar ou extinguir sua possibilidade.

Foram inúmeros os transmasculinos que compartilharam comigo suas experiências com a transição e a sua masculinidade. Seja em encontros casuais nas filas de espera do ambulatório transexualizador de Belém, o Casulo, seja em reuniões de movimentos sociais, ou na barbearia de Belém — fundada e composta por transmasculinos —, a Tman Barber.

Essas conversas apareceram sempre com naturalidade, ao falarmos sobre hormônios, relações, violências e outras coisas tão comuns para nós que por muito tempo passaram despercebidas para mim. Dentre as narrativas, algumas delas traziam a certeza de que, ontologicamente, aquele indivíduo não era um homem: *"Eu não sou homem, nunca vou ser. Não do jeito que os homens são, eu sou eu. Eu não me vejo nessa categoria de homem".*[30]

Em outro extremo desse conhecimento-testemunho, há aqueles que já me trouxeram um outro ponto de vista: *"Eu não queria ser homem, mas eu sou, fazer o quê? E eu sou homem mesmo, sou macho, sempre fui".*

Entre essas afirmações - que podem parecer opostas - emerge uma verdade comum de seus sentimentos de masculinidade (Ribeiro, 2023): o modo como cada um negocia com o que significa ser ou não ser homem. Não há, aqui, confusão. A meu ver, há uma elaboração cuidadosa de si em um campo onde a norma tenta capturar o corpo e o desejo numa lógica fixa e hierarquizada.

A grande parte desses indivíduos - seja os que se aproximavam mais da primeira proposição ou mais da segunda - usavam da testosterona e de tecnologias adequadoras, mas outros não. Suas apresentações no mundo eram, em maioria, masculinizadas, enquanto alguns outros sentiam-se confortáveis com uma aparência andrógina.

Ou seja, essas vozes não buscam consenso. Elas falam desde um lugar de coerência interna, onde o gênero não é destino, mas travessia. O que se

[30] Essas proposições são aqui constituídas dentro de uma tentativa de generalização da maioria das memórias evocadas ao e(in)screver-me nesta Dissertação. Não necessariamente significa que só existam essas duas linhas de pensamento dentro das transmasculinidades, ou que, tampouco, elas sejam completas em si ou auto excludentes. O que busco, porém nessas proposições é integrar essa discussão à percepções "que alargam o mundo conhecido e, do ponto de vista ético, o torna habitável àqueles que não cabem nos binômios modernos que classificaram, até então, a realidade complexa" (Miglievich-Ribeiro, 2025, p. 10).

revela nessas trajetórias não é a recusa da masculinidade em si, mas da forma hegemônica, cisnormativa de performá-la, apropriando-se dos próprios termos usados por essa forma para descaracterizá-la.

E, é aqui que reside a brincadeira em tornar as palavras de ponta cabeça. As transmasculinidades, não se prestam ao papel de espelho distorcido do homem cis, nem tampouco podem ser relegadas ao lugar do Outro abjeto, como se ocupassem uma posição marginal, sem agência ou legitimidade. Ao contrário, o que está em jogo é a apropriação, consciente ou não, de elementos da masculinidade que não se subordinam automaticamente à cisgeneridade nem reproduzem a lógica da dominação viril. Somos uma inversão, somos suəɯoɥ.

A afirmação do “ser ɯəɯoɥ” — ou até mesmo oɥɔɐɯ—, para alguns transmasculinos, pode operar como gesto afirmativo e urgente — uma reivindicação política e existencial frente a uma ordem que constantemente nega sua legitimidade. Sendo importante frisar que, mesmo quando esse lugar é assumido, ele não garante acesso aos privilégios do homem cis, uma vez que o corpo transmasculino é constantemente devolvido à margem (ainda que performado de forma passável, como já discutido).

O que se configura, então, é uma zona de fricção: não o lugar do mesmo nem o lugar do outro. Trata-se de uma reinvenção da masculinidade como projeto ético e político, onde o “ser homem” deixa de ser destino final e passa a ser possibilidade — situada, tensa, fluida e transformadora.

> As masculinidades hegemônicas são para serem desconstruídas nos vieses das transmasculinidades, pois não se pode ter uma leitura rasa e unificada de ser homem, e sim múltiplas formas de expressar a masculinidade. As transmasculinidades têm muito a ensinar, e nós, homens trans e pessoas transmasculinas, fazemos isso com os nossos corpos, nossas performances transgressoras, nossas tecnologias de resistência. Modificamos o cotidiano com nossas existências e formas de viver. Nossas vivências e vidas são educadoras. Nossos corpos educam, educamos com as nossas vidas. O viver já é uma enorme resistência. (Domingues; Rodriguez, 2021, p. 60)

A razão pela qual encaminho a discussão sobre as tantas formas de se viver a transmasculinidade a partir do que nos constitui como potência é justamente deslocar o olhar daquilo que nos violenta. Essa escolha metodológica e política não ignora as marcas da abjeção, mas recusa que elas sejam o centro exclusivo da narrativa. Ao invés disso, volto-me às práticas de

resistência que se inscrevem nos gestos cotidianos, nas performances singulares e nas reinvenções de gênero que se dão, muitas vezes, à revelia das normas.

É nesse sentido que retomo Foucault (1992; 1995) ao propor a escrita de si como um "'mostrar-se', dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro" (Foucault, 1992), configurando-a, portanto, como uma tecnologia de subjetivação: um trabalho ético sobre o próprio corpo e existência, onde a vida se torna objeto de elaboração e criação.

> É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma. Pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual inteira. Num mesmo coração há vozes altas, baixas e medianas, *timbres de homem e de mulher*. (Foucault, 1992, p. 134, grifo meu)

Para além do relato ou da autobiografia, escrever-se nessa perspectiva de Foucault remete aos *hypomnemata*[31], que não funcionam como diários pessoais, mas, fundamentadas em um ética de si, buscavam reunir o já dito "transmitido pelo ensino, pela escuta ou leitura como meio de estabelecer uma relação de si para consigo" (Foucault, 1995).

Essa concepção de escrita de si desloca a narrativa do eu como confissão ou relato linear, e a posiciona como elaboração ativa da experiência, onde o sujeito não apenas conta o que vive, mas estabelece um processo de reflexão ativa sobre o que compõe seu ser.

Embora a escrita de si, como argumenta Foucault, seja uma ferramenta potente de elaboração subjetiva, acredito que ela não dá conta sozinha da experiência de quem escreve desde os atravessamentos da abjeção. A Escrevivência, como propõe Conceição Evaristo, em diálogo com o conceito de escrita de si foucaultiano, carrega outra urgência: ela não é só exercício individual, mas escrita marcada pelas vivências coletivas de subalternização, de luta e de reinvenção.

---

[31]Na antiguidade os *hypomnemata* poderiam ser livros de apontamento, registro público, cadernos de anotações pessoais que servem como memória para fragmentos de livros, citações, ações testemunhadas, para materializar as coisas lidas, ouvidas, pensadas e vistas (Foucault 1995)

> Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é, para mim, o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (Evaristo, 2020b, p. 219-220)

Nas transmasculinidades, esse gesto torna-se especialmente significativo por ser uma escrita que nasce do corpo que é catalogado, da memória que é apagada e das vivências que são invalidadas — e que não quer só alcançar-se em si, mas transformar o modo como esse ser é lido por si mesmo e pelos outros. Ao escrever-se, uma pessoa transmasculina não está apenas se documentando: está se compondo como campo de forças, como dobra entre discurso e invenção, como prática de liberdade para virar as palavras de cabeça para baixo ainda que atravessada pelas mesmas gramáticas que tenta deslocar.

A escrita de si — no sentido de prática de si[32] — através da Escrevivência, portanto, se inscreve como um gesto de resistência à fixação identitária, trata-se de afirmar uma vida possível para além da exigência da consistência do masculino hegemônico - uma vida cuja legitimidade não depende da estabilidade dos termos com os quais é nomeada.

Em última instância, escrever-se, nesse contexto, é um gesto profundamente político: uma forma de marcar presença, produzir verdade e, sobretudo, abrir caminho para novas existências que ainda não cabem em nenhuma gramática pronta. Por isso, o que está em jogo não é a explicação de um fenômeno, mas o compartilhamento de mundos possíveis. As histórias dessas subjetividades não pedem para serem analisadas como dados ou classificadas como exemplos, mas sim acolhidas como experiências ético-estéticas (e por que não literárias?) que nos interpelam.

Faço um adendo aqui sobre o direito à literatura e como um direito humano. Em O direito à literatura, Antônio Candido (1995), argumenta sobre o papel humanizador da literatura[33], posicionando-a como um bem

---

[32] Esse recorte de escrita de si como prática de si precisa se destacar por se enquadrar em uma produção da fortuna crítica de Foucault relativa aos modos de subjetivação de resistência e não se confundir com a escrita de si que Conceição Evaristo diferencia da Escrevivência ao afirmar que ela “não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho” (Evaristo, 2020a, p.38).

[33] Para Cândido, nesta discussão, a literatura é um sentido amplo que agrega “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os

incompreensível juntamente à moradia, alimentação e cidadania, por exemplo, uma vez que em sua essência, esses bens não podem assegurar meramente a sobrevivência em níveis mais ou menos decentes, mas garantir a integridade espiritual.

O gesto literário, nesse sentido, não atua apenas como expressão, mas como possibilidade concreta de reorganizar aquilo que sentimos e compreendemos sobre o mundo e sobre nós mesmos (Candido, 1995). Ao dar forma à experiência, a escrita permite ordenar o caos — não para domesticá-lo, mas para habitá-lo de outro jeito.

Existe nisso uma potência formativa: ao escrever e ao ler literatura, nos (re)configuramos, ampliamos o alcance do que podemos imaginar e sustentar emocionalmente. A composição estética das palavras, das imagens e das pausas não é mero enfeite: é uma tecnologia sensível que nos permite nomear o indizível e resistir à desordem imposta pelas violências. Quando uma narrativa nos toca, não é só porque ela representa algo, mas porque ela nos dá estrutura para sentir — e isso, no fim das contas, também é uma maneira de existir de forma mais inteira.

> Quem é responsável pelo outro lado do compartilhamento de consciência na literatura somos nós, leitoras e leitores. A leitura empática — essa forma de penetrar a experiência dos personagens em vez de suspeitar deles e rejeitá-los de antemão — é condição para que de fato leiamos literatura e não simplesmente analisemos textos literários, ou, o que é ainda mais triste, os encaremos como documentos sociológicos. (Diniz, 2024, p. 64)

Assim como o direito a existir dentro do sistema de inteligibilidade cisheteronormativa é negado aos corpos trans*, o direito à literatura também lhes é frequentemente recusado — tanto simbolicamente, quanto materialmente. Negado não só por meio da exclusão da representatividade nas narrativas canônicas, mas também pela negação do acesso pleno à escolarização, especialmente entre pessoas trans das classes populares.

Quando se retira o direito à educação formal, à leitura, à escrita, não se retira apenas o domínio de uma técnica: impede-se a possibilidade de organizar a própria experiência em palavras, de elaborar o vivido e de construir mundos simbólicos nos quais se possa, enfim, existir.

---

tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, Ìenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (Candido, 1995, p. 174).

Por isso, quando corpos dissidentes transmasculinos escrevem — e escrevem a si mesmos — estão não apenas contando suas histórias, mas reinvindicando um espaço de humanidade historicamente negado. Escrever-se, nesse sentido, é recusar a alternativa entre assimilação e abjeção, e afirmar uma existência que não cabe na oposição que a produziu.

# 4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

> *A História escrita não se preocupa com as pessoas trans. A nossa História ainda está por ser escrita. Nós é que temos que escrever a nossa própria História! (Jesus, 2018, p.392)*

A perspectiva das Teorias Pós-Críticas é fundamentada em críticas ao essencialismo e à universalidade das ciências modernas, tendo seu enfoque descentralizado e relacional, priorizando a experiência, a subjetividade e os contextos socioculturais na construção do saber que permitem o questionamento das noções binárias e universais (Paraíso, 2004).

> os sujeitos produzidos em diferentes práticas e por diferentes textos constituem linhas que são constantemente traçadas, retraçadas e que fazem encontros no território das pesquisas pós-críticas em educação no Brasil. É preocupação dessas pesquisas expor o tipo de sujeito e de subjetividade que as diferentes práticas educativas formam, modificam, educam, fabricam, fixam, divulgam. Reunidas, essas pesquisas mostram que o sujeito (ou a subjetividade) é produzido, montado ou fabricado em diferentes práticas discursivas (tanto na escola como fora dela) que se combinam ou não para a regulação das nossas condutas. Defendem que o sujeito não existe fora da história, da linguagem, do discurso e das relações de poder. Enfim, mostram que é preciso estudar as diferentes práticas que investem uma infinidade de técnicas, estratégias e procedimentos na produção de certos tipos de sujeitos e de determinados "objetos". (Paraíso, 2004, p. 293)

Tendo isso em vista, essa perspectiva foi por mim escolhida não apenas por ser uma tendência epistemológica entre os trabalhos do Estado do Conhecimento supracitado (Capítulo 2), mas também porque permite evidenciar, por exemplo, as questões de gênero e sexualidade como elementos capazes de produzir conhecimento sobre o processo social, historicamente determinado de controle dos corpos (Freire e Vieira, 2019).

Considerando que a subjetivação é um processo de constituição dos sujeitos, e que, no caso das transmasculinidades, esse processo ocorre em meio a negociações e resistências dentro de uma estrutura complexa de disciplinamento de corpos generificados, tornou-se necessário adotar um método sensível — capaz não apenas de respeitar as identidades e suas trajetórias, mas também de tê-las como foco central da pesquisa.

Diante disso, a abordagem adotada nesta pesquisa foi qualitativa e operacionalizada por meio do que chamei de oficina narrativa, espaço no qual sujeitos transmasculinos adultos puderam compartilhar suas experiências por

meio de múltiplas linguagens — textual, oral, artística e poética —, respeitando suas subjetividades e modos próprios de expressão.

Nesse contexto e considerando minha trajetória pessoal profundamente vinculada à leitura e à escrita, elegi a Escrevivência como conceito analítico-metodológico central. Essa escolha se justifica pelo fato de que a Escrevivência constituir-se como um gesto político e emancipador que confronta as normatividades sociais e epistemológicas colonizadoras, subalternizantes, cissexistas e, principalmente, racistas.

A Escrevivência, originalmente, é um conceito proposto por Conceição Evaristo, e vai além da literatura autobiográfica tradicional, tendo como seu principal cerne “a força motriz de mulheres negras escravizadas que nos antecederam” (Evaristo, 2022), podendo ser expandida[34] para narrativas enraizadas em vivências *pessoaiscoletivas* de indivíduos marginalizados, mas principalmente, e genealogicamente, das mulheres negras. Ou seja, conforme a própria autora, a Escrevivência é

> uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020a, p. 35)

Compreendo que a Escrevivência, enquanto conceito analítico-metodológico, portanto, privilegia a experiência vivida como forma legítima de produção de conhecimento e resistência. E, através dela, proponho a construção de um espaço narrativo seguro e coletivo, onde os participantes transmasculinos possam relatar suas histórias, reinterpretar suas experiências e fortalecer suas identidades.

Pela Escrevivência privilegiar a experiência vivida como forma de resistência e produção de conhecimento, oferecendo uma perspectiva subjetiva e crítica, e contrariando epistemologias hegemônicas, essa abordagem teórico-metodológica é particularmente valiosa em contextos de pesquisa social e educacional, onde a voz de grupos sub-representados deve ser centralizada e valorizada (Melo; Godoy, 2016; Soares; Machado, 2017), e que aqui

[34] Ao mobilizar a Escrevivência neste trabalho, não busco descolar o conceito de sua origem negra e feminina, mas dialogar com sua potência epistemológica a partir de minha própria posição situada.

representa também um contato direto com meu próprio processo de subjetivação, como já dito.

Conceição Evaristo inclusive, afirma que para uma instituição de ensino superior se valer do título de democrática ela “não pode continuar devedora dos nossos saberes e de outros saberes que constituem a nação brasileira” (Evaristo, 2022), ou seja, a Escrevivência funciona como uma tática de libertação e imposição de um saber através da enunciação do presente marcado por um processo histórico de escravização de corpos pretos e que, por conseguinte, desvela as consequências colonialistas que enfrentamos até hoje: a abjeção da mulher, da travesti, do povo periférico, negro, LGBTI+ etc.

A Escrevivência, enquanto conceito teórico-metodológico desta pesquisa, em termos práticos implica, portanto na produção de um espaço seguro para a expressão de suas emoções, a mistura de suas memórias, a liberdade poética confluídas[35] no que chamo de narrativas desses transmasculinos, independentemente do gênero textual que venha a se manifestar e da materialidade que se configure.

Essas narrativas, que não se pretendem estritamente factuais, mas sim literárias por se configurarem como Escrevivências, afirmam o direito que a literatura tem de revelar verdades por meio de suas ficções. Trata-se de um modo de narrar em que o inventado e o vivido se entrelaçam, conferindo legitimidade à experiência subjetiva como forma de conhecimento e resistência.

> É um direito que devemos defender sem rubor. Porque brincar com as mentiras, como fazem o autor de uma ficção e seu leitor, com as mentiras que eles mesmos fabricam sob o império dos seus

[35] Confluência é um termo usado nesta pesquisa a partir do pensamento contracolonial de Nego Bispo (2023) que a posiciona como “a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. (...) Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida.” (Bispo, 2023, p.15). Apesar dessa pesquisa se guiar pelo pensamento Pós-Crítico, centralizado nos processos de produção de sujeitos, acredito que apropriar-se dessa fortuna teórica humana como um autor *diversal* (Bispo, 2023, p. 30) é um movimento contracolonial apropriar-se do que a cultura dos homens cis, brancos, ocidentais produziu para “transformar as armas do inimigo em defesa” (p. 13) e sonhar — e fazer desse sonho realidade —– com nossas transexistências *possíveis*, vivas, felizes e prósperas. Uso o termo “confluída” para driblar a ideia de “produção” de uma escrevivência, desinstrumentalizando a escrita e ampliando sua semiose para um escrito que é um produto material, mas também é produção de subjetivação. Ou seja, as escrevivências dos participantes desta pesquisa são, nos termos já discutidos, uma escrita de si que surge da confluência com outras escrevivências transmasculinas.

> demônios pessoais, é uma maneira de afirmar a soberania individual e defendê-la quando ameaçada; de preservar um espaço próprio de liberdade, uma cidadela fora do controle do poder e das interferências dos outros, no interior do qual somos, na verdade, os soberanos do nosso destino. Dessa liberdade nascem outras. Esses refúgios privados, as verdades subjetivas da literatura conferem à verdade histórica, que é seu complemento, uma existência possível e uma função própria: resgatar uma parte importante — porém somente uma parte — da nossa memória (...) O que somos como indivíduos e o que quisemos ser e não pudemos sê-lo de verdade, e devemos sê-lo, portanto fantasiado e inventado — nossa história secreta —, somente a literatura sabe contá-lo. (Llosa, 2004, p. 25-26)

Isso suscita dizer que a Escrevivência é um espaço de construção e expressão de si, um ato de resistência, de memória e de se fazer situar no mundo daqueles grupos que são colocados em lugar de subalternização. Ela também emerge como uma ferramenta epistêmica essencial para dar visibilidade a sujeitos semelhantes a mim que são marginalizados em suas vivências, registrando suas histórias para além das notícias de jornal narrando suas mortes truculentas ou das postagens de mais um suicídio com a foto de um jovem em preto e branco.

Para Conceição Evaristo (2022), a Escrevivência é verbo insurgente — uma força de reivindicação que brota das margens, onde habitam os corpos e vozes historicamente silenciados. Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa se inscreve também no território da arte, pois faz da palavra denúncia, faz do relato resistência, e da escuta um gesto político. Trata-se de tornar audível o que por tanto tempo foi ignorado: os saberes encarnados em corpos de enunciação dissidentes, plurais, transgressores.

Quantas pessoas, afinal, conhecem a existência das transmasculinidades? E como reconhecer suas demandas, suas lutas civis, seus modos de vida e de amar, se sequer seus nomes são pronunciados? Visibilizar é um ato de cuidado — e de justiça — que contribui para a humanização de existências que insistem em viver, apesar de tudo.

Além disso, o caráter participativo da Escrevivência fortalece a produção coletiva de saberes. Dantas e Chirico (2024) destacam a importância de pessoas trans* entrarem em contato com as histórias de outras pessoas trans* que vieram antes delas — histórias transcestrais[36] —, uma vez que através

[36] Derivado de ancestral, transcestral é um neologismo usado para referenciar com respeito a história apagada ou silenciada de pessoas trans* que vieram antes de nós.

disso é provocada uma virada narrativa, que reescreve as histórias de opressão e promovem a ocupação de espaços que nos pertencem.

Nesse sentido, essas narrativas não apenas registram vidas em palavras — elas as transbordam. Mais do que contar, elas (re)significam: rasuram o silêncio, reinventam sentidos, e deslocam fronteiras no campo social e acadêmico. São vozes que, ao se escreverem, também se produzem como sujeitos.

## 4.1 NARRAR-SE: ESCREVIVÊNCIAS E A OFICINA NARRATIVA

Oficinas de leitura literária e de escrita criativa constituem metodologias ativas recorrentes no cotidiano de docentes da área de Linguagens[37], alinhadas ao conceito de letramento literário. Esse conceito propõe a incorporação da literatura à vida das pessoas estudantes de maneira orgânica, significativa e contínua, superando sua utilização restrita a fragmentos de livros didáticos ou a pretextos para o ensino de normas gramaticais (Zilberman, 2012; Cosson, 2014). Nesse horizonte, a experiência literária deixa de ocupar um lugar acessório e passa a configurar-se como prática cultural formadora, capaz de articular sensibilidade estética, pensamento crítico e construção de subjetividades.

Ao compreender e concordar que a oficina é “uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé sentir–pensar–agir, com objetivos pedagógicos” (Paviani; Fontana, 2009, p. 78), minha inquietação deslocou-se da dimensão metodológica em si para a nomenclatura que a definia. Denominações como “Oficina de Leitura Literária” ou “Oficina de Escrita Criativa”, embora consolidadas, não davam conta de expressar o eixo mobilizador do sentir–pensar–agir que sustentaria a proposta do Escre(vivências) Transmasculinas, concebido não apenas como prática de leitura ou exercício técnico de escrita, mas como território de elaboração identitária, partilha de experiências e produção coletiva de sentidos.

---

[37] Como minha licenciatura foi em Letras - Língua Portuguesa, a escolha dos referenciais teóricos desta Dissertação se dá no confluir de alguns nomes teóricos do ensino de Literatura que conheci na graduação aos nomes teóricos que conheci durante o mestrado. Defendo que esse diálogo trans(*)disciplinar é também uma iniciativa para criar pontes entre a reflexão das práticas pedagógicas difundidas na Pedagogia e na Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

É nesse ponto que a Escrevivência, enquanto conceito teórico e político, articula-se à oficina pedagógica em uma in(con)fluência tão intensa que se manifesta já em sua própria nomeação. Entendida como escrita atravessada pela experiência vivida e pela memória social (Evaristo, 2005; 2009), a Escrevivência desloca o foco da técnica para a existência, da norma para a narrativa de si. Assim, a oficina narrativa volta-se para as histórias que nos constituem, para relatos que, ao serem enunciados, produzem reconhecimento, identificação e pertencimento.

Ou seja, as escrevivências não são um produto textual, mas sim narrativas que revelam experiências que moldam o estar no presente — aquilo que usualmente sintetizamos quando afirmamos quem somos. Nesse contexto, a escrita não apenas representa o vivido, mas o reinscreve, ressignifica e compartilha, transformando o espaço pedagógico em espaço de elaboração subjetiva e afirmação identitária.

Nessa pesquisa, busquei conceber a oficina como um espaço de acolhimento e de provocação de reflexões críticas acerca das identidades transmasculinas, especialmente daquelas que, embora nem sempre formalmente vinculadas a movimentos sociais organizados — como o Movimento Organizado de Homens Trans e Transmasculinos (MOHTPA), o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT–Pará) ou a Associação de Discentes Trans e Travestis da UFPA (ADDISTRAVE) —, mantêm trocas significativas com a população trans e com as pautas por direitos.

A oficina, como qualquer ação pedagógica, também pressupõe planejamento; contudo, foi na execução que ela assumiu suas características mais significativas, distanciando-se de abordagens centradas exclusivamente no professor ou na racionalidade técnico-instrumental.

Conforme Paviani e Fontana (2009, p. 79), o planejamento prévio precisa ser flexível, ajustando-se às situações que emergem dos contextos reais dos participantes. Assim, embora houvesse uma organização inicial — com definição de encontros, propostas de leitura, dispositivos de escrita e momentos de partilha —, o percurso foi constantemente reelaborado a partir

das demandas, afetos, memórias e urgências que se apresentavam no coletivo[38].

O planejamento da oficina também foi influenciado por experiências coletivas de leitura e troca, como o projeto “Leia Mulheres”, que demonstra como espaços de leitura podem se converter em territórios de autoria e fortalecimento de vínculos. Essa inspiração reforçou a compreensão da oficina não apenas como estratégia metodológica, mas como espaço formativo, no qual a leitura de textos literários — especialmente de autoria transmasculina — funcionou como disparadora de memórias, identificações e deslocamentos subjetivos.

Utilizar textos de outros transmasculinos como provocadores constituiu-se, portanto, mais do que uma técnica de facilitação: tratou-se de um gesto ético-político de enlaçamento entre vozes dissidentes que compartilham atravessamentos comuns, ainda que situados em diferentes tempos e territórios. A leitura em grupo, como aponta Colomer (2007), enriquece a resposta individual ao incorporar os matizes da interpretação do outro, permitindo que o texto literário ative ressonâncias múltiplas. Nesse contexto, ler tornou-se também um ato de reconhecimento — reconhecer-se no texto e reconhecer o outro em sua diferença.

Metodologicamente, a oficina narrativa teve como intuito configurar-se como um espaço de “produção de dados”[39] que respeita a indissociabilidade entre forma e conteúdo, entre experiência e linguagem. As narrativas produzidas foram compreendidas não como relatos transparentes de uma “verdade” essencial, mas como práticas discursivas situadas. Em consonância com a perspectiva Pós-crítica que fundamenta esta pesquisa, essas narrativas foram analisadas como efeitos e, ao mesmo tempo, como produtoras de subjetividades.

---

[38] Priorizo registrar aqui o que se deu em detrimento de comparar, de forma normativa, o que foi previamente planejado com aquilo que efetivamente se realizou. Tal escolha fundamenta-se na compreensão de que os dispositivos pedagógicos pensados como disparadores de reflexão não operam de maneira linear nem produzem efeitos previsíveis. Seus sentidos são continuamente deslocados pelas experiências, afetos e repertórios dos participantes, que reconfiguram o próprio percurso da oficina. Ou seja, interessa-me evidenciar os movimentos que emergiram no encontro, as inflexões, tensões e reorientações que constituíram, em si, parte significativa do processo investigativo.

[39] Utilizo aqui a expressão “produção de dados” de modo crítico, pois compreendo que não se trata de extrair informações, mas de co-construir narrativas.

A horizontalidade da relação entre pesquisador e participantes foi um elemento central nesse processo. Ao assumir explicitamente minha condição de sujeito transmasculino, implicado na temática investigada, reconheço que esta pesquisa não se constrói a partir de uma exterioridade neutra, mas de uma posição situada. Essa implicação não compromete o rigor científico; ao contrário, explicita as condições de produção do conhecimento e reafirma o compromisso ético com aqueles que, historicamente, foram transformados em objetos de pesquisa, mas raramente reconhecidos como produtores de saber.

A oficina narrativa operou simultaneamente como dispositivo pedagógico, estratégia metodológica e gesto político. Ela possibilitou a criação de um espaço-tempo em que as transmasculinidades puderam ser ditas, escritas e imaginadas para além dos enquadramentos patologizantes, midiáticos ou estatísticos que frequentemente nos capturam.

Encerrada a descrição do percurso metodológico, passo, no capítulo seguinte, a convidar você[40] para um mergulho na cabeça do ɯəɯoɥ que nenhuma mulher desejou em nenhum filme melodramático famoso. A ler as palavras ditas e escritas do ɯəɯoɥ que tem medo de te assustar, mulher, na rua quando anda atrás de você no meio da noite, não busque só resultados de uma pesquisa, mas pegadas que a maré revela e redesenha: memórias que insistem, subjetividades em travessia, inscrições de si no mundo.

Os suəɯoɥ que você vê de barba, ou não, geralmente de baixa estatura e roupas mais largas que o normal, penetram com mais vigor quando usam as palavras; e só causam violência de fato nas trincheiras em ruínas dos “machos alfa”. Portanto, você que nunca leu um poema de um *trans*gressor, espere desde já escrevivências que, ao emergirem, não encerram respostas; antes, ampliam o horizonte de perguntas sobre existência, pertencimento e resistência nas transmasculinidades.

---

[40] Peço perdão por quebrar a quarta parede, mas se sou um “autor pessoal” não gosto da ideia de que estou me comunicando com um interlocutor impessoal. É só uma divagação, mas acho que seja válida: a ciência do futuro, que eu e *você* — que está lendo este **trabalho acadêmico** por qualquer razão que seja —, estamos construindo não deveria usar um pouco mais do diálogo ao invés da impessoalidade supostamente imparcial das metodologias científicas? Se você concorda que a resposta é “sim”, então compartilhamos do pensamento de que é no retorno ao diálogo que o conhecimento que a Academia produz vai retornar em sua plenitude para uma vida melhor para todes.

## 5. VISLUMBRES DE UM ENTENDIMENTO: UM OI□O□□□Ǝ□ REFLEXIVO DA OFICINA NARRATIVA

A abertura desta seção marca a passagem do percurso metodológico para a apresentação das narrativas produzidas na oficina. Se, até aqui, descrevi as escolhas teóricas e os dispositivos que sustentaram a pesquisa, é no encontro concreto com os participantes que tais fundamentos ganham, quase literalmente, corpo.

O convite para a participação da Oficina Escre(vivências) transmasculinas foi feito por meio de um formulário Google (**Figura 2**) que enviei nos grupos de Whatsapp de transmasculinos e pessoas trans* que faço parte, frisando a preferência por participantes do Norte e Nordeste. Depois de coletadas as inscrições de interesse, criei um grupo no Whatsapp com aqueles que responderam o formulário.

**Figura 2: Captura de tela do cabeçalho do formulário de interesse digital**




Fonte: registro do autor.

Desde o primeiro contato com os interessados e participantes, houve um cuidado ético para que eles percebessem a potência da oficina, para, juntos, construirmos uma pesquisa sobre nós. Nesse sentido fiz um levantamento no grupo do Whatsapp sobre a disponibilidade dos 30 em comparecer na UEPA em dias da semana e horários específicos que cabiam na minha realidade.

A saber, o formulário registrou 31 manifestações de interesse. Dentre essas, uma resposta proveniente da região Sudeste foi desconsiderada para fins de cálculo, mantendo-se apenas as 30 respostas oriundas das regiões Norte e Nordeste. Das pessoas que preencheram o formulário, apenas três efetivamente participaram da oficina, correspondendo a 10% do total de inscrições de interesse consideradas.

Mas isso não é configurado, na minha percepção, como um obstáculo metodológico, mas sim como um indicador das condições materiais que atravessam as transmasculinidades na região. Ao tentar encontrar um consenso com a maior adesão possível, tornou-se evidente que fazer essas pessoas compreenderem a potência da oficina era um desafio muito menor do que encontrar um dia em que não estivessem trabalhando.

Essa informação, ao meu ver, é um dado que dialoga com o perfil dos participantes que falarei mais adiante. Grande maioria dos transmasculinos interessados em participar da oficina declararam trabalhar na escala 6x1, alguns estudando e trabalhando para se manter. Isso excluía os dias de sábado para a maioria deles da janela de possibilidade de participação, reduzindo drasticamente a adesão à oficina.

Além disso, o formato presencial da oficina, apesar de inegavelmente ser a mais adequada por permitir o encontro interpessoal que torna a experiência pedagógica mais olho no olho, corpo e palavra, prejudicaria as pessoas interessadas via formulário que residiam fora de Belém e/ou que não tivesse recurso financeiro de deslocamento para a oficina. Isso também causou considerável abandono do interesse de participação.

Tendo esses desafios em vista, a decisão pelo formato online foi construída coletivamente, após consulta prévia e muito diálogo no grupo do Whatsapp, considerando as rotinas, localizações geográficas e condições de deslocamento dos envolvidos. Tal escolha também casou com minha própria condição de pesquisador residente em Marabá e mestrando vinculado a um programa sediado em Belém, que estava se mantendo na cidade para a execução da pesquisa e conclusão das disciplinas.

A oficina narrativa “Escre(vivências) Transmasculinas”, portanto, foi realizada de forma síncrona e virtual, por meio da plataforma Google Meets, no dia 25 de Outubro de 2025. Esse encontro ocorreu ao longo de um dia inteiro,

com intervalo para o almoço, reunindo três participantes transmasculinos adultos, residentes no estado do Pará, um deles em Belém, outro em Ananindeua e mais um em Bragança.

O grupo[41] que se reuniu durante aquele dia inteiro era composto por sujeitos com trajetórias distintas, mas atravessadas por experiências de produção de conhecimento e de elaboração de si por meio da linguagem. Mesmo informados previamente acerca da garantia de anonimato e da confidencialidade dos dados produzidos durante a investigação, conforme as diretrizes estabelecidas pelos comitês de ética em pesquisa, os participantes transmasculinos manifestaram, de forma consciente e voluntária, o desejo de dar visibilidade às suas trajetórias e existências, optando pela inclusão de seus nomes e fotos no texto.

Os três, portanto, assinaram à declaração de uso do nome e participação na pesquisa (**Apêndice 3**). Essa decisão, além de respeitar sua autonomia, reflete a importância da visibilidade como estratégia política e pedagógica na afirmação das identidades trans, contribuindo para a desconstrução de silenciamentos social e historicamente impostos e para o fortalecimento das narrativas que emergem a partir de suas próprias vozes.

Apresento-os[42] aqui como se apresentaram na oficina, Christian Araújo, David Miranda e Liz Bardo, deixando às escrevivências que eles escreveram e as falas que promoveram no confluir da oficina apresentando-os em complementaridade.

---

[41]Os participantes assinaram, além do TCLE (**Apêndice 1**), uma declaração formal de autorização, na qual manifestaram o desejo de que suas escrevivências fossem identificadas com seus próprios nomes (**Apêndice 3**). Ressalta-se que nenhuma informação sensível, íntima ou potencialmente vexatória foi incluída na pesquisa, preservando-se a integridade e a dignidade dos colaboradores.

[42]Não houve parâmetro para apresentar os participantes em um único sentido (artístico, político, acadêmico etc). A escolha de detalhar suas trajetórias foi feita em comunhão com os próprios participantes usando as informações que eles quiseram compartilhar e não tem caráter hierarquizante, mas busca situar os lugares de enunciação a partir dos quais cada participante e(in)screve.

**Figura 3: Christian Araújo**



Fonte: Foto cedida à pesquisa pelo participante

Christian Araújo tem 32 anos e é ɯəɯoɥ trans[43]. Escritor e cineasta, bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e “amante de literatura desde sempre”, segundo suas próprias palavras, Chris desenvolve uma escrita que articula memória, território e identidade, tomando a subjetividade como eixo da experiência transmasculina.

Autor de *Sou Feito de Pó(emas)* (2024), publicação independente, já teve também um de seus poemas — *Saudade* — incluído na coletânea *Transcritos* (2025), publicada pela Editora Desdêmona, que reúne textos de autores trans de diferentes regiões do Brasil. À época da oficina, encontrava-se em processo de finalização de sua segunda obra, *Não sou um diário* (prevista para 2026), livro híbrido que tensiona os limites entre romance, poesia e autoficção. Estruturado por heterônimos — como Ana Clara Lins, J.P. e José Carlos de Andrade — o texto fragmenta a linearidade autobiográfica para encenar mortes e renascimentos simbólicos, atravessando infância, luto, violência e transição de gênero, ao mesmo tempo em que projeta futuros possíveis.

---

[43]Chris se apresentou no chat como “homi trans”. Essa grafia, aparentemente despretensiosa, chamou minha atenção por ser um recurso recorrente (inclusive em minha própria fala): o vocábulo “homem”, por carregar uma semiologia historicamente pesada, normativa e muitas vezes inacessível parece causar desconforto, como se não *quiséssemos* estar no mesmo balaio que a masculinidade hegemônica. A torção deliberada opera, portanto, ao meu ver, como uma tecnologia linguística de subversão e reapropriação. “ɯəɯoH”, “Homi trans”, “Boyceta”, “Transmasc” tornam-se não apenas variações vocabulares, mas estratégias de deslocamento simbólico e produção de outras inteligibilidades possíveis para o masculino.

Paralelamente, Chris elabora o projeto *Coletânea – Escrevivências Trans Paraense*, no qual atuará como organizador e curador, a ser implementado mediante aprovação em edital público. A respeito desse projeto, do qual fui convidado para fazer parte após a oficina Escre(vivências) transmasculinas justamente com o intuito de replicá-la, falarei mais adiante na subseção **5.5 euprofessortransmasculino.**

**Figura 4: Davi Miranda**



Fonte: Foto cedida à pesquisa pelo participante

Davi Miranda, 40 anos, é ɯəɯoɥ trans, afroreligioso, casado e pai. Arquiteto e urbanista formado pela FAU-UFPA, mestre em Psicologia pelo PPGP-UFPA e atualmente doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, traz para o encontro uma trajetória acadêmica consolidada, atravessada pelas ciências humanas e por uma atuação política histórica no campo dos direitos da população trans. Servidor público do Instituto Federal do Pará (IFPA), é autor do livro Tornar-se Homem: percurso do reconhecimento da identidade transmasculina, publicado pela Editora IFPA.

Reconheceu-se como homem trans aos 27 anos e, desde então, sua trajetória articula produção acadêmica e militância. Foi um dos fundadores do

Coletivo de Homens Trans do Estado do Pará, criado em 2015 e pioneiro na região Norte, onde esteve à frente de projetos voltados à inclusão social, saúde pública e sensibilização sobre a transgeneridade. Participou das discussões que culminaram na criação do primeiro ambulatório do processo transexualizador da região Norte, instalado na URE-DIPE, além de organizar seminários formativos e rodas de acolhimento com psicólogos voluntários.

Também integrou a fundação da Rede Paraense de Pessoas Trans (REPAT), vinculada à Rede Trans Brasil, e contribuiu para a criação do Fórum Trans do Pará, espaço de articulação entre homens trans, mulheres trans e travestis. Sua atuação institucional inclui participação como suplente no Conselho Estadual de Segurança Pública, representando o segmento LGBT, e, desde 2015, integra o GT de diversidade sexual do Conselho Regional de Psicologia da 10ª Região, desenvolvendo atividades formativas voltadas a profissionais da saúde, educação e psicologia clínica.

**Figura 5: Liz Bardo**




Fonte: foto cedida à pesquisa pelo participante

Liz Bardo, tem 26 anos e é uma pessoa não binárie (ele/dele, elu/delu), bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Diadema, e licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Bragança. Sua trajetória acadêmica articula formação científica, docência e engajamento político-educacional.

Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no núcleo de Ciências Naturais – Biologia, atuando na E.E.E.F.M. Profª Yolanda Chaves. Anteriormente, integrou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), desenvolvendo atividades em parceria com o movimento social Rede de Mulheres das Marés e das Águas do Litoral do Pará, experiência que aproximou sua formação acadêmica das lutas territoriais e comunitárias.

Ativista na Entidade Nacional de Estudantes de Biologia (ENEBio) e integrante do Coletivo LGBTCIA+ Arco-Íris do Caeté (Coletivo AICA), também atua como coordenador e professor do Cursinho Popular Paulo Freire (CPPF), em Bragança, tendo colaborado anteriormente com o Cursinho Popular CIUNI, em Diadema. Sua atuação transita entre educação popular, ciência e militância, compondo uma trajetória marcada pelo compromisso com a formação crítica e a construção coletiva do conhecimento.

Cada um deles produziu uma escrevivência[44] com o intuito de expressar seus pensamentos e emoções confluídas no encontro que foi a oficina como um todo e na leitura da escrevivência "É longo nascer duas vezes", de Hana Godoy (**Anexo 1**), da qual extraímos uma análise colaborativa comum (vide subseção **5.1**) sobre as aproximações e variações da experiência poética do eu-lírico com as nossas próprias.

Ser pesquisador de uma identidade que também é a sua sem perder os critérios que tornam minhas palavras audíveis à academia exigiu de mim o equilíbrio para fazer um *voguing* em uma corda bamba tênue. Além disso, pedagogicamente, executar a oficina que aqui propus já seria naturalmente desafiador, principalmente considerando a decisão de torná-la virtual e eu ter pouca experiência como docente nesse formato.

Então, para tornar essa dificuldade em uma possibilidade de fazer pedagógico *mais* potente, tive como inspiração as práticas que venho conhecendo na Especialização em Gênero e Sexualidade do Instituto Parentes[45] que mesmo por vídeo chamada síncrona, consegue tornar a experiência de produção de conhecimentos muito menos impessoal e mais significativa[46].

---

[44]O *corpus* de análise que subsidiou as próximas páginas foram essas três escrevivências (**Anexo 2, 3 e 4**), a transcrição fala-a-fala da oficina e a transcrição do chat simultâneo ao encontro. Privilegiou-se as escrevivências na discussão que se segue, enquanto que as outras duas fontes deram indispensável suporte à argumentação.

[45]O Instituto Parentes, segundo sua página na internet, "nasceu com o compromisso de aproximar pessoas com desejos de transformarem a si e o mundo através de iniciativas e movimentos que conectem, mobilizem e impulsionam iniciativas nos territórios diversos desse país [...] por meio do compartilhamento de experiências e da difusão de conhecimento, guiando-se por princípios técnicos, (po)éticos e políticos." Disponível em: https://institutoparentes.com.br/por-que-existe/

[46]As práticas a que me refiro são: a de iniciar a chamada com música sendo compartilhada, a fala circular, a des-hierarquização do processo pedagógico, o encontro condensado em um dia inteiro com intervalos dando a ideia de participação da produção do conhecimento na rotina pessoal etc.

Dessa forma, antes mesmo de iniciarmos formalmente as atividades, a sala virtual já se constituía como espaço de ambiência. Projetada como apresentação, a capa dos slides é uma colagem de autoria minha (**Figura 4)** que traz no centro dois rostos meus em dois momentos da minha vida — um na primeira vez que me percebi como uma pessoas trans, em 2020, e outro no I Seminário Construindo a Presença de Pessoas Trans e Travestis na UFPA, em 2024 — sugerindo em sua estrutura, propositalmente, duas partes de um coração. Ao redor, imagens de transmasculinos que para mim são referência de resistência, luta, intelecto, além de pinturas de transmasculinos, em destaque Fefa Lins e outros elementos que fazem referência a minha vivência como transmasculino.

**Figura 4: Colagem digital, capa dos slides apresentados na oficina narrativa: Escre(vivências) Transmasculinas**



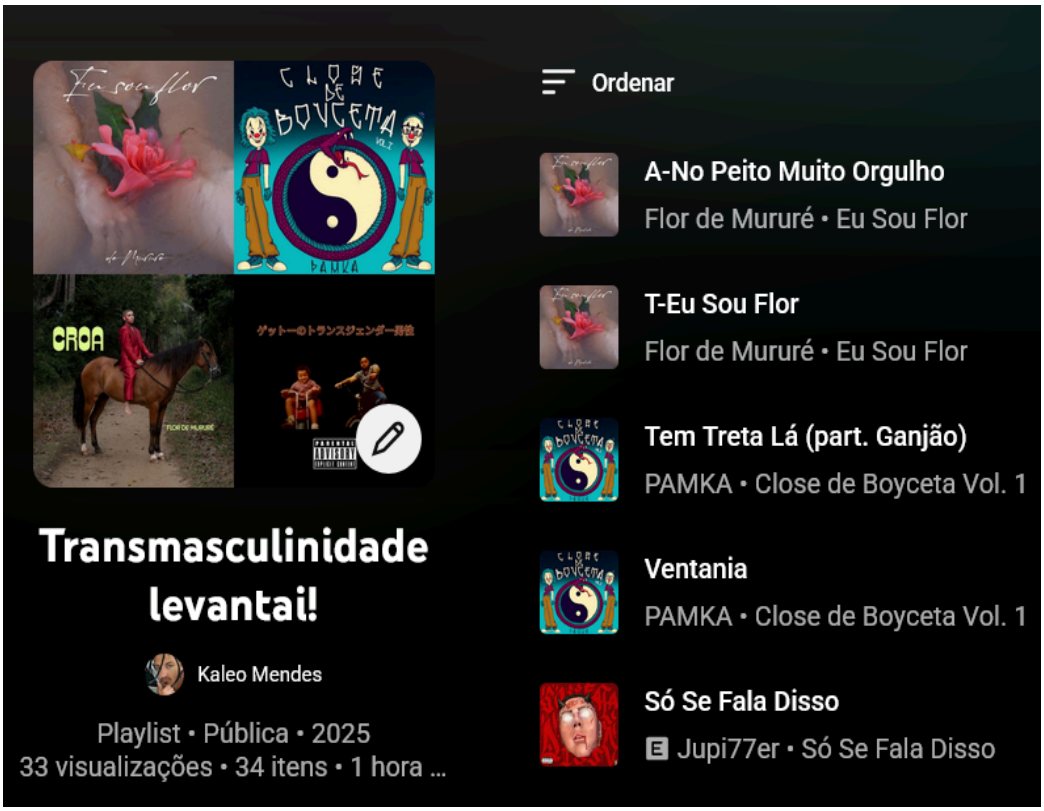

Fonte: Kaleo Mendes, 2025

Ao ingressarem no Google Meet, os participantes também eram acolhidos por uma playlist cuidadosamente selecionada (**Figura 5**), composta exclusivamente por artistas transmasculinos brasileiros interpretando músicas autorais ou releituras da MPB. Esses elementos não foram ornamentais, mas pedagogicamente pensados como dispositivos de produção de aproximação pela ambiência, fundamentais para instaurar um espaço de confiança e identificação.

O nome da playlist, que eu já tinha compartilhado no grupo de Whatsapp desde o dia anterior, foi pensado como uma provocação e convite, anunciava o tom da oficina: um chamado à escuta, ao reconhecimento e à circulação de

vozes historicamente silenciadas. Enquanto as músicas tocavam, as primeiras interações aconteciam pelo chat, com mensagens de boas-vindas e comentários sobre as canções, instaurando uma atmosfera de proximidade antes mesmo da mediação formal.

**Figura 6: Captura de tela da playlist feita pelo autor para a acolhida na oficina**




Fonte: curada pelo autor, disponível publicamente em: https://music.youtube.com/playlist?list=PLwDcbIHIS_zwZofMpRH2czqE7MYY25GRI&si=2XIvIujcruhSddDX

Dedico um tempo para falar sobre a curadoria dessa playlist que, além de colocar em voga o talento de vários transmasculinos do Brasil todo, também esteve dialogando com meu próprio planejamento da oficina. Dessa forma, vejo no trabalho de selecionar as músicas que falaram comigo no processo de planejar aquele encontro já era uma intervenção para nos aproximar.

Dentre as pessoas artistas da playlist também destaco o trabalho do Flor de Mururé que, em 2024, lançou o álbum Crôa que ganhou destaque na mídia a nível nacional. A respeito dessa potência:

> O disco é tratado por Flor de Mururé como um manifesto LGBTQIA+. “Primeiro pela vida. Só o fato de estar vivo já é um manifesto”, resume. [Flor de Mururé:] “Cantar da melhor forma, com as melhores pessoas possíveis. Fazer isso funcionar, para mim, é um manifesto. Estar dentro do terreiro (onde realizou suas pesquisas para o disco),

> fazendo essa movimentação… Nosso corpo é muito subjugado. A gente, às vezes, parece que não pode existir.” (Diniz, 2024)

Após a ambientação inicial, iniciei formalmente a acolhida explicitando o sentido da oficina. Fiz questão de marcar que aquele encontro não se configurava como uma aula, nem pretendia assumir a forma de uma exposição acadêmica tradicional. Ao contrário, a proposta era constituir um espaço caloroso, de troca e conversa, no qual a formalidade cedesse lugar à escuta e à circulação de experiências. Essa escolha não era apenas metodológica, mas ética: não seria possível e nem coerente ocupar o lugar de um pesquisador distante, supostamente neutro e indiferente ao que estava sendo produzido.

Do grupo de transmasculinos presentes na oficina (eu incluso) todos estavam inseridos no ensino superior. À primeira vista, essa configuração poderia sugerir um recorte pouco representativo das transmasculinidades brasileiras, sobretudo se considerarmos as desigualdades educacionais que atravessam a população trans* de modo mais amplo. Contudo, dados do mapeamento educacional realizado pelo IBRAT (2023), como supracitado[47], já apontavam para um número significativo de pessoas transmasculinas inseridas no ensino superior.

Além disso, é importante retornar à dificuldade em encontrar um meio termo que permitisse o encontro da maioria de interessados na oficina que, depois da escolha de ser por meio digital, viu na duração da oficina (um dia inteiro) o segundo impasse: quem poderia participar eram as pessoas com um itinerário pessoal que permitia dedicar um dia inteiro ao encontro. Falarei sobre a replicabilidade da oficina mais adiante.

Ainda assim, tornando à informação do nível de ensino dos participantes, é necessário cuidado para que essa constatação não leve a uma falácia: a de que transmasculinos desfrutariam de maiores privilégios quando comparados às travestis e mulheres trans, ou mesmo de que partilhariam, de forma direta, dos privilégios da masculinidade hegemônica.

Essa interpretação, além de simplificadora, produz uma armadilha discursiva que desloca o foco das estruturas para os sujeitos e alimenta rivalizações entre pautas que, embora distintas, são irmãs na luta contra a cisnormatividade. Tal distinção será retomada nas análises que seguem,

[47] Conforme subseção 1.2.

sobretudo ao discutir as tensões entre transmasculinidades e masculinidade hegemônica.

Após a acolhida inicial e a apresentação dos participantes, retomei junto ao grupo a pergunta que move esta pesquisa: “Que características e elementos compõem os processos educativos de gênero que culminam na produção da subjetivação das transmasculinidades?”. Ao compartilhá-la, fiz questão de explicitar que aquela não era uma apresentação formal sobre a pesquisa, mas a partilha de uma inquietação que me atravessa enquanto sujeito transmasculino.

Minha intenção era apresentar aos participantes o que venho nomeando, ao longo desta dissertação, como processos educativos de gênero, conceito construído a partir das contribuições da pedagogia da sexualidade (Louro, 2004), mas reelaborado à luz das experiências transmasculinas. Mais do que apresentar um arcabouço teórico, busquei dividir uma dúvida que me acompanha: como aprendemos a ser transmasculinos? Se a masculinidade cis é ensinada de forma reiterada, explícita e simbólica, onde e como se dão os ensinamentos que atravessam nossas transições?

A partir daqui, para fins de organização, a análise das escrevivências[48] foi espraiada na composição de três eixos que dialogam diretamente com os objetivos específicos da pesquisa: (1) a tensão entre as transmasculinidades e a masculinidade hegemônica; (2) as estratégias de subversão e negociação dos determinismos de gênero; e (3) o papel das redes de apoio na produção do reconhecimento identitário. Esses eixos se atravessam mutuamente, compondo o processo de subjetivação que aqui se busca compreender.

Essas subdivisões, entretanto, não podem ser vistas como fronteiras que separam os processos educativos de gênero de cada eixo em categorias. Entendo que um mesmo processo educativo seja capaz de fazer parte de mais de um eixo ao mesmo tempo, afinal como poderíamos falar de tensões com a masculinidade hegemônica sem pensar em práticas de subversão? Ou nas práticas de subversão como compositoras de um senso de comunidades e identidade transmasculina sem admitir que elas florescem nas redes de apoio e confluências dos nossos?

---

[48] As escrevivências estão disponíveis na íntegra no **Anexo 2, 3 e 4** para pessoas leitoras que, como eu, preferem ter as próprias impressões antes de qualquer leitura de outrem.

Por fim, falarei sobre os impactos da oficina na minha própria produção de subjetivação, sobretudo naquilo que diz respeito ao entrelaçamento entre minha identidade de gênero e minha formação como docente. Porque se até aqui tenho analisado processos educativos de gênero como algo que atravessa outros corpos, é impossível não reconhecer que a oficina também operou sobre o meu.

Ao escutar, provocar, mediar e ser afetado pelas narrativas de outros transmasculino, fui me percebendo em deslocamento: nem o mesmo professor de antes, nem apenas o sujeito que investiga, mas alguém que aprende a se tornar ɯəɯoɥ e docente simultaneamente e de forma indissociada, euprofessortransmasculino, como se essas dimensões deixassem de caminhar em paralelo e passassem a se constituir uma na dobra da outra.

Todavia, antes de partir para essa sequência, acredito que, como em uma colagem que o todo só se torne autêntico se contar com uma composição de diversidades coerentes, faça-se preciso o encaixe da discussão provocadora que foi uma das fagulhas que culminou na chama das escrevivências desses três sujeitos e que discutirei adiante nos três eixos supracitados. Por isso, na subseção 5.1 que se segue perpassaremos por um mapa de leitura, interpretação, reflexão e crítica conjunta (entre eu e os participantes) da escrevivência “É longo nascer duas vezes” de Hana Godoy (**Anexo 1**).

## 5.1 AS CONFLUÊNCIAS DE LEITURA EM “É LONGO NASCER DUAS VEZES”

Durante a oficina, realizamos conjuntamente a leitura, interpretação e problematização da escrevivência “É longo nascer duas vezes”, de Hana Godoy (**Anexo 1**). O texto é estruturado como um poema em atos e foi retirado da obra **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas** (Pfeil; Victoriano; Pustilnick, 2021), coletânea que reúne produções literárias, artísticas e científicas de transmasculinidades. A escolha não foi casual: tratava-se de tensionar nossas próprias experiências a partir de uma escrita que já se inscreve como gesto político voltado às nossas identidades.

A leitura coletiva se tornou, por assim dizer, um mapa de reconhecimento e elaboração crítica. Ao acompanharmos os deslocamentos narrativos propostos por Godoy (**Anexo 1**), fomos também convocados a revisitar nossas

próprias travessias. A escrevivência, nesse contexto, confirma-se como um dispositivo metodológico e um campo de partilha onde interpretação e experiência se entrelaçaram.

Importa destacar que a própria obra da qual o texto foi extraído nasce de um gesto semelhante. Como afirmam seus organizadores a coletânea busca projetar nossas vozes para além dos muros enclausurantes da cisheteronormatividade branca, afirmando o discurso transmasculino como produtor de ideias relevantes e alinhado à transformação social (Pfeil; Victoriano; Pustilnick, 2021, p. 7). Nesse sentido, o livro já se constitui como exercício de deslocamento epistemológico, e foi sob essa chave que o mobilizamos na oficina.

Ao nos debruçarmos sobre “É longo nascer duas vezes”, não buscávamos apenas compreender a experiência narrada por Hana Godoy, mas interrogar os modos como o “nascer”, os vários nasceres, reverberavam em cada um de nós. O que ali se encenava como processo individual de reinscrição corporal e simbólica foi reconhecido como experiência partilhada, ainda que atravessada por diferenças. Foi nesse reconhecimento tensionado que as escrevivências dos participantes começaram a emergir.

A Escrevivência “É longo nascer duas vezes”, propõe, já em seu título, a metáfora do renascimento como uma travessia que não ocorre de forma linear nem única. O nascimento, aqui, não remete a um evento biológico, mas a uma insurgência subjetiva. Trata-se de nascer de novo — e mais de uma vez — como quem precisa abandonar as ruínas de uma existência imposta para então recriar-se em seus próprios termos.

Um movimento de refundação de si atravessa todo o primeiro ato, “O Combate”, no qual a narrativa nos coloca diante de uma cena intensa de introspecção. A escolha da terceira pessoa inicial promove um distanciamento e ao mesmo tempo dramatiza a cena: é como se o eu poético observasse a si mesmo agonizando dentro de uma linguagem que ainda não o comporta.

Quem lê parece vir de cima, flutuante, sendo essa terceira pessoa que vê a criatura com “Pernas aconchegadas e olhos nascentes. Seu rosto um rio de pensamentos embalados / pelos seus cabelos negros ensopados” (Godoy, 2021, p. 33), a posição de um corpo que chora (olhos nascentes) em profunda angústia.

A potência poética desse sofrimento, porém, não soa como um lamento — ou o título deste ato teatralizado não sugeriria o combate —, mas como um processo que apesar de ser doloroso é de resistência. Em outras palavras, ao questionar “O que o fizera estar ali?” (Godoy, 2021, p. 33) não busca explicação factual, mas tensiona a interioridade do sujeito diante daquilo que o mundo nega. O “estar ali” não é apenas geográfico ou narrativo: é uma afirmação de presença, uma declaração de que a permanência é, por si só, um gesto político, e, que mesmo que quisesse ir para qualquer lugar, não poderia por aquele ser o seu “eu”.

A “distância infinita” que o acompanha pode ser lida como o abismo entre o que se é e o que o mundo espera que seja — um espaço de separação fabricado pelas normas de gênero, pelo binarismo, pela cisheteronorma. Resistir, nesse caso, não é combater de frente essas normas, mas continuar existindo à margem delas. E essa resistência se faz sutilmente: no gesto de se deitar, no silêncio que endurece, nos olhos que brotam como nascentes.

Outra leitura possível é a de que o texto tangencia a experiência da ideação suicida, que, por vezes, surge para as transmasculinidades como uma forma de matar a “mulher” que o mundo espera que exista naquela subjetividade. Esse lugar de se ver fracassar no que se espera do corpo faz dele próprio o responsável pelo fracasso, culpado pela culpa que não se tem de fato: “Tinha levado ao sacrifício todo o / corpo, enquanto esperava que um milagre viesse buscá-lo/ e cobrisse bruscamente toda sua inocente culpa” (Godoy, 2021, p. 33).

Segundo Santos e Morelli (2018) — e em diálogo com dados do Relatório das mortes e violências contra as transmasculinidades em 2023 Observatório Anderson Herzer (OAH) (2024) —, uma das principais causas da mortalidade de transmasculinos é o suicídio, principalmente, durante o processo de transição.

A motivação é análoga a dos assassinatos de mulheres trans e travestis: a ininteligibilidade de suas identidades que, muitas vezes, se mostram incoerentes com seus corpos, ainda em processo de transição, que parecem funcionar como murais do escracho e das violências, cuja uma das possibilidades de enfrentamento consiste na informação e no respeito pelas diferenças. (Santos; Morelli, 2018, p. 418)

Independentemente do que se assume, o caminho que o eu lírico “percorria os séculos envelhecendo com as lágrimas” (Godoy, 2021, p. 33), sugere quem carrega, em si, as dores de uma genealogia interrompida. Aqui faço um paralelo com as expectativas que se projetam sobre as meninas e uma suposta maturidade precoce — quando, na verdade, trata-se de uma imposição normatizante que lhes exige comportamentos adultos desde cedo —, pessoas transmasculinas que foram designadas mulheres ao nascer carregam, desde a infância, o peso de um amadurecimento forçado.

O tempo gasto em se adequar às demandas de feminilidade compulsória, que cobra não apenas modos de vestir ou de falar, mas também uma disposição emocional para cuidar dos outros, esconder o desconforto, suportar abusos calados como uma santa: “Para dar-se delicadíssimo e limpo; Virgem Maria por todos os / lados aos náufragos” (Godoy, 2021, p. 33).

Esse envelhecer precoce, então, não é natural: é pedagógico, produzido por expectativas normativas reiteradas desde a infância. É uma forma de violência disfarçada de maturidade, que exige da infância trans* um grau de lucidez que nem mesmo adultos cis são cobrados a ter. Como consequência, a solidão faz-se marcada: “Para servir-lhe conduzia sozinho as coisas na Terra” (Godoy, 2021, p. 33).

Dessa forma, é possível compreender essa experiência como um descompasso temporal — aquilo que Halberstam (2005) nomeia como parte das temporalidades queer: vivências que se desenvolvem em ritmos dissidentes, alheios à linearidade normativa que estrutura a cronobiopolítica cisheteronormativa.

Subculturas *queer* produzem temporalidades alternativas ao permitirem que seus participantes acreditem que seus futuros podem ser imaginados segundo lógicas que escapam daqueles marcadores paradigmáticos da experiência de vida — a saber: nascimento, casamento, reprodução e morte. (Halberstam, 2005, p. 4, tradução minha)

Em outras palavras, ser trans, e aqui particularmente transmasculino, muitas vezes implica habitar o tempo de outro jeito — como se as exigências do mundo impusessem uma pressa artificial para amadurecer, ao mesmo tempo em que negam a esses sujeitos o direito, dentre outras coisas, ao luto da morte simbólica de si mesmo, ou de alguém que foi antes de se permitir ser

quem é: Ela, que ali estava, era quase nada naquela manhã. / Levantando-se contemplava pela última vez seu frágil / vulto de mulher que se apaga (Godoy, 2021, p. 33-34).

Porém, esse luto não necessariamente implica em uma aversão total ao universo feminino ou à identidade feminina que lhe foi imposta anteriormente — pelo contrário, pode carregar em si camadas complexas de afeto, memória e ambivalência: “Seu último / suspiro foi em direção ao teu nome mulher: Eu te amo! / E deste pequeno som, na confusão humilde da queda, morria / para estar a salvo a única mulher que me amou” (Godoy, 2021, p. 34).

Muitas pessoas transmasculinas convivem com o passado não como algo a ser apagado, mas como parte constituinte de sua narrativa. O reconhecimento do que se foi, mesmo que moldado por normatividades que não mais se sustentam, pode ser reconfigurado como elemento de força, e não de vergonha

O fato de esses sujeitos terem sido tratados, em algum momento de suas vidas, como mulheres significa para eles, então, não somente a maneira como eles eram identificados pelos outros, mas também uma experiência que fez parte das suas vivências e que, portanto, contribuiu na conformação das suas subjetividades (Ribeiro, 2023, p.116).

Há nesse movimento, portanto, o reconhecimento de uma parte vivida que, mesmo imposta, também abrigou sentimentos genuínos. Na Escrevivência de Hanna Godoy, ao invés de negar esse passado, ele o reinscreve de modo sensível, quase ritualístico, como quem devolve ao tempo um pedaço de si com cuidado, sem rancor.

Essa operação é profundamente política porque se recusa tanto à lógica da cisnormatividade — que exige apagamento completo do que não se alinha ao “depois”, forçando as subjetividades a assumirem exclusivamente um “lado” no seu sistema de inteligibilidade binário — quanto à narrativa ressentida que transforma toda memória anterior à transição em dor ou engano.

A Escrevivência de Godoy opera, nesse momento, como tecnologia de sutura, não no sentido de um remendo, mas como gesto de recomposição: escreve-se a si mesmo não apenas para afirmar o agora, mas para reorganizar o que se foi e o que ainda se deseja ser.

Ao declarar amor àquela única mulher que o amou, o eu lírico desafia também a ideia de que os processos transicionais precisam estar isentos de ternura com a própria trajetória. Como nos apontam as discussões sobre temporalidades queer (Dinshaw et al., 2007), nem todo futuro precisa negar o passado para existir.

A escolha poética de abrir o ato com a frase estampada em uma camisa - “NÃO SOU BOM / PARTIDO, SOU MELHOR INTEIRO” (Godoy, 2021, p. 34) - não é só provocação irônica, mas uma reivindicação de integridade. O eu lírico, que antes parecia fragmentado entre o que era esperado dele e o que ele podia ser, agora se apresenta com um desejo claro: ser inteiro. Mas esse inteiro não é a totalidade normativa, e sim a inteireza possível dentro de um corpo trans que se reconhece pela primeira vez como suficiente.

A quebra intencional que se faz no verso entre “bom” e “partido” força o interlocutor a não considerar o sentido original da frase logo de cara — bom partido, no sentido de ter qualidades que tornam alguém atraente como parceiro romântico, tanto em termos de personalidade quanto de características pessoais — sugerindo, no entanto, que sua inteireza não é boa se for particionada.

Essa sagacidade de quebra estrutural remete ao que Conceição Evaristo fala sobre a intencionalidade da linguagem no seu projeto literário, uma vez que, para a autora, “é a linguagem a marca mais profunda e mais reveladora da subjetividade da pessoa” (Evaristo, 2020a).

Há um deslocamento importante no segundo momento da narrativa: se antes o sujeito era visto de fora, imerso em dor e silêncio de um luto de luta, agora ele se olha no espelho. E mais que se olhar, ele se contempla. A transição — textual, conceitual e literal — começa com o gesto simples e potente de acariciar os pelos das pernas, de gostar da densidade deles em suas mãos.

Esses marcadores de masculinidade que não são dados, mas conquistados, sentidos, cultivados. João W. Nery, em sua autobiografia Viagem Solitária também faz uma imersão que aproxima esse sentimento de contemplação com realização, momento único da construção de si.

> Não só pela contínua ação do hormônio como também pelas atividades a que me entregava, meu físico foi se acomodando pouco a pouco ao modelo que sempre imaginara: tórax amplo, com braços e

> pernas fortes. Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! [...] O tão esperado bigode despontava no rosto, conferindo alguma maturidade à aparência. Os pelos cresciam mais espessos, apesar da relutância das cicatrizes, que se entrecruzam pelo peito e pelo abdomen. Era inacreditável! Tinha nascido quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido! (Nery, 2019, p.226-227)

A referência à narrativa de João W. Nery ilumina e reforça a profundidade do momento vivido pelo sujeito da Escrevivência de Hanna Godoy. Há entre os dois textos um gesto comum de celebração — ainda que sutil — da materialidade do corpo em transformação. Não se trata apenas da conformação física aos desejos subjetivos, mas do reconhecimento, pelo toque, pelo espelho e pela presença, de que aquela existência é agora possível.

Há um paralelo que demonstra que o corpo que antes era palco de conflito passa a ser território habitável, e esse habitar é político, poético e sensorial. Nery afirma: “o espelho tornara-se agora meu aliado, sentindo-me mais forte e íntegro. Não procurava propriamente a beleza, mas a coerência (Nery, 2019) enquanto Godoy afirma: “Vibrou com o que via. Parou demoradamente na frente do / único espelho em sua casa, se abaixou pela última vez / para se ver inteiro” (Godoy, 2021, p. 34).

Nesse rumo, o espelho não funciona como instrumento de censura ou de correção — como tantas vezes o é para corpos trans* —, mas como um mediador de reconhecimento. É nele que o sujeito encontra a si mesmo, não como reflexo idealizado de um modelo imposto, mas como imagem possível e real de quem se é, uma possibilidade de "ver-se inteiro".

Noutro plano, o que Nery descreve como “nascer quase aos 30 anos, sem nunca ter morrido” dialoga diretamente com o título da Escrevivência de Godoy: “É longo nascer duas vezes”. Ambos reconhecem que o nascimento não é um ponto fixo no tempo, mas uma experiência em camadas, que se repete, se estende e se reconstrói. O renascimento, para os transmasculinos, é muitas vezes um processo fragmentado, feito de pequenas vitórias contra a lógica cisnormativa que lhes negou, desde cedo, o direito de se imaginar em seus próprios corpos.

> Nesse sentido, não existe uma grande transição de um ser a outro, ou de uma essência a outra, mas pequenas transições, microtransições situadas e dependentes dessa relação entre ser e mundo. Microtransições que vão se agenciando, que podem se instaurar em um sentido-direção — na consolidação, por exemplo, do sentimento de masculinidade —, mas que podem também não o fazer. (Ribeiro, 2023, p. 117-118)

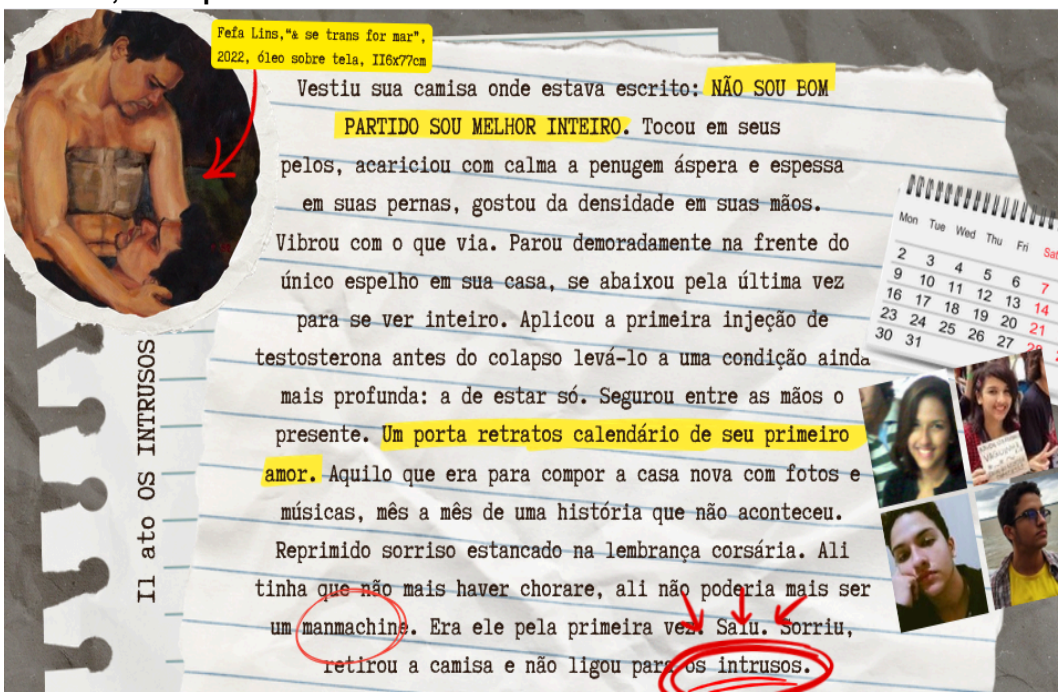
Isso se conecta com o sentido de euforia de gênero, conceito que desloca a centralidade da narrativa dominante de sofrimento e disforia comumente atribuída às experiências trans*. Se a disforia tem sido frequentemente usada como critério de legitimidade para o reconhecimento de identidades trans, a euforia de gênero desloca esse eixo, iluminando os momentos de alegria, paz e pertencimento vividos quando há consonância entre o corpo, o gênero e a expressão de si.

O título desse ato traz uma referência a uma das maiores disforias das transmasculinidades: os seios. O que comumente é chamado de “intrusos”, que marca na camiseta e descaracteriza o que se produz socialmente como masculinidade, é ressignificado ao final da narrativa não como um fardo a ser escondido ou corrigido, mas como algo que pode finalmente deixar de ser central: “saiu. Sorriu, / retirou a camisa e não ligou para os intrusos” (Godoy, 2021, p. 34)

Essa marca de uma virada simbólica potente supõe um sentimento de habitar no próprio corpo com dignidade, e o que antes eram “intrusos”, pelo menos naquele momento, já não tem poder de nomear ou limitar sua experiência. E isso se dá graças à euforia causada pela primeira aplicação de testosterona.

Para Preciado (2018), os hormônios sexuais — como o estrogênio e a testosterona — deixaram de ser apenas moléculas biológicas silenciosas e passaram a ocupar o estatuto de *pharmakon*: ao mesmo tempo remédio e veneno, cura e ameaça, controle e subversão. São bioartefatos, um dispositivo biopolítico que atravessa os corpos com intenções sociais, jurídicas e econômicas, sendo produzido, regulamentado e consumido dentro de regimes de poder.

**Figura 7: Captura de tela de uma das lâminas de apresentação de slides que guiou a leitura coletiva; meu "porta retrato calendário"**




Fonte: registros da oficina.

Quando Godoy escreve sobre o momento de aplicar a primeira injeção de testosterona, ele não está apenas descrevendo um evento corporal. Está narrando uma travessia onde a molécula se torna linguagem, onde o composto químico age como uma enunciação: sou eu, enfim. O hormônio, nessa perspectiva, funciona como uma ferramenta de reinscrição de si, um marco que reorganiza não só os traços do corpo, mas também os sentidos atribuídos a ele.

Esse processo, porém, é solitário: "antes do colapso levá-lo a uma condição ainda / mais profunda: a de estar só" (Godoy, 2021, p. 34). A solidão não se manifesta apenas como ausência de companhia, mas como consequência do deslocamento radical que a transição provoca. É o momento em que o corpo, atravessado pelo hormônio, reconfigurado pelo espelho, ressignificado pelo toque, deixa de caber nas categorias normativas do mundo. A testosterona, enquanto *pharmakon*, atua também como catalisador dessa separação: ao mesmo tempo que aproxima o sujeito de si, o distância das normas sociais e dos vínculos que antes lhe serviam de amparo.

Isso se evidencia, e se intensifica, na não passividade aos contornos impostos das masculinidades hegemônicas: "Ali / tinha que não mais haver chorare, ali não poderia mais ser / um manmachine" (Godoy, 2021, p. 34). A

negação ao ser “um manmachine” sugere a crítica a uma masculinidade robótica, mecânica, sem afeto.

Isso implica dizer que essa solidão não deve ser lida com melancolia, principalmente considerando o final eufórico da relação com os “intrusos”, mas como uma “lembrança corsária” que cruza os limites, que viola fronteiras, que atravessa os limites do tempo linear e se impõe como parte constitutiva do agora, mesmo que traga, junto, um “reprimido sorriso”.

Seria, então, melhor categorizá-la como solitude essa sensação de fruir o que cada dia poderá proporcionar e só aquele único sujeito irá perceber a cada novo (re)encontro consigo no espelho ao acordar: “Segurou entre as mãos o / presente. Um porta-retratos calendário de seu primeiro / amor. Aquilo que era para compor a casa nova com fotos e / músicas, mês a mês de uma história que não aconteceu” (Godoy, 2021, p. 34).

O agora (presente) torna-se uma dádiva (um presente), nessa ambiguidade linguística bem dividida no verso, uma vez que cada dia do calendário a partir dali será como uma porta retratos, comportando em cada quadradinho um novo rosto, uma nova forma, uma mutação constante que tira de dentro um mistério do que já se é, sempre se foi.

Nessa jornada, a dor e a alegria se misturarão sem deixar saber onde começa um, e onde termina outro - doralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiador - como em um caleidoscópio que a cada modo de olhar vê coisa diferente da outra, um movimento e tudo mudou. E essa essência atravessa a transição que nos força a transitar por um caminho tortuoso e dúbio.

doralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadis
foriaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriad
oralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegri
adoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadi
sforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforia
doreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadis
foriaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforia
doralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadis
foriaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriad
oralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegri
adoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadi
sforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadisforiaeuforia
doreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoralegriadoralegriadis
foriaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiad
isforiaalegriadoralegriadoralegriadisforiaeuforiadoreuforiadisforiaalegriadoreufori
adisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisfori
aalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegria
doreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreufor
iadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisfor
iaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegri
adoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreufo
riadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisfo
riaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegr
iadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuf
oriadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisf
oriaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaaleg
riadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreu
foriadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadis
foriaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaale
griadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadore
uforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadi
sforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaal
egriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriador
euforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiad
isforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaa
legriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriado
reuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforiadisforiaalegriadoreuforia
disforiaalegria

## 5.2 O TAL DO PRINCI*PAU*: AS TRANSMASCULINIDADES E AS CONTRADIÇÕES DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

*Esquecido poeta morto*

*Todos vão esquecer que um dia eu existi,*
*nem meus vastos prantos vão sobreviver,*
*versos com poeira de minha razão*
*sãs lembranças de um poeta solidão.*
*E meu nome negro será terra ressecada*
*como a colheita que morreu sem dar o fruto*
*e na distância do azul vou ser imagem*
*e embaçado pelas nuvens serei um luto.*
*Quando olhar para baixo e avistar*
*homens sozinhos corroendo seu penar*
*farei um poema que esqueceu de ser lembrado*
*ao homem vivo, hoje porém crucificado.*
*Quando na chuva pude vir a flor brotar*
*saiba que nela estarei a navegar*
*lavando a terra, desfazendo a crosta antiga*
*dando outra chance ao ser humano em terra lisa.*
*E se nos céus ver nuvens negras durante o dia*
*é que de tanto não ser ouvido, adormeci*
*é que de tanto lhe alertar antes do erro*
*me fiz penumbra, pois outra vez me iludi.*
*Mas qualquer dia, também sozinho a mim virá*
*um homem cego procurando um ninho eterno*
*e encontrará seu leito pronto em nuvem negra*
*verá que a morte é o sono lento após o inferno.*
*E dos meus poemas empoeirados, serei luz*
*a todo homem que esqueceu de me lembrar,*
*serei figura, imagem oculta, já a reinar*
*nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.*

*UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO*
*SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA*

*(Herzer, 2023, p. 209-210)*

Por mais inabitual que seja iniciar o dissertar com uma citação, ainda mais longa e em linguagem poética, já deve ter ficado claro que desde a composição dessa escrita *me* faço enquanto *a* faço, o que torna o inabitual no esperado e o esperado apenas no mínimo, a saber: o compromisso com um pensamento lógico em prol da vivificação da Academia — de torná-la cheia de vivência e de vida.

Dito isso, esta subseção que visa refletir sobre os processos educativos de gênero articulados ao eixo da tensão entre as transmasculinidades e a masculinidade hegemônica se abre assim, inabitualmente, com a poética de Anderson Herzer com o intuito de evidenciar que aquilo que aparece como

drama íntimo sobre a morte, o luto e o esquecimento, é também efeito de uma pedagogia social rigorosa sobre o que pode ou não pode ser reconhecido como "homem".

Anderson Herzer foi um poeta transmasculino[49] nascido na década de 60 que passou a maior parte da sua vida na Febem como menor infrator e que foi suicidado pelo cissexismo justamente no momento que sua vida aparentava entrar em um novo ciclo de felicidade. Herzer tirou a própria vida antes de ver seu único livro ser publicado.

> por volta das 23:30 telefonaram-me do Hospital Gastroclínica dizendo que alguém havia levado para lá *Anderson* Herzer, achad*o* gravemente ferid*o* embaixo do Viaduto 23 de Maio. Em seu bolso, um envelope de *Optalidons,* indicando que dez comprimidos haviam sido tomados, e duzentos e poucos cruzeiros. [...]
> Lá *o* encontrei, em estado de choque, porém ainda consciente. Olhou-me nos olhos, apertou minha mão, disse-me que estava com muitas dores. (...) Herzer faleceu às 9:30 horas da manhã do dia 10 de agosto de 1982 (Herzer, 2023, p. 17, grifos meus[50])

Adianto que minha intenção não é espetacularizar a morte de Herzer, ou romantizar seu suicídio. Quem se importa com a questão da saúde mental de transmasculinos, constantemente pressionados por diversos dispositivos de normatização da masculinidade hegemônica, precisa encarar de frente as consequências de morte que esses processos educativos de gênero que são "herdados" da masculinidade cis causam não só para as transmasculinidades, mas também para as bixas pretas, NBs e outras (a)diversidades de gênero.

O que quero dizer, é que se a masculinidade hegemônica educa corpos e subjetividades a partir de um modelo fechado de inteligibilidade, ela o faz delimitando um princípio organizador silencioso, porém central: a indissociabilidade entre masculinidade e falo. A respeito disso, Caluã Eloi

---

[49] É impreciso o momento do surgimento e origem do termo "transmasculino" para se afirmar se essa classificação é anacrônica, mas certamente seu fortalecimento e germinação significativa foi posterior à década de 90. Todavia, Suplicy, no prefácio de Herzer (2023, p.13) afirma: "Em seu corpo cresceram pelos, seu cabelo foi cortado como de um rapaz. Passou a usar roupas exclusivamente masculinas", o que pode, junto com todas as informações que se tem de Anderson, permitir a leitura de sua vida como atravessada pela transmasculinidade.

[50] O uso do itálico são intervenções minhas, em respeito à memória de Herzer, que representam adequação ao nome e gênero que ele preferia ser tratado em vida. Suplicy, nesse prefácio, remete-se a Anderson sempre pelo nome e pronomes femininos e isso motivou, durante minha leitura, uma intervenção que deixo aqui registrada como parte do processo da pesquisa no **Apêndice 2**.

denuncia em seu ensaio “Espeto de pau – Transmasculinidades e o Falocentrismo[51] dentro da Comunidade LGBTI+” (2025):

> Como se não bastasse, além dos ataques de grupos conservadores e extremistas e da transfobia em todas as esferas da sociedade, pessoas transmasculinas se deparam com a supergenitalização das relações dentro da própria comunidade LGB+, que gera consequências devastadoras para pessoas transmasculinas, que vão vivenciar preterimento em relacionamentos e impactos imensos na saúde mental. Um exemplo desse cenário é quando homens gays cis falam que ‘têm nojo de vaginas’, não tão distantes de quando grupos hétero-cis dizem que um homem trans não é ‘homem de verdade’, porque não tem o “princi-pau”. (Eloi, 2025)

É nesse ponto que o falocentrismo, segundo Eloi, precisa ser compreendido não apenas como mecanismo de exclusão das transmasculinidades, mas como dispositivo estruturante da própria masculinidade hegemônica e que organiza hierarquias inclusive entre homens cis. Ou seja, entendo que a centralidade do falo não opera somente como critério de validação para quem “tem” ou “não tem”, mas como regime de circulação de poder, desejo e reconhecimento.

Homens cis gays, historicamente atravessados pela homofobia, pelas terapias de conversão e pela patologização de seus afetos, precisaram reivindicar o direito de desejar o falo sendo portadores de um. E, se a masculinidade hegemônica exige que o falo seja signo de domínio e não objeto de desejo entre iguais, o desejo homoerótico ameaça desorganizar sua economia simbólica.

Por outro lado, se, no interior das masculinidades cis gays, o falocentrismo regula quem pode desejar o falo e sob quais condições, no campo da heterossexualidade ele opera de maneira ainda mais normativa, vinculando a própria definição de “homem” à função de penetrar. A masculinidade hegemônica, atravessada pela lógica da heterossexualidade compulsória, não apenas pressupõe o desejo por mulheres cis, mas institui a penetração como prova material de virilidade.

---

[51] Não confundir com o falogocentrismo proposto por Derrida em crítica a Lacan, e nem propriamente com o falocentrismo Freudiano e Lacaniano, apesar de transitar entre todas essas ideias em algum nível. Para encaminhamentos que esclarecem isso: https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falogocentrismo e https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/falocentrismo

O “homem”, nesse roteiro, é aquele que penetra; sua legitimidade sexual se mede pela capacidade de ocupar esse lugar. Quando um transmasculino é lido como alguém que “não pode penetrar”, instala-se um duplo interdito: não apenas se questiona sua anatomia, mas se invalida sua posição na economia simbólica da heterossexualidade.

Essa impossibilidade projetada, muitas vezes enunciada de forma cruel, outras vezes insinuada como “preferência”, revela o quanto o desejo feminino também foi educado sob parâmetros falocêntricos, nos quais o pênis não é apenas parte do corpo, mas operador central da cena sexual. Apesar de, comicamente, o principal opressor seja o pau, quando de trata da relação com mulheres cis outros fatores também são considerados desejáveis, conforme seus próprios processos educativos de gênero de suas mulheridades: a altura, o porte físico, o sucesso econômico e outras exigências análogas às delas para com a masculinidade cis.

Essa ampliação dos critérios, do pênis aos atributos como altura, porte físico e sucesso econômico, complexifica a lógica que associa masculinidade a um conjunto rígido de expectativas moldadas pela hegemonia cis. Assim, mesmo quando o “princi*pau*” não é explicitamente exigido, permanece a exigência de performar o roteiro masculino tradicional, o que faz com que a transmasculinidade, diante de mulheres cis, seja atravessada por uma suspeita constante: podemos ser aceitos afetivamente, mas seremos legitimados como sujeito de desejo e como ɯəɯoɥ capaz de ocupar o lugar simbólico que a heteronormatividade prescreve?

É importante frisar que, apesar das violências aqui analisadas, as transmasculinidades são, sim, amadas por homens cis gays, por mulheres cis heterossexuais e por tantas outras existências que escapam às classificações rígidas. Esta discussão não pretende universalizar a recusa nem reduzir as experiências ao eixo da exclusão, mas colocar em perspectiva as forças

(aquelas forças misteriosas às quais me referi no início desta Dissertação[52]) que atravessam os encontros, os desejos e os reconhecimentos.

Ou seja, os espinhos da heterossexualidade compulsória — apreendidos no corpo que, por um período considerável da própria vida, esteve submetido aos processos educativos da feminilidade — colidem frontalmente com as exigências do cistema (Vergueiro, 2015) falocêntrico para afirmar-se "homem", tensionando aquilo que se habituou chamar de disforia. Não o conceito medicalizante de desconforto corporal, mas a psicossomatização do atrito entre pedagogias distintas de gênero que permanecem inscritas na memória, no desejo e na forma de compreender as relações.

Esse processo, e deixo aqui como provocação para investigadories da Psicologia e áreas afins, acredito que envolva muitos embates psíquicos, atravessados por culpa, inadequação e conflito identitário, que podem culminar no adoecimento mental, no ideário e, em casos infelizmente não tão raros[53], no ato suicida:

> Uma vez, experimentei colocar dentro das calças um objeto cilíndrico, para sentir a prazerosa sensação de ter um pênis grande. Deleitei-me por uns instantes, até pressentir que, *se não o tirasse imediatamente, iria cair numa profunda depressão*, por saber que aquilo era um objeto artificial, que não me pertencia e que não podia comandar, o qual em breve sairia dali para ir novamente para cima do móvel! Às vezes, *algo me impulsionava a recolocá-lo*, mas a consciência da realidade e a dor do ridículo predominavam, e não o fazia. (Nery, 2019, p.55, grifos meus)

É aqui que retomamos a temática de morte na poética Herziana que abriu esta subseção. Em "esquecido poeta morto" o eu-lírico desse poema que é um poeta (ou o próprio poeta) que jaz morto. O adjetivo esquecido que o caracteriza já desde o início, indica que esse poeta não se sente pertencente à memória — a) como um artefato mental (dimensão do individual); b) como os estandartes de variação humana que em algum momento da história assumiu lugar de hegemonia e, assim, garantiu em toda sociedade referências de possibilidade de existências mais humanas que outras (dimensão do coletivo).

---

[52]Hoje compreendo que tais forças dizem respeito aos conflitos entre os processos educativos de gênero da pessoacorporifica que fui antes de ser quem sou agora: aquela que viveu sob uma pedagogia da sexualidade da feminilidade e que, na tração de compor a própria subjetividade na transmasculinidade, negocia constantemente entre o que sabe e o que pensa sobre masculinidade, integrando a ela aquilo que uma outra vivência, situada no lugar da feminilidade, testemunhou desse ponto de vista, principalmente em relação às próprias masculinidades.

[53] Vide subseção 1.2

Indo pela primeira interpretação, de memória como artefato mental, o poema leva a uma interpretação simplista de tendências estilísticas ultrarromanticas, na qual o eu-lírico poeta lamenta o tempo que causa o esquecimento, evocando a dimensão de frivolidade da vida: "Todos vão esquecer que um dia eu existi, / nem meus vastos prantos vão sobreviver, / versos com poeira de minha razão / sãs lembranças de um poeta solidão".

O eu-lírico projeta um futuro no qual sua memória, seus sofrimentos e até mesmo seus versos desaparecem, convertendo-se em imagem estéril, semelhante à “terra ressecada” que não produz frutos. Acontece que, em complementaridade quase que oposta a essa angústia diante do esquecimento e da possível inutilidade da própria existência, o eu-lírico evidencia outros “homens sozinhos” consumidos pelo próprio penar. E então, o texto desloca a dor individual para uma dimensão coletiva, sugerindo a existência de uma comunidade invisível constituída por sujeitos atravessados pela solidão e pela não escuta.

Para conceber qualquer intepretação diante disso, é preciso então ampliar o entendimento de memória para aquela que reflete um registro que a sociedade nos fornece desde o nascimento, armazenado em nossa mente, mas não mais como um artefato. Entendo que, nessa perspectiva de memória, dentre as *funções* que ela exerce no nosso processo de subjetivação determinar possibilidades de existir no mundo, como elas se parecem, falam, para quê servem, como devem se sentir, agir, foder, vestir e todo o resto, aproximando ou afastando o processo individual de subjetivação para mais perto ou mais longe da humanidade.

“E dos meus poemas empoeirados, serei luz / a todo homem que esqueceu de me lembrar, / serei figura, imagem oculta, já a reinar / nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar. / UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO / SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA”

Conhecer a história de Anderson Herzer nos traz uma chave de interpretação (um beijo pro meu querido Drummond), para compreender que o autor falava de um poeta que vivia uma masculinidade como a dele. Apesar do desfecho injusto de sua vida corpórea “Quando na chuva pude vir a flor brotar / saiba que nela estarei a navegar / lavando a terra, desfazendo a crosta antiga / dando outra chance ao ser humano em terra lisa”, Herzer constrói uma ode aos

suəɯoɥ do futuro que sonhou: sujeitos cegos porque perdidos, submetidos às forças limitadoras da masculinidade hegemônica.

Nesse horizonte, “Mas qualquer dia, também sozinho a mim virá / um homem cego procurando um ninho eterno”, compreendo que Herzer se comunica com os transmasculinos como ele, que dissolvidos no espaço tempo, em algum momento se encontrariam com sua poética, perdidos sem se verem como possibilidade de existência e pensando em dar cabo da própria vida para levantá-lo, fazê-lo se inserir à força no tecido da memória, nem que seja como uma mancha de sangue.

No sonho dessa poética, ele se coloca como guia espiritual no além-tempo para que compreenda que a vida, para corpos como os nossos, só é possível através da morte: “e encontrará seu leito pronto em nuvem negra / verá que a morte é o sono lento após o inferno”. Não por coincidência, todas as três narrativas confluídas da oficina “Escre(vivências) transmasculinas trazem a temática da morte direta ou indiretamente, e esse mesmo sentido de dualidade (morte do corpo x morte simbólica) germina mesmo sem ter tipo o poema de Herzer como provocação, mantendo, mesmo em uma temática tão mórbida, duas possibilidades radicais de vida — as únicas que temos.

Em “Às vezes fico confuso” de Liz Bardo (**Anexo 2**), o fim que assusta expresso pelo eu-lírico supõe uma dupla semiose: o fim da vida do corpo, inevitável a toda condição orgânica, ou, apenas, a morte; e o “fim” como destino incerto, o futuro de um corpo que morre para transcender o que foi com o intuito de “traduzir alguma possibilidade, / alguma chance de mim” (Bardo, 2025; **Anexo 2**).

Em diálogo também com a própria provocação de “É longo nascer duas vezes” de Hana Godoy (2021) — “E deste pequeno som, na confusão humilde da queda, morria / para estar a salvo a única mulher que me amou.” — , Liz Bardo traduz o sentimento de paz diante da morte de uma parte que *precisa* partir para dar lugar a algo maior, uma chance de exercer plenamente a potência do devir.

Já em “Conflito” de Davi Miranda (**Anexo 3**) há *dois* eu-líricos em um diálogo. Acontece que esses dois são, afinal, duas partes de um todo — uma parte pretérita já morta que serviu de abrigo à parte do presente. Aqui revisitamos, então, o recurso de viagem onírica de Herzer (2023) só que, ao

invés de um guia e um guiado, na poética de Davi existe o sujeito e aquilo do sujeito que não se quer mais ser: “Usaste-me a polpa, chegaste ao meu âmago, Enquanto eu nutria o teu sonho no estômago” e, como resposta: “Eu era um menino de voz suprimida, / Olhando o futuro por fresta esquecida. / Sangrei no teu vácuo, chorei no teu breu, / Enquanto o meu "eu" sob o teu faleceu”.

De forma semelhante, a morte é percebida pelo eu-lírico de “Absinto”, a escrevivência de Christian Araújo (**Anexo 4**) “O sorriso cicatrizado, / neste dorso talhado, / traduz, com afinco, a morte do corpo invisível, / aquele, outrora, construído / com detritos de mim”. O que se desvela nos dois poemas são os tensionamentos de forças entre os processos educativos de gênero direcionados às feminilidades sob o qual um corpo esteve submetido na maior parte de sua vida e o sentimento de masculinidade que busca se localizar, de alguma forma, na materialidade social masculina sob penalidade de que todas as técnicas de tentativa de realizar-se nesse sistema produzam processos educativos de gênero das *trans*masculinidades, das identidades que atravessam e são atravessadas pela masculinidade.

Em “Conflito” (**Anexo 3**), porém, há uma expansão de sentido: “Então eu sou nada? Apenas memória? / Um borrão esquecido no fim da tua história? / Tudo o que eu amei vira pó? vira ausência? / Completamente anulada pela tua existência?”. No questionamento do eu-lírico pretérito, o diálogo que até então sugeria conflito ameniza com o reconhecimento, um amadurecer, do eu-lírico presente da importância do que se foi para que aquela carne que compartilharam possa agora trocar de pele, metamorfosear, produzir-se em toda sua potência, semelhante à libertação do II ato de “É longo nascer duas vezes” de Hana Godoy (2021).

Mas, em “Conflito” de Davi Miranda, o eu-lírico presente aprofunda essa libertação com uma camada individual de trajetória que sugere o amadurecimento diante da transmasculinidade a qual precisa reconciliar-se com quem foi ensinado — por si mesmo, como consequência desse embate de forças — a odiar: “Jamais. Tu não és uma página apagada / Tu és a raiz desta minha estrada. / És o alicerce, a vigília, o instinto, / Que me manteve vivo neste labirinto. / Sou grato por cada degrau que moldaste, / Pela guarda fiel que por

mim sustentaste. / Me perdoa a revolta, o embate e a dor, / Se sou este homem, com honra e louvor, / É porque em você eu vivi e conheci o amor.”

É justamente nesse entrecruzamento que se torna possível compreender por que o falocentrismo atravessa esta análise mesmo quando não aparece nomeado nas escrevivências. A ausência de menções diretas à vulva, à vagina ou à disforia corporal (ou a lógica óbvia que comumente pode ser pensada para nos unir como categoria) não indica a inexistência de seus efeitos; antes, evidencia o grau de naturalização com que o regime falocêntrico organiza silenciosamente as condições de possibilidade da própria vida.

Para ajudar a elucidar essa questão que é ponto auge deste eixo, usaremos da arte de Samuel Bittar (2021):

**Figura 8 : Arte de Samuel Bittar**




Fonte: Revista Transviades, v.2, n.3, junho de 2021. p. 21.

A imagem que enuncia “PESSOAS QUE MENSTRUAM”, inscrita no interior de uma forma que remete simultaneamente à vulva e ânus, ao útero e a uma gota prestes a cair, desloca a menstruação do campo identitário fixo,

historicamente associado à categoria “mulher”, explicitando a fratura entre corpo biológico, linguagem social e reconhecimento de gênero. A transmasculinidade, quando se impõe como corpo de *pessoa* masculina, há uma intervenção no próprio regime de inteligibilidade que sustenta o falocentrismo: se o falo organiza quem pode ser lido como homem, o sangue menstrual, a vulva, o clítoris desenvolvido pela tecnologia farmaceutica, aqui, aparece como aquilo que escapa à captura binária e denuncia a insuficiência dessa lógica.

O corpo transmasculino, quando sobrevive à morte inevitável daquilo que um dia foi, passa a inscrever-se em múltiplos contextos de produção de subjetivação, abrindo-se à mesma variedade de configurações e modos de presença no mundo disponíveis a quaisquer outros gêneros. Essa travessia, contudo, não ocorre sem produzir uma fissura incontornável nas estruturas da masculinidade hegemônica.

O que quero dizer, em guisa de conclusão é que se, como vimos, a morte aparece nas narrativas transmasculinas como efeito extremo das fronteiras do reconhecimento, esta arte visual (**Figura 8**) opera no sentido inverso: reinscreve a vida onde o discurso hegemônico tentou instaurar vergonha, silêncio ou inexistência. Mas, mesmo que inverso, seus sentidos não são opostos, entendo, na verdade como um movimento análogo ao da poética de Herzer e das escrevivências das oficinas, de transformar aquilo que foi marcado como sinal de não-pertencimento em matéria de linguagem, presença e possibilidade de mundo.

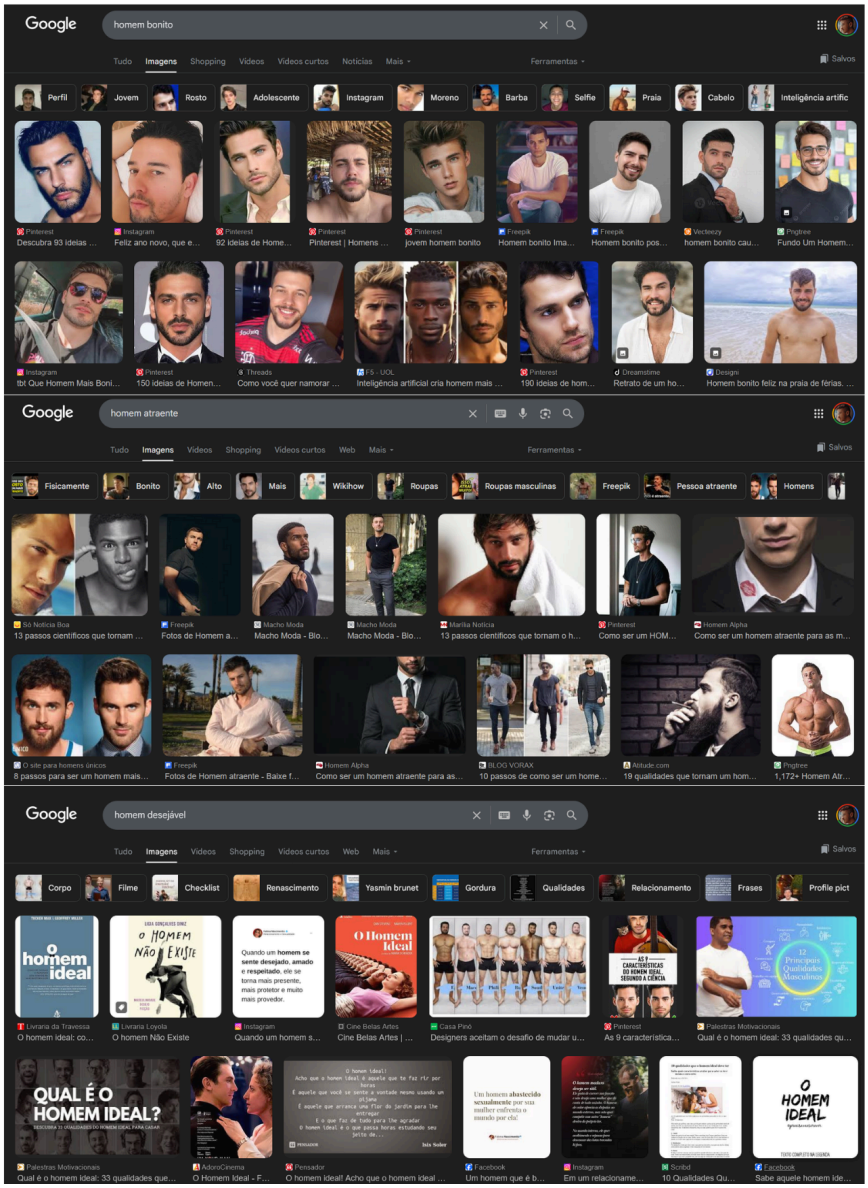
Indo para além na análise das escrevivências confluídas da oficina, interessa-me daqui em diante, sobretudo, mapear as estratégias de subversão, reinvenção e cuidado que tornam possível permanecer existindo apesar dessas forças. A próxima subseção, portanto, desloca-se do horizonte da finitude para os modos concretos de viver, criando brechas onde a sobrevivência se transforma em potência de mundo.

## 5.3 MALANDRAGEM TRANSMASCULINA E AS ESTRATÉGIAS DE SUBVERSIVIDADE E NEGOCIAÇÃO DOS DETERMINISMOS DE GÊNERO

*“Malandro é o cara que sabe das coisas*
*Malandro é aquele que sabe o que quer*
*Malandro é o cara que tá com dinheiro*
*E não se compara com um Zé Mané”*
*Malandro é malandro, mané é mané, Bezerra da Silva*

A masculinidade hegemônica, conforme discutido anteriormente, opera como um sistema de determinismo de gênero que se organiza a partir de um perfil específico: branco, cis, de classe econômica alta, sem deficiências, magro, forte e alto.

**Figura 8: *cecin'estpasunmiroir* (colagem digital)**




Fonte: Kaleo Mendes (2025)

No entanto, esse perfil só se sustenta como hegemônico porque agencia com as demais masculinidades, oferecendo mais ou menos benefícios àqueles que conseguem bingar seus marcadores. Entendo, em comunhão com a fortuna teórica que me acompanha nesta pesquisa, que essa lógica de desbloqueio progressivo de privilégios produz um desejo de adequação que estrutura os processos educativos das masculinidades cis.

Ou seja, se, por um lado, a masculinidade hegemônica concentra poder demais para um grupo tão pequeno, por outro, sua eficácia depende de que outros corpos, inclusive negros e periféricos, disputem frações desse poder, negociando sua posição dentro do sistema patriarcal. Essa negociação é particularmente visível nas relações amorosas, onde expectativas de controle emocional, autossuficiência e autoridade masculina são continuamente reiteradas.

É nesse horizonte que a colagem *ceci n'est pas un miroir* (**Figura 8**), de minha autoria, é uma provocação visual ao interlocutor que vê o signo e o significado diante de si, em estado de dicionário, mas isso não traduz *outros* corpos que existem e resistem orbitando as classificações de bonito, atraente e desejável (bonitinho, fofo, fetichizável). Ao reunir capturas de tela de buscas, a colagem tensiona a traição da promessa implícita de que o Google, enquanto dispositivo contemporâneo de produção e circulação de imagens, funcionaria como um espelho neutro da realidade.

Tal como na provocação de Magritte[54], o que ali se apresenta não é o reflexo de "todos os homens", mas uma *representação* algorítmica de possibilidades de identificação e reprodução da repetição quase homogênea de um ideal específico, como um espelho do homem possível que reside em toda mente inserida em uma sociedade generificada.

A colagem evidencia que a masculinidade hegemônica não é apenas um conjunto de atributos, mas um regime imagético e pedagógico que ensina, silenciosamente, o que deve ser desejado e, por consequência, o que deve ser descartado. Ao não me devolver enquanto imagem possível, o resultado da

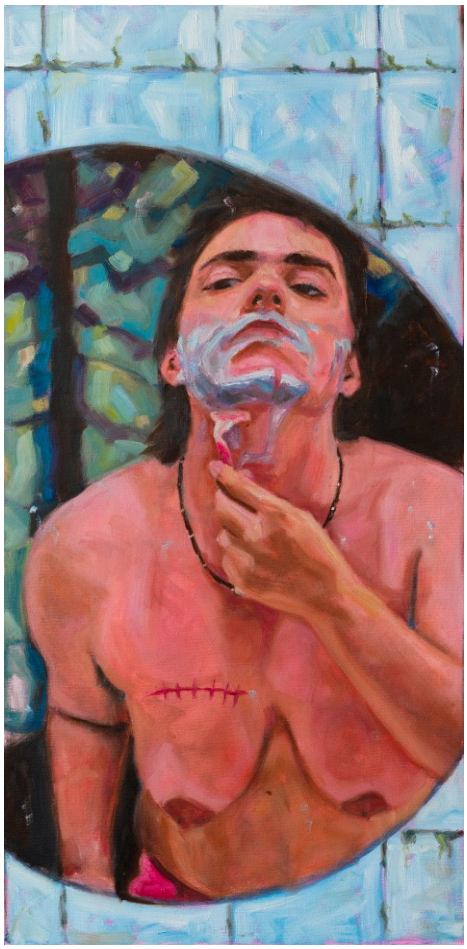
[54] vide *La trahison des images - René Magritte (1929)*

busca revela o caráter normativo e excludente desse modelo, expondo que o “espelho” social é, na verdade, uma vitrine reguladora.

É precisamente contra, e a partir, dessa pedagogia imagética que as experiências transmasculinas narradas na oficina irão confluir, evidenciando outras formas de aprender, negociar e inventar o masculino. A exemplo disso um acontecido da oficina precisa ser narrado: pouco antes de iniciarmos, na oficina, a análise da escrevivência de Hana Godoy (2021), apresentei dois textos em formatos distintos, uma imagem e um vídeo.

O objetivo, naquele momento, era também provocar uma tomada de consciência sobre a categoria do masculino à qual todos nós declarávamos algum alinhamento, compreendendo que, naquele espaço, interessava-nos assumir as rédeas dessa construção, manipulá-la criticamente e transformá-la.

**Figura 9 : “Preparando o terreno”, Fefa Lins, 2021, óleo sobre tela, 70x33cm**



Fonte: Reprodução disponível em: https://www.premiopipa.com/fefa-lins/

Para tensionar essa questão, usei uma pintura de Fefa Lins na qual um homem trans se barbeia diante do espelho enquanto seus seios permanecem visíveis (**Figura 9**). A pintura remete à ideia de auto ensinamento, ao gesto de aprender a se barbear sem que alguém nos tenha ensinado, à produção de uma masculinidade que não foi transmitida por uma linhagem familiar, mas construída na ausência desse ritual pedagógico. O espelho, ali, não reflete imagens comuns, mas uma *experiência* corpórea e a cada imagem refletida, esse espelho participa da criação de quem se é.

> **Kaleo Mendes:** Quando eu olhei ela [**Figura 9**] a primeira vez, ela me lembrou automaticamente da primeira vez que eu precisei fazer a barba, né? Porque eu já tinha feito a barba antes de transicionar, porque eu tinha bigode quando eu era criança. Isso foi razão de muito bullying na minha vida, né? Eu sofria muito bullying por causa desse bigode, então eu tinha que tirar, eu tinha que fazer com cera, eu descoloria e era horrível porque quando a gente descolore o nosso pelo, né, no primeiro dia tá branquinho, mas depois fica laranja, né? Aí a minha irmã me chamava de mico leão dos bigode dourado. [risos] Só para vocês terem ideia quão humilhante era a situação. E aí

> eu me lembro quando eu realmente por causa da hormonização, eu não não fazia uso do minoxidil, eu comprei, passava e esquecia, ou seja, a barba veio normal, no parto normal, né, da barba. [risos] E eu quando eu precisei realmente ajeitar, fazer bonitinho e tal,, eu percebi que eu não sabia fazer a barba. Eu não tinha aprendido com ninguém, não tinha um homem que me ensinou a fazer a barba, geralmente a gente sabe que isso vem de um homem, vem de um pai, né? Eu não tive. (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

Em contraposição, apresentei um trecho da novela *Vale Tudo* (2025), estruturado como merchandising de uma marca de automóveis. Nessa cena[55], o carro, mais do que mercadoria, funciona como signo condensador de uma masculinidade branca, heterossexual, economicamente bem-sucedida e legitimada socialmente.

**Figura 10: Captura de tela da cena da novela Vale Tudo (2025) exibida na oficina**




Fonte: Globoplay

[55]A cena apresentada, estruturada como merchandising de uma marca de automóveis, reúne três gerações de homens da mesma família — avô (Bartolomeu), pai (Ivan) e filho (Bruno) — em torno da aquisição de uma caminhonete de luxo. Ivan chega buzinando em frente ao local de trabalho do pai, desce do veículo e anuncia, orgulhoso, seu novo carro, associando a compra à recente ascensão profissional a um cargo de gerência em uma multinacional e à necessidade de "impressionar" clientes. O diálogo enfatiza sucesso, progresso e reconhecimento paterno. Ao mesmo tempo, Ivan destaca seu papel como pai, mencionando passeios com o filho, bicicletas na caçamba e a intenção de ensiná-lo a surfar. A cena culmina com a afirmação de que ele faz tudo isso porque "aprendeu com o melhor", referindo-se ao pai (Bartolomeu), sugerindo a transmissão intergeracional de valores masculinos. Durante toda a sequência, o carro permanece em destaque no enquadramento, acompanhado por trilha sonora leve e atmosfera ensolarada, compondo uma imagem de harmonia, prosperidade e continuidade. A narrativa articula consumo, sucesso profissional, paternidade e esporte como elementos constitutivos de uma masculinidade legitimada e transmitida entre gerações.

Na mediação, busquei destacar como a cena ilustra de maneira didática a forma como operam os processos educativos de gênero: não apenas no âmbito familiar, mas também por meio da indústria cultural, da publicidade e do audiovisual, que ensinam continuamente o que é ser homem e para quem esse modelo é destinado. A novela, de grande alcance nacional, não educa apenas homens cis; ela ensina a todos e todas quais características devem compor a masculinidade legítima ao mesmo tempo que a produz.

A proposta, ao colocar em diálogo a pintura de Fefa Lins e a cena da novela, era justamente tensionar dois modos distintos de produção de masculinidade: de um lado, a transmissão normativa e intergeracional; de outro, a invenção de si em contextos de ausência ou ruptura dessa transmissão. A partir dessas imagens, convidei os participantes a refletirem sobre quais processos educativos atravessaram suas próprias trajetórias e de que maneira esses ensinamentos explícitos ou sutis participaram da produção de suas subjetividades transmasculinas.

Os comentários no chat e as falas que se seguiram, durante a oficina, evidenciaram a potência desse disparador. Dentre as principais falas da discussão destaco a de Christian que destacou o papel do audiovisual na construção das referências de gênero, sublinhando como essa linguagem “entra mais facilmente em todas as casas” e a de Davi que, por sua vez, chamou atenção para a dimensão da competição e do sucesso como elementos constitutivos da masculinidade ali representada, observando como tais lógicas também atravessam, por vezes, as experiências transmasculinas.

Dessa forma, diferentemente da pedagogia intergeracional encenada pela novela, na qual a masculinidade se organiza como herança estável, legitimada pela família institucional, pelo consumo e pelo reconhecimento social, a pintura de Fefa Lins (2021) evidencia uma aprendizagem sem mestre, marcada pela ausência, pela improvisação e pela invenção de si.

Entendo isso como uma fratura pedagógica que indica que os processos educativos de gênero das transmasculinidades se constituem em zonas de trânsito, onde memórias da feminilidade vivida anteriormente não desaparecem, mas se rearticulam a partir de deslocamentos críticos, podendo ser atravessados por sensibilidades feministas ou por algum grau de inconformidade com a masculinidade hegemônica.

Para colaborar com a discussão a respeito desses deslocamentos críticos e rearticulações da memória que as transmasculinidades produzem, buscaremos uma referência sobre transmasculinidades do outro lado do globo. *Boys Run the Riot* é um mangá[56] escrito e ilustrado por Keito Gaku, um autor transmasculino, publicado originalmente no Japão e sendo traduzido e publicado no Brasil em 2022. No Japão, a obra foi serializada na revista digital Weekly Young Magazine entre 2020 e 2021 e posteriormente compilada em quatro volumes, totalizando a série completa em 4 encadernados no Japão e no Brasil.

**Figura 10: Frente e verso do primeiro volume do Mangá *Boys Run The Riot* (edição brasileira)**




Fonte: acervo do autor referenciado em Gaku, 2022

Ambientado no contexto escolar japonês, um país marcado por forte normatividade de gênero e por dispositivos institucionais rigorosos de regulação da aparência, Ryo, um transmasculino que já reconhece mais a si

[56] Resumidamente, o mangá é um tipo de história em quadrinho que segue o padrão de leitura oriental, ou seja, começa na convencionada como última página da leitura ocidental e termina na primeira página, a leitura dos balões de falas e quadrinhos se dão também de trás pra frente, começando da direita para a esquerda. As figuras 10, 11 estão organizadas da esquerda para a direita, como na leitura ocidental, para facilitar a compreensão, mas os balões ainda precisam ser lidos da direita para a esquerda.

mesmo usando das tecnologias de gênero da masculinidade, mas que ainda é lido socialmente como menina.

A tensão que estrutura sua trajetória é ilustrada através da violência cotidiana de ser constantemente reinscrito na feminilidade compulsória: o uniforme escolar feminino, os olhares, os comentários sobre como “deveria ser mais feminina”, a expectativa de adequação silenciosa. Trata-se de uma pedagogia disciplinadora que opera pela repetição e pelo constrangimento.

A tensão que atravessa sua trajetória não decorre de dúvida interna, mas da insistência do mundo em reiterar pedagogicamente aquilo que ele não é. O uniforme feminino, os comentários sobre como “deveria ser mais feminina”, as expectativas sutis e explícitas que o interpelam cotidianamente configuram uma pedagogia disciplinadora que tenta reinscrevê-lo na feminilidade compulsória.

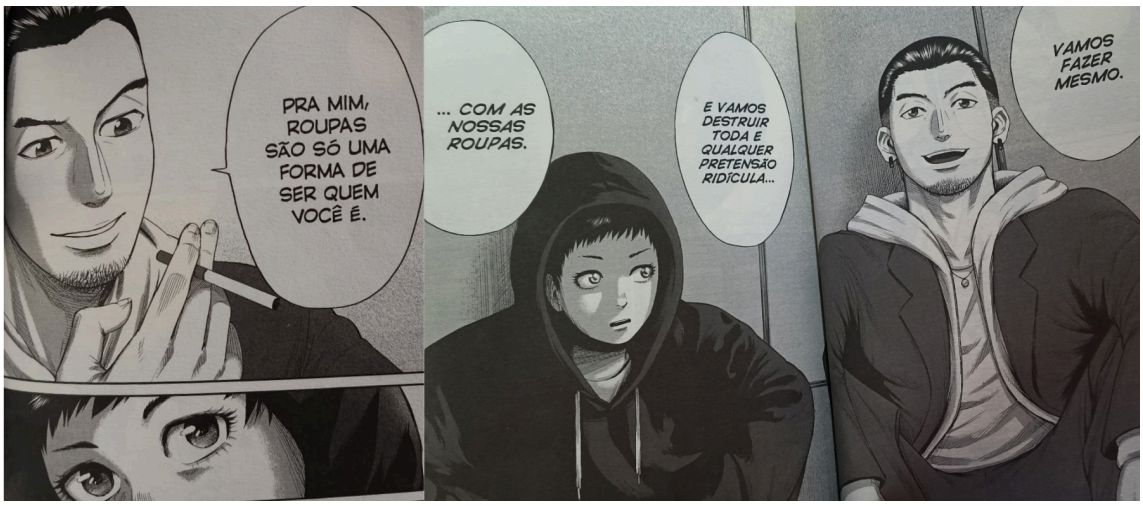
**Figura 11: reprodução das páginas 20-22 do volume 1 (Gaku, 2022)**




Fonte: acervo do autor, referenciado em Gaku, 2022

É nesse cenário que Ryo inicia uma amizade com Jin, um jovem despojado e aparentemente desinteressado em tudo que quer iniciar uma marca de roupas com Ryo. A criação da marca, nesse contexto, no decorrer dos quatro volumes vai se configurando para Ryo como um gesto de enfrentamento aos regimes que organizam quem pode “parecer homem” e sob quais códigos.

**Figura 12: reprodução de quadro da página 60 e páginas 63-63 do volume 1 (Gaku, 2022)**




Fonte: acervo do autor, referenciado em Gaku, 2022

Inspirado pela coragem de Jin (**Figura 12**), o amigo no qual ele se vê reconhecido em sua identidade de gênero e respeitado, Ryo passa a ter cada vez menos medo de se expressar. Vestir-se, nesse sentido, deixa de ser apenas expressar estilo, mas produzir inteligibilidade para si mesmo. A estilização da aparência torna-se experimento identitário, tentativa de aproximar o corpo visível da memória interna da masculinidade que reivindica.

Nesse sentido, a própria (res)significação das peças de roupa pode ser compreendida como prática de inscrição política do corpo no espaço social. Ao manipular signos historicamente generificados — cortes, tecidos, silhuetas, adornos —, sujeitos LGBTI+ produzem narrativas visuais sobre si mesmos que não dependem exclusivamente da autorização institucional para existir. Como afirmam Santos e Vicente (2021):

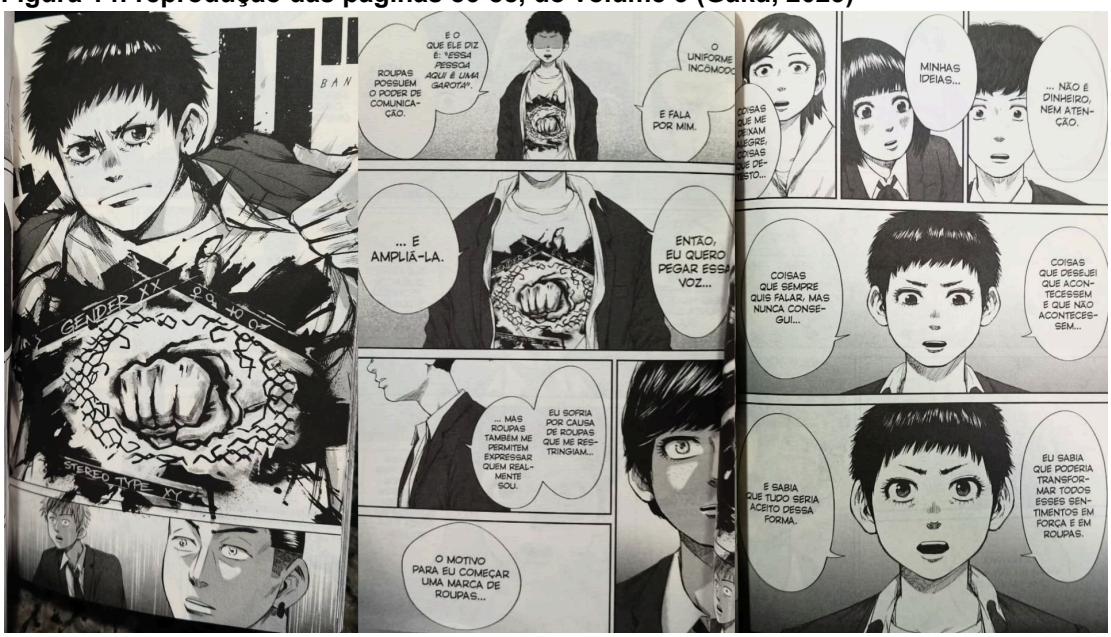
> a (res)significação de peças e adornos é uma forma de escrevivência, pois é uma forma de LGBTI+s inscreverem seus corpos e subjetividades no presente, e portanto, no futuro e também no 'futuro anterior' (BOURCIER, 2021). É uma forma de escrever sobre si na sociedade, trazendo para a esfera pública a enunciação de identidades sexuais e de gênero diversas sem que sejam necessárias maiores apresentações: deixa-se entendido, em alto e bom tom, que se é boyceta, travesti, bixa, sapatona, etc. Assim, afasta-se do âmbito da vergonha e do medo, que persistem como verdadeiros fantasmas desde a tenra infância, e afirma-se quem se é em tom de orgulho, beleza e, porque não, afronta à padronização cisgênera e heterossexual dos corpos.(Santos; Vicente, 2021, p.3512)

**Figura 13 : reprodução das páginas 74, 78 e 79, respectivamente, do volume 3 (Gaku, 2023)**




Fonte: acervo do autor, referenciado em Gaku, 2023

**Figura 14: reprodução das páginas 86-88, do volume 3 (Gaku, 2023)**




Fonte: acervo do autor, referenciado em Gaku, 2023

A sequência reproduzida (**Figuras 13 e 14**) permite adensar essa discussão ao tornar visível, em linguagem gráfica, a tensão causada pela pedagogia disciplinadora da feminilidade e, simultaneamente, como gesto de invenção crítica da masculinidade situando essa cena em um processo educativo de gênero das transmasculinidade sobre o qual venho discutindo.

Nas páginas em questão (**Figura 14**), Ryo, depois de ser exposto como transmasculino (tirado do armário) forçadamente, reage diante de toda a turna

escola explicita que sua experiência não se organiza a partir da dúvida, partindo da ideia recorrente sobre pessoas trans “estarem confusas”, mas da incongruência entre a leitura social de seu corpo e a produção da sua subjetivação. Quando ele afirma que o uniforme feminino “fala por ele” e o comunica como “garota”, o personagem evidencia que as roupas operam como dispositivos semióticos de gênero, ou seja, não são apenas vestimentas, mas tecnologias pedagógicas que produzem inteligibilidade social.

Se, na colagem cecin’estpasunmiroir (**Figura 8**), há uma vitrine reguladora do homem possível, no contexto escolar japonês o uniforme cumpre função análoga: é o “espelho” institucional que devolve a Ryo uma imagem que não o contempla. Contudo, quando Ryo declara que deseja “pegar essa voz” e ampliá-la por meio das roupas, a moda passa a operar como ferramenta de reinscrição política do corpo.

Quando Ryo decide aparecer na escola com o uniforme masculino (**Figura 13)**, pouco antes de discursar diante de sua turma e revelar a arte por debaixo do uniforme em uma camiseta de sua autoria ele evidencia que

> a moda não se restringe às roupas, mas também a como teorias essencialistas (ciências duras) estão embebidas em dispositivos performativos estéticos e estilísticos e dependem de uma rede que sustente a sua permanência e êxito. (Santos; Vicente, 2021, p.3515)

Entendo que as transmasculinidades podem exercer esse potencial de moda ao projetarem visualmente uma corporalidade que desafia os limites impostos sobre o que é masculino. Mesmo que esse corpo vista uma roupa que é associada ao homem cis heterossexual, por exemplo, sua corporalidade vai inevitavelmente dialogar com essa composição e, se carregada de intenção como a do Ryo, isso pode se converter em um gesto estético e epistemológico que inscreve aquela configuração corporal como possível dentro das masculinidades.

É nesse ponto que a escrevivência de Liz Bardo (**Anexo 2**) amplia o horizonte da análise ao introduzir uma terceira direção que não se organiza nem pela assimilação plena à masculinidade hegemônica nem pela permanência na categoria mulher: “aqui tem 3 pontas, / uma 3ª direção / que abre pra mais / mil possibilidades / que cabem no NÃO. / ah, não / me recuso a caber / numa caixinha tão pequena / de homem, mulher”.

Enquanto para Ryo a roupa funciona como ampliação de voz, a recusa de reduzir-se para adequar-se em binarismos é para Liz Bardo uma tecnologia discursiva. Ou seja, sua negativa abre campo, que suspende a exigência de coerência binária e instaura um território expandido de inteligibilidade. A terceira ponta a que o autor se refere tensiona conscientemente o próprio regime classificatório que organiza a masculinidade hegemônica como horizonte máximo de reconhecimento:

> **Liz Bardo:** Eu costumo brincar com meu namorado (...) que acho a transmasculinidade uma tecnologia incrível. Estar com cara de 'macho' e, quando olham, ainda ter peito. Eu acho magnífico. Tenho gostado de estar na transmasculinidade. (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

Ao nomear a transmasculinidade como tecnologia ele reconhece sua capacidade de manipular os signos de forma estratégica e até lúdica, subvertendo os princípios da masculinidade hegemônica. A negociação com a mãe acerca da hormonização explicita ainda mais essa fratura pedagógica:

> **Liz Bardo**: Até que eu fui falar com a minha mãe que eu tava começando a pensar em tomar hormônio. Aí para quê? Aí minha mãe ficou: "Mas você vai parecer um homem?" E eu tipo, mãe, não é sobre isso. E ela, não, você vai parecer um homem. E assim, na cabeça dela, ela estava defendendo que se eu era uma pessoa no binária, eu não tinha que parecer homem, eu tinha que ser não binário. Eu sei que tem algum incômodo dela com isso, que eu não sei com que nem aonde, mas é processo dela, não cabe a mim descobrir. E aí eu virei e falei: "Mãe, não é assim que funciona". Ela: "Ai, como assim?" Eu falei: "Mãe, eu pareço o quê agora?" E ela, "Você parece o meu filho?" Eu falei: "Mãe, eu pareço o quê agora?" E ela: "Você parece uma menina." Eu falei: "Eu sou uma menina?" Aí ela disse: "Não". Eu falei: "Então, pronto, eu posso parecer um homem, isso não vai me fazer homem, isso não é problema algum". (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

Compreendo que esse diálogo revela a instabilidade das categorias na vivência transmasculina, principalmente quando atravessada pela não-binariedade. Parecer não é ser e ser não depende de parecer. A insistência da mãe em preservar a "categoria mulher" como patrimônio perdido evidencia como o gênero é tratado como capital simbólico fixo. Já Liz desloca a lógica quando faz ela perceber que não há "abrir mão" quando nunca houve pertencimento de verdade.

Essa habilidade argumentativa de pensamento rápido, que a partir de agora proponho como uma malandragem[57] transmasculina, surgiu com frequência durante a discussão coletiva da oficina:

> **Liz Bardo**: Eu estava em Manaus há uma semana atrás e aí eu queria muito ver o encontro das águas, assim, muito, muito, muito, só que eu não consegui ninguém para para dividir o barco comigo. Enfim, fui lá tentar ver com o cara, né? E aí tá, foi eu sozinho, eu e o homem da lancha lá, né? Aí a gente tá no caminho, o cara vira para mim e fala assim: ”Ô mano, lê aqui para mim” e me passou o celular dele para eu ler o negócio Quando eu vou ver, é a conversa dele com a moleca. E aí assim, resumo da história, essa mulher é tipo uma das inúmeras mil amantes dele, sei lá. Tipo assim, ele diz que ele conheceu ela sexta passada e aí ela ia para Fortaleza comprar roupa e ele mandou simplesmente R$ 450 para ela, porque esses caras são assim também, né? Eles gastam muito dinheiro com mulher. Aí ele mandou assim R$ 450 para ela e com as palavras dele falou: "E nenhuma lapada". Aí na hora que ele falou isso, eu tive o mesmo pensamento, né? Eu vou fazer o que agora, tá ligado? Eu vou endossar. E aí, naquele momento, eu sozinho numa cidade que eu não conhecia, tipo, no meio do rio negro, eu falei: "Bicho, eu não vou". Sabe? Aí eu falei: "Égua, tem mulher que é muito vagabunda mesmo, né?” E velho, eu fui, velho, [risos][58] eu tenho vergonha de falar isso também, mas eu fui o cara mais machista e misógino que vocês podem imaginar. Eu fui aquele dia, juro. E assim, eu contando pros meus amigos falando, velho, se alguém ouvisse o que eu falei aquele dia, eu sou cancelado porque não tem, mano. [risos] Mas eu falei, “ou eu respondo isso ou esse cara me joga na água, sei lá”. E eu achei muito engraçado perceber que em momento algum ele duvidou, porque em algum momento eu pensei, ”velho, ele tá me testando, ele percebeu que eu sou viado e ele tá me testando”, mas aí não, eu acho que ele realmente achou que eu era um homem cis e tal, hétero no caso, pelo jeito que o resto da conversa foi desenrolada. E aí, Chris, isso que você falou de que eles [falam que] fazem elas gozar? O cara falou assim: "É que eu falo para umas: eu vou te chupar e vou te fazer mulher". [risos] (...) Eu fiz meu jogo lá e consegui o preço mais barato, mas eu percebi que o preço que eu não paguei completo foi eu ficar ouvindo esse cara falar merda tá ligado? Foi assim horroroso, mas ao mesmo tempo muito intrigante de pensar que é assim que eles interagem entre eles. Tipo, eles falam de mulher o

[57] A ideia de malandragem aqui não se reduz ao estereótipo do sujeito descompromissado ou moralmente duvidoso. Trata-se de uma inteligência corporal e relacional muito presente nas culturas populares brasileiras, especialmente nas pedagogias de terreiro, onde se aprende a ler o ambiente, perceber energias, medir palavras, negociar conflitos e agir com astúcia sem necessariamente romper frontalmente com a ordem. “Malandro(a)”, nesse sentido, é quem tem jogo de cintura, ginga, lábia e capacidade de improviso; quem transforma fraqueza em força, quem sabe quando enfrentar e quando contornar. É menos sobre enganar e mais sobre circular, sobreviver e criar brechas em contextos adversos.

[58] É importante o cuidado ao analisar esse episódio e as risadas causadas por ele. O impacto do absurdo do estereótipo de “um machista” ser acatado com tanta naturalidade por um homem cis é o que provoca uma risada quase desesperada de incredulidade que, junto com o medo de ser “pego” e isso custar sua vida, aciona um sentimento de irrealidade. A vergonha de Liz e sua afirmativa de ter, sim, interpretado esse papel demonstra o quão extremo é o sentimento de terror que ele sentiu sozinho com aquele homem em um barco isolado. O que pretendo portanto é reforçar que a análise desse episódio não visa legitimar a reprodução do discurso misógino, mas compreender as condições situacionais que o tornaram taticamente acionável.

> tempo todo e é só isso que eles falam. E essa definitivamente foi uma experiência muito masculina para mim. (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

A narrativa de Liz, em diálogo com outras colocações de outros transmasculinos no mesmo sentido, evidencia de maneira quase didática que a masculinidade hegemônica não se sustenta apenas por atributos corporais, mas também por códigos de interação. O que estava em jogo naquele barco não era apenas a leitura de seu corpo como homem cis, mas a exigência de adesão a um roteiro relacional específico: cumplicidade misógina, validação da lógica de posse sobre o corpo das mulheres, celebração da virilidade medida pelo desempenho sexual.

Ao afirmar que “ou eu respondo isso ou esse cara me joga na água”, Liz explicita que a performance foi cálculo situacional. A malandragem transmasculina, nesse sentido se manifesta na estratégia de sobrevivência e de negociação com os determinismos de gênero. Trata-se de uma leitura rápida do contexto, da avaliação de risco e da decisão de acionar temporariamente códigos da masculinidade hegemônica para garantir integridade física.

Compreendo que nesse episódio há uma dimensão ambígua que merece atenção. Por um lado, a simulação de cumplicidade reproduz momentaneamente a lógica misógina que sustenta a hegemonia masculina. Por outro, essa simulação não é uma adesão verdadeira, mas uma tática. O “preço” pago, como o próprio Liz afirma, não foi monetário, mas psíquico: suportar o discurso violento como condição para atravessar o perigo.

Essa experiência ilumina algo que também apareceu na fala de Chris, anteriormente, quando descreve sua estratégia de infiltração. Ao ser lido como homem cis no ambiente de trabalho, ele acessa uma escuta diferenciada. Isso implica dizer que a malandragem transmasculina usa da falsa estabilidade de estar à sombra da masculinidade hegemônica para que sua palavra ganhe legitimidade imediata.

Reconheço que habitar o código sem se confundir com ele é um movimento de subversividade e negociação com os determinismo de gênero da masculinidade hegemônica que abre uma rachadura no *cistema*. A malandragem transmasculina usa do falar “na língua deles” para produzir

deslocamento. Simplificar, às vezes até embrutecer a formulação, para alcançar cognitivamente quem não acessaria uma discussão mais elaborada sobre gênero e desejo.

A malandragem transmasculina, portanto, pode ser compreendida como uma pedagogia reversa. Se a masculinidade hegemônica ensina continuamente como ser homem por meio da repetição disciplinada de gestos, discursos e afetos, a malandragem ensina como circular entre esses códigos sem ser capturado integralmente por eles. É uma competência situada que envolve, dentre outras coisas, a leitura apurada e rápida das dinâmicas de poder, a manipulação estratégica da própria inteligibilidade e o uso tático do privilégio circunstancial de ser lido como homem cis.

A discussão de Aboim e Vasconcelos (2022) contribui para aprofundar essa compreensão ao propor que as masculinidades trans devem ser analisadas a partir da centralidade das práticas corporais. Para as pessoas autoras:

> Práticas corporais envolvem diferentes padrões de prática reflexiva. Práticas materiais envolvem intervenções físicas no corpo (sejam realizadas por médicos especialistas ou auto-administradas) e formas de representação (aparência, vestuário, hexis). Práticas discursivas envolvem processos de nomeação e classificação compartilhados e reconhecidos cultural ou socialmente por outras pessoas, sejam legais (documentos de identificação estatais) ou identidade de gênero auto-definida (i.e., definida pelo próprio indivíduo). Esta formulação assente na conexão entre identidade de género, nomeação, aparência corporal e representação, permite entender como a masculinidade é incorporada e feita por aqueles que se identificam com rótulos trans-masculinos. (Aboim; Vasconcelos, 2022, p.6)

Essa articulação entre identidade de gênero, nomeação, aparência corporal e representação permite compreender que a malandragem transmasculina vai além do campo do discurso e mobiliza o corpo como tecnologia estratégica de circulação social. Ou seja, quando Liz calcula a resposta que deve dar no barco, o que está em jogo é a ativação de uma hexis[59] corporal inteligível como masculina.

---

[59] *Hexis* é um conceito associado à tradição bourdieusiana e refere-se à dimensão corporal do habitus, isto é, ao conjunto de disposições incorporadas que se expressam em gestos, posturas, modos de andar, falar e ocupar o espaço. Trata-se da forma pela qual estruturas sociais são inscritas no corpo e se tornam visíveis como estilo corporal relativamente estável, ainda que contextualmente modulável. No contexto das masculinidades, a hexis diz respeito à maneira como o corpo performa socialmente o masculino por meio de microgestos, tonalidades de voz, expressões faciais e padrões de movimento, produzindo inteligibilidade de gênero.

Nesse sentido, a malandragem transmasculina evidencia a dimensão situada da in*corporação*: acessar temporariamente os códigos da masculinidade hegemônica depende da materialidade do corpo e da inteligibilidade que ele produz. Aboim e Vasconcelos (2022) demonstram que indivíduos transmasculinos, no seu "longo nascer duas vezes", mobilizam estratégias diversas que podem variar conforme o contexto social enfrentado.

> Ao longo do processo de transição, as práticas corporais podem mudar e, muitas vezes, os indivíduos envolvem-se em estratégias diferentes, quer seja ao longo do tempo, quer quando confrontados com diferentes espaços e situações sociais. (Aboim; Vasconcelos, 2022, p.6)

A leitura rápida do ambiente exige essa capacidade de alternar registros corporais e discursivos. A saber, há uma tipologia proposta pelos autores — metamorfose, aproximação, contestação e redefinição — que ajuda ainda a iluminar a heterogeneidade dessas estratégias[60]:

Nas práticas de *metamorfose* (Aboim; Vasconcelos, 2022, p. 7-8), o corpo é compreendido como meio de revelação de uma masculinidade já sentida internamente. A transformação corporal busca produzir coerência entre identidade e materialidade, articulando dimensão discursiva e dimensão física de forma integrada. A masculinização do corpo assume papel central nesse processo, pois é por meio dela que o sujeito passa a reconhecer-se e a ser reconhecido como homem. O investimento em intervenções corporais aparece como caminho para alinhar aparência, nomeação e sentido de si, configurando uma busca por continuidade entre experiência subjetiva e leitura social.

Já nas práticas de *aproximação*, a masculinização do corpo permanece relevante, "mas unem o passado como mulher e a descoberta da masculinidade ao longo do percurso de transformação corporal" (Aboim; Vasconcelos, 2022, p.8). Nesse sentido, transformação não é concebida como ruptura total, mas como processo negociado. Elementos do passado vivido como mulher podem ser integrados à trajetória, e a ambiguidade corporal não

[60] O estudo de Aboim e Vasconcelos (2022) baseia-se em pesquisa qualitativa realizada no Reino Unido e em Portugal, a partir de entrevistas semiestruturadas com 35 pessoas transmasculinas (21 no Reino Unido e 14 em Portugal), conduzidas entre 2018 e 2020. Os participantes foram recrutados por meio de redes comunitárias e associações LGBTI+. A investigação adotou abordagem sociológica inspirada na teoria das masculinidades e na noção de práticas corporais, analisando narrativas biográficas com foco nas dimensões materiais (intervenções corporais, aparência, hexis) e discursivas (nomeação, identidade legal e autoidentificação) da incorporação da masculinidade.

necessariamente é rejeitada. Nesse padrão, a masculinidade é construída em diálogo com continuidades biográficas, permitindo a convivência entre diferentes camadas identitárias sem exigir apagamento completo da feminilidade anterior.

Nas práticas de *contestação* (Aboim; Vasconcelos, 2022, p. 8-9), por sua vez, articulam o desejo de masculinização corporal com crítica ativa aos modelos hegemônicos de masculinidade. Aqui, a incorporação do masculino nega adesão aos seus cânones tóxicos. A hexis masculina pode ser mobilizada de maneira contextual, enquanto o discurso se organiza frequentemente em confluência com a identidade não-binária. A masculinidade torna-se campo de reinvenção: busca-se produzir modos de ser homem que escapem às expectativas normativas de virilidade, dominação e rigidez identitária. O corpo é simultaneamente espaço de afirmação e de disputa simbólica.

Por fim, nas estratégias de *redefinição* (Aboim; Vasconcelos, 2022, p. 9-11), as transformações corporais materiais não ocupam lugar central. A masculinidade é construída sobretudo por meio do discurso e da reinterpretação dos códigos de gênero, muitas vezes aproximando-se de expressões não-binárias ou da masculinidade butch. Ainda assim, mesmo quando intervenções físicas não são prioritárias, a materialidade do corpo continua sendo condição de possibilidade para a inteligibilidade social. A redefinição opera deslocando os significados atribuídos ao corpo, sem depender necessariamente de sua transformação biomédica, mas também sem prescindir da presença concreta que sustenta essa reinterpretação.

Alinhando essas práticas à proposta do conceito de malandragem transmasculina podemos, assim, compreender esta como um agenciamento dessas práticas corporais de contestação, utilizando de uma sagacidade de interpretar o papel esperado para transitar em espaços, hackear discursos e confirmar que

> estas formas aparentemente subalternas de “fazer masculinidade” (Raewyn CONNELL, 1995) iluminam os modos através dos quais toda a masculinidade (trans ou não) é incorporada e feita (Aboim; Vasconcelos, 2022, p. 2)

Davi Miranda, ao relatar a agressão sofrida após ser reconhecido como homem trans, depois de ter participado de um comercial, explicita o outro lado dessa equação: a visibilidade pode ser letal. Se a infiltração de Chris e Liz é

possível porque sua transmasculinidade não é identificada, a experiência de Davi revela que a exposição do marcador trans desestabiliza violentamente a hierarquia que sustenta a masculinidade hegemônica. A reação agressiva é o mecanismo de defesa de um regime que se sente ameaçado quando sua naturalidade é questionada.

Proponho, portanto, que a malandragem transmasculina emerge como resposta a um cenário no qual a inteligibilidade de gênero é simultaneamente condição de reconhecimento e de risco. Ela não substitui a recusa radical proposta por Liz em sua escrevivência, nem a reinvenção estética de Ryo; ela se soma a essas estratégias como movimento de negociação tática em contextos adversos.

Se, no início desta subseção, discuti a masculinidade hegemônica como regime imagético e pedagógico que distribui privilégios por meio de uma lógica de desbloqueio progressivo, aqui podemos observar como sujeitos transmasculinos aprendem a hackear parcialmente esse sistema. Não se trata de conquistar plenamente o pacote de privilégios, mas de acessar temporariamente determinadas chaves, seja para sobreviver, seja para enfraquecer o próprio código por dentro.

A malandragem transmasculina, portanto, não pode ser vista como oportunismo, no sentido de inserir no mesmo balaio que as machezas cisgêneras, mas como uma inteligência situada diante da precariedade — mesmo que isso signifique coçar o saco inexistente e cuspir no chão falando absurdos.

> **Kaleo Mendes:** Eu me lembro uma vez que eu subi numa moto. E aí eu tava saindo da casa da minha amiga, o motorista foi puxar papo comigo, aí disse: "Mora aí, mano?" Aí eu tentei manter, né, o papo. Eu disse: "Não, não, tava na casa de uma amiga". Aí, ele disse assim: “já tava traçando ela, né?” Aí eu fiquei, caralho, que que eu faço? Pô, eu tô na moto desse cara, vou dar uma resposta atravessada para esse bicho? Não, eu vou me misturar, vou fingir aqui, vou interpretar um papel, vou brincar com isso. E essa foi a primeira vez, mas aconteceram muitas outras vezes, que eu vesti essa cara de hétero que depois que eu desço da moto eu me acabo de rir, né? Aí eu disse: "É, mano, comi ela". Aí eu comecei a falar um monte de sacanagem e ele começou a me responder um monte de coisa machista. (...) Aí enquanto eu tava fazendo isso, eu tava atentando a mim mesmo para ver se o que que acontecia dentro de mim, se eu sentia asco, se eu sentia uma identificação, se aquilo me alegrava, se aquilo me dava euforia. E na realidade eu cheguei numa conclusão que é a que [chego] toda vez que vem com essa coisa de motora puxar papo comigo (...) Não me dá euforia, mas me lembra exatamente a sensação que era eu fingir ser uma coisa que eu não

> era quando eu fingia ser mulher. Então eu tô fingindo aqui no sentido oposto e também não tá dando certo, tá ligado? Quer dizer que eu não sou essa parada aí não. E aí isso faz eu rir, me faz rir de verdade. Toda vez que eu desço da moto, eu acho muita graça, porque eu interpreto esse papel, eu finjo que eu sou um machista tão bom que eles se soltam comigo e falam coisas que eles não falariam com outra pessoa, só com o "brother" deles. E assim a gente consegue acessar aquele discurso. Eu consegui escutar de um cara uma vez uma história completa dele com uma amante (...) "Eu [estava] na casa da mulher e a outra me chamando no telefone 'bora, nego, vem, nego'". Aí eu: "porra, mas chamando assim, né, mano? Sacanagem" (...) foi um diálogo que rolou e que para sempre vai ficar na minha memória, porque foi muito engraçado, foi muito estereotípico, sabe? E ao mesmo tempo que [ele] me expôs aquilo e eu fiquei, olha só, esse filho de uma puta se eu descubro quem é a mulher dele, mano, na mesma hora eu digo: "olha, tu tá levando chifre, otária, sai daí, saca?" (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

Se a masculinidade hegemônica se organiza como um sistema de pedagogias insistentes que ensina quem pode existir, como deve falar e o que deve desejar, entendo que a malandragem transmasculina revela que também é possível aprender a circular por entre essas lições sem se deixar capturar integralmente por elas. E essa é a declaração *mais imparcial* desta Dissertação: a malandragem transmasculina não implica em pureza ética, heroísmo identitário ou garantia de isenção de falas e atos reprodutivamente machistas e misóginos — e eu diria que até mesmo transfóbicos —, mesmo que isso não nos dê acesso aos privilégios dos homens cis.

> **Davi Miranda:** mas assim, a gente pode sim exercer esse papel, né, dede reprodução, de opressão, mas não necessariamente a gente tá incluído, porque assim, por mais passabilidade que você tenha, em algum momento você vai ser identificado como uma pessoa trans e aí você tá sujeito a sofrer toda a opressão. É relacionada a isso, entendeu? A gente pode [fazer] isso muito bem, não vou falar para ninguém, ninguém sabe, mas em algum momento eu vou ser descoberto, né? Isso aconteceu comigo. (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

Reconhecer isso é fundamental para não romantizar a malandragem como se ela estivesse fora das contradições que critica ou permitisse total invisibilidade entre homens cis. Ao acionar códigos da masculinidade hegemônica para garantir acesso, circulação e segurança, esses corpos transmasculinos também tocam, ainda que estrategicamente, nas engrenagens que sustentam esse regime e isso pode fazê-lo se sentir cegamente parte de um lugar que não o aceitará nunca ou pode falhar caso sua visibilidade ative o medo cis de perder o controle das corporalidades, o que pode ser fatal.

Além disso, ao reconhecer que na malandragem transmasculina há fricção, há vigilância e pode haver reprodução de discursos que um dia atravessaram aquele corpo no lugar “mulher” entende-se que isso pode causar mais ou menos desconforto, mais ou menos custo psíquico, depende de quais processos educativos de gênero da feminilidade e a forma como se agenciou com eles previamente.

Essa inteligência encarnada que lê o ambiente, calcula riscos e mobiliza o corpo como dispositivo de negociação é tanto tática individual como método coletivo de atravessamento. Ela transforma a experiência de vulnerabilidade em um simulacro laboratorial de leitura social, convertendo o risco em conhecimento sobre como o masculino se sustenta e onde ele pode rachar.

**Figura 15 : Captura de tela da “Intervenção-Performance ‘Quem abre caminhos, não me deixa andar sozinho. Laroyê’, homenagem a João W. Nery na In.corpo.rar: Exposição Viva (2018), por Tali Ifé”**




Fonte: IFÉ, Tali, 2020. p. 35.

A intervenção-performance de Tali Ifé (**Figura 15**) tensiona essa discussão ao inscrever nosso transcestral João W. Nery como presença que não é apenas memória, mas estratégia. O mural em mosaico, formado por fragmentos que compõem sua imagem segurando o icônico chapéu Panamá e sorrindo enquanto à esquerda do mural lê-se: “ser o que somos não tem preço viver uma mentira nos enlouquece”; à direita, “João Nery PRESENTE”.

Nessa escrevivência transmasculina visual as pedagogias de terreiros são desveladas na oferenda à essa figura: a garrafa de cachaça 51, um cigarro e a vela branca acesa no chão cuja estética dialoga com a malandragem brasileira: chão, rito, astúcia, sobrevivência. Alimento de Esù. Malandro Nery não é representado como um herói puro — nenhum malandro é —, mas o trans ɯəɯoɥ que soube negociar sua existência em um tempo em que quase não

havia linguagem para nomeá-la sem nunca desistir de ser autor da sua essência.

> Tornara-me um homem feminino, sem ser afeminado. Felizmente, a testosterona não havia me dado agressividade exacerbada. A minha virilidade, contraditoriamente, passou a servir, também como um instrumento, para que agora pudesse combater o mundo heterocentrado, patriarcal, no qual os poderes dominantes impedem os vários potenciais de vida. Havia descoberto que há varias masculinidades diferentes e que são constituídas também pelas tecnologias da cultura dominante. Fazia questão de continuar dócil e afetivo. (Nery, 2019, p. 331)

Até aqui observamos estratégias de circulação e subversão em contextos adversos, torna-se necessário perguntar o que acontece quando esses corpos deixam de atuar isoladamente e passam a construir redes de sustentação entre iguais. Que outras pedagogias emergem quando partilhamos nossas estratégias de sobrevivência, subversão? Qual o projeto para as transmasculinidades futuras dessa confluência?

## 5.4 ÓLEO DE GIRASSOL, REDES DE IGUAIS E CONFLUÊNCIAS

*“Eu também tenho ódio de sobra,*
*mas faço virar pagamento*
*Seu ódio no máximo só vira engajamento.*
*Eu não tenho mais medo, só tenho planos.*
*Vou encher o meu bolso e de quem tá somando*
*Todo dia é um dia me desafiando.*
*Fui procurar meus limites e não tô mais achando.”*
*(Só se fala nisso - Jupi77er)*

*Se a masculinidade existe, ela é minha e é nossa*. Sei que parece um pouco tarde à essa páginamomento questionar a existência da masculinidade, mas acredito que quando penso no sentimento de coletivo, é inevitável pensar que a solução mais efetiva seria *o fim* das classificações (quem me dera).

O problema é que a masculinidade *está*. Não sozinha, mas de mãos dadas com a feminilidade. O binarismo fundante dessa dinâmica *permanece* porque materializamos em uma sociedade generificada localizada no tempo e espaço pertencente à “História da humanidade”. Ou seja,

> A masculinidade se expressa como um mito efetivo da sociedade moderna (...), e penso aqui na idéia de mito tal como Durkheim a formulava, ou seja, uma projeção social que reflete as características cultivadas fundamentais da vida coletiva. Por isso não é possível estabelecer uma relação meramente causal ou unilateral entre alguns fatores históricos e os ideais modernos, dentre os quais o de masculinidade, pois o mito, ainda que gerado na confluência de

> formações sociais distintas, acaba por nelas refluir, participando ativamente de seus destinos. (Oliveira, 2004, p. 20)

Segundo Oliveira (2004, p. 21), “a modernidade e a valorização de características assumidas como masculinas andam juntas”. A consolidação do projeto moderno implicou também a consolidação de um ideal masculino que encarnava estabilidade, racionalidade, autocontrole e autoridade como um eixo organizador da vida social.

Todavia, esse arranjo começa a se tensionar na virada contemporânea. Oliveira (2004) sugere que a ordem pós-moderna, impregnada pela lógica expansiva do capital, engendra sujeitos progressivamente mais individualizados e voltados para si mesmos, menos dispostos a sustentar compromissos duradouros e fidelidades estáveis. Nesse cenário, a experiência social tende a se privatizar, e os vínculos passam a ser vividos sob o signo da provisoriedade e da autogestão permanente (Oliveira, 2004, p. 107).

Retomo esse percurso para afirmar que, se a masculinidade — e a própria História que ela ajudou a produzir — constitui o horizonte que nos cerca desde que abrimos os olhos neste mundo, então ela existe como estrutura histórica e a generificação dos corpos torna-se condição de inteligibilidade nesse regime.

Mas não me refiro aqui à uma inevitabilidade ontológica, mas de uma inserção em um sistema regulador que organiza os corpos por meio da categoria sexo. Por outro lado, esse sistema, fundado, desenvolvido e aprimorado ao longo do tempo, agora se encontra em um contexto bem diferente de tudo que já enfrentou: a pós-modernidade — e talvez algo além dela, que começa a se insinuar no agora.

A ordem pós-moderna desloca as bases de sustentação das identidades que passam a depender de um investimento constante de construção, enunciação e manutenção. Ou seja, *pertencer* passa a exigir ancoragem em signos reconhecíveis, capazes de produzir inteligibilidade em meio à fluidez das pertenças múltiplas (Oliveira, 2004).

> Na modernidade, as identidades eram razoavelmente sustentadas e mantidas por tradições socialmente justificadas e legitimadas. Atualmente, no entanto, elas terão que ser cada vez mais construídas e sustentadas por um esforço consciente de todos os que comporão aquela comunidade específica. Para se expressarem como identidades, eles deverão ancorar-se em símbolos, imagens, idéias, objetivos e signos não-ambíguos, assim reconhecidos e

> reconhecíveis pelos demais integrantes, com reduzidas chances de erros de leitura, para que sejam localizados, assumidos e incorporados. Diante da fluidez contemporânea e das pertenças múltiplas e contrastantes é difícil supor que esses símbolos possam existir, mas, se porventura emergirem nessa não-ambiguidade, mais difícil ainda será mantê-los nessa posição. (Oliveira, 2004, p. 132)

É nesse cenário estrutural que as experiências concretas se inscrevem. E eu repito, agora com um pouco mais de contexto: *se a masculinidade existe, ela é minha e é nossa*. Vivemos um tempo em que as identidades precisam ser constantemente construídas e sustentadas em meio à fluidez e à instabilidade dos signos, então afirmar-se como uma identidade de gênero não é uma reprodução cega e teleguiada das categorizações dos corpos; é, na verdade, uma resposta às tendências da ordem pós-moderna de composição das identidades.

Ao nos afirmarmos transmasculinos, ɯəɯoɥ trans, ɯəɯoɥ, trans ɯəɯoɥ, transmasc, ou de qualquer variação que nos aproxime de um sentimento de unidade, reflete nossos movimentos individuais de construção, enunciação e manutenção das nossas próprias masculinidades que buscam desse esforço o direito de existir em políticas, em espaços, em direitos, em oportunidades. Nossas individualidades moldam um movimento pessoalcoletivo de escre(vivermos) na História, de forma inédita, um projeto de masculinidade que desvirtua os princípios máximos que vinham guiando-a até então.

E é aqui que desejo situar a construção de redes de iguais. Ser transmasculino não é, nesta pesquisa, concebido como um bloco identitário homogêneo e menos ainda no sentido banalizado de “comunidade”. Falo de redes como trama viva, móvel, feita de cuidado, afeto e também de luta política, que são tão produto da ordem pós-moderna quanto a própria masculinidade.

Para colaborar nessa discussão, disponho-me das produções audiovisuais transmasculinas disponíveis nas redes sociais que retratam o sentido se transmasculinidades, no plural, que se organizam em redes de iguais para promover a visualidade coletiva do projeto de masculinidade que essa identidade elabora em suas vivências.

**Figura 16: Colagem de capturas do clipe da música Coringa (PAMKAPAULI, 2019)**



Fonte: Elaborado pelo autor, PAMKAPAULI. Coringa (videoclipe musical). Trava Bizness. 5:00 minutos, 2019. Disponível em: https://youtu.be/msMqKXPoRFs

No videoclipe da música Coringa do grupo PAMKAPAULI(2019) a filmagem é sombria, mas o que se dá na escuridão da noite é um grupo de boycetas celebrando a vida juntos. No início do clipe 9 meninos aparecem ao redor de uma mesa na cozinha iluminada apenas por uma vela que os evidencia jogando cartas, descontraídos e enquanto isso uma voz que parece captar uma parte da conversa diz:

> Sabe por que que eu fico emocionado? Porque quando eu comecei a entender o que era as paradas não tinha ninguém pra me explicar e hoje em dia eu to ali pra explicar pra pessoas se elas quiserem me perguntar, tá ligado? *Eu amo ser boyceta!* As travestis têm orgulho de ser travesti, a gente tem que bater no peito e dizer eu tenho orgulho de ser boyceta! (PAMKAPAULI, 2019, 0:06-0:27, grifos meus)

Essa fala, aparentemente simples, inaugura algo fundamental para esta subseção: a passagem da solidão ao pertencimento. O que ali se enuncia não é só orgulho identitário, mas a consciência de um deslocamento histórico. Ele indica que as transmasculinidades estão aprendendo com outras dissidências de gênero, as travestis traviarcas e força motriz da revolução de gênero (e esta é minha opinião sobre a qual aqui não posso divagar muito), a transformar estigma em afirmação pública.

Bater no peito e dizer “eu tenho orgulho de ser boyceta” ou “eu tenho orgulho de ser transmasculino” é produzir inteligibilidade coletiva onde antes havia silêncio individual. É inscrever o corpo em uma cena compartilhada. A imagem dos meninos ao redor da mesa, malmente iluminados, jogando cartas

na cozinha, cria uma estética que contrasta com a pedagogia tradicional da masculinidade. Não há ali competição performática, disputa hierárquica ou prova de virilidade. Há convivência. Há intimidade. Há riso. A escuridão que envolve a cena não sugere clandestinidade, mas abrigo. A vela não ilumina para expor; ilumina para aquecer. A cozinha — que curiosamente é um espaço historicamente associado ao feminino — torna-se palco de uma sociabilidade masculina reinventada.

Isso são redes de iguais. Elucidando: gosto de pensar as redes de iguais como o óleo de girassol[61] corporal para transmasculines que usam fita tape. Para quem não sabe, a fita tape, também conhecida na fisioterapia como fita cinesiológica[62], adere firmemente à pele por meio de uma cola resistente que, em contato constante com a mesma região, somada ao calor, ao suor e ao atrito da retirada - que puxa os pelos e a própria pele - pode causar queimaduras, ferimentos, alergias e dor.

O preço de esconder as mamas com essa ferramenta é esse: a pele aprende, ardendo, o peso da inteligibilidade. Como estratégia para driblar as queimaduras da cola, geralmente usamos óleo de girassol para dissolver a aderência e reduzir o dano durante a retirada. Essa emulsão ajuda a remover os resíduos, hidrata a pele e alivia a coceira e o desconforto.

O óleo não elimina a necessidade da fita, não dissolve o sistema que exige o achatamento dos seios como condição de reconhecimento ou segurança. Mas ele diminui o impacto. Assim que compreendo as redes de iguais: elas não suspendem a pedagogia da masculinidade hegemônica, mas tornam sua fricção menos destrutiva.

As forças de gênero que puxam e contraem nossos corpos todos os dias, esse enorme e multifacetado processo educativo que insiste em nos disciplinar, dividir e classificar, não desaparecem porque nos reconhecemos entre pares. Mas ter uma rede, próxima fisicamente ou mediada por telas, ajuda a lidar com o mesmo oponente. Ajuda a retirar a fita sem arrancar a pele junto.

---

[61] Escolhi falar do óleo de girassol porque foi o que mais me marcou enquanto eu usava a tape binder antes da mastectomia, mas qualquer óleo corporal serve para a retirada bem menos agressiva da tape.

[62] Também chamada de fita kinesio, fita taping, é uma fita adesiva de algodão usada na fisioterapia e esportes para estabilizar músculos e articulações, reduzir dores e inchaços e melhorar a circulação, sem restringir a amplitude de movimento

Quando comecei a usar fita tape, aprendi vendo vídeos na internet e trocando com amigos transmasculinos que as vendiam. A gênese dessa conceituação sobre redes de iguais vem de antes da minha mastectomia, antes até mesmo do mestrado, uma historieta que você óde até achar conveniente, mas é verdade.

Christian Araújo, além de ser escritor é também empreendedor e eu o conheci, antes da sua participação nesta pesquisa, através do que ele vende e compartilha de dicas sobre esses produtos e sobre como utilizá-los. A primeira vez que pedi algo na GlôuStore[63] foi em 2021, pela internet e eu pensei que fosse receber pelos correios porque não tinha me atentado ao sotaque obviamente paraense do Chris.

Foi então que ele me chamou no privado perguntando se queria que me enviasse pelo correio mesmo porque como éramos ambos de Belém, ele podia me mandar por moto. Foi aí que nossa amizade começou e graças aos vídeos dele — e as dúvidas que me tirou no privado — que aprendi a usar a bendita tape corretamente e, também, a usar o óleo para reduzir os danos. A primeira experiência concreta de cuidado que recebi de um igual veio assim.

Ironicamente, foi ali que compreendi algo maior. A partir daquele gesto técnico, senti que podia perguntar outras coisas, tirar dúvidas sobre como é seu existir para iluminar o meu que se dá sob condições semelhantes às dele. Nessa atitude despretensiosa, ele não apenas me ensinou a remover a fita: ele me ensinou um pouco a ɹəs transmasculino em uma das muitas camadas que compõem esse devir.

Retomo aqui Oliveira (2004). Se a pós-modernidade fragmenta vínculos e exige esforço constante para sustentar identidades, as redes de iguais operam como um contramovimento. Elas reintroduzem partilha onde havia isolamento, produzem inteligibilidade compartilhada onde havia apenas tentativa solitária de ajuste e transformam sobrevivência em aprendizado coletivo. Em um mundo que privatiza experiências, construir redes é gesto político: é recusar que a viagem permaneça solitária.

Dentre as muitas formas de investigar as identidade a fim de compreendê-las, o caminho que venho seguindo busca articular em uma

---

[63] Loja virtual de produtos de uso recorrente entre transmasculinos. Vide Instagram: https://www.instagram.com/gloustore/

argumentação lógica as manifestações artísticas de uma identidade subalternizada com as teorias Pós-Críticas e Queer/Cuír. Portanto, para aprofundar a discussão sobre o projeto de masculinidade que as transmasculinidades vêm construindo com suas redes de iguais, usarei de 4 músicas, 2 de artistas transmasculinos e 2 de artistas homens cis pretos.

Ao colocar em diálogo duas músicas de artistas transmasculinos — *Coringa* (PAMKAPAULI, 2019, **Anexo 5**) e *Tem treta lá* (PAMKAPAULI feat. Ganjão, 2023, **Anexo 6**) — com duas músicas de artistas homens cis negros — *Amém, Amém* (BK, 2025, **Anexo 7**) e *A Vida é Desafio* (Racionais MC's, 2002, **Anexo 8**) — proponho uma análise comparativa que busca identificar confluências nos modos de elaboração coletiva da masculinidade quando esta é vivida sob tensão, ameaça ou marginalização para podermos articular essas ideias com os frutos de nossa oficina.

O rap, desde sua consolidação no Brasil nos anos 1980 e 1990, tornou-se uma das principais linguagens de denúncia das desigualdades raciais, territoriais e econômicas. Mais do que um gênero musical, constitui-se como espaço de elaboração simbólica das experiências periféricas e negras. Nesse sentido, o rap brasileiro sempre foi também um espaço de disputa e reconstrução da masculinidade — especialmente da masculinidade negra periférica, historicamente criminalizada e estigmatizada.

Racionais MC's, surgido no final dos anos 1980 em São Paulo, consolidou o rap como linguagem central de denúncia da violência racial, do encarceramento e da precarização da vida nas periferias brasileiras. BK', por sua vez, nascido em Jacarepaguá (RJ), representa uma geração posterior que mantém a crítica ao racismo estrutural, mas incorpora também a narrativa da conquista, da ascensão e da reconfiguração simbólica do homem negro periférico.

Em contraponto a essas duas potências do rap preto brasileiro, a dupla PAMKAPAULI — que é formada por Floki e Mlk de Mel, boycetas de São Paulo — emerge da cena underground desde 2017, transitando entre rap e funk, e constrói em suas músicas narrativas ancoradas na experiência transmasculina, articulando enfrentamento, pertencimento e afirmação coletiva principalmente através da celebração entre os seus. Ou seja, embora ocupem posições

distintas no cenário musical e social, os três compartilham o rap como espaço de elaboração pública da própria existência.

Em suas letras aparecem a violência estrutural, a sensação de limite imposto pelo sistema, a necessidade de provar valor, de sobreviver, e, finalmente, de construir redes de iguais para sobreviver às marginalizações que os atravessam. A partir disso, é possível aproximar essas produções em duas dimensões centrais: a dimensão do enfrentamento e a dimensão do projeto de vida, alegria e prosperidade individualcoletiva.

### 5.4.1 AS REDES DE IGUAIS DE MASCULINIDADES SUBVERSIVAS EM "A VIDA É DESAFIO", RACIONAIS MC'S (2002) E "TEM TRETA LÁ", PAMKAPAULI (2023) : DIMENSÃO DO ENFRENTAMENTO

*"Eu tenho que avançar. Única lei que eu sigo*
*nessa vida"*
*(Medo de mim, BK')*

A primeira dimensão é a do enfrentamento. Tanto em *A Vida é Desafio* (Racionais MC's, 2002, **Anexo 8**) quanto em *Tem treta lá* (PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**), a masculinidade é narrada como atravessada por conflito permanente e a vida aparece como campo de tensão constante, onde o erro pode custar a liberdade ou a própria existência.

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol
Vai vendo!
Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver
Os anos se passaram e eu fui me esquivando do circulo vicioso
Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo
Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas
O crime
(A Vida é Desafio, Racionais MC's, 2002, **Anexo 8**)

Essa pedagogia da masculinidade hegemônica implica na dureza e resiliência diante da guerra (Oliveira, 2004), nesse caso no sentido metafórico, e o sofrimento funciona como combustível, enquanto a coragem é exigência.

No final do mês as contas vai vencer
Nem toda batalha da pra nós vencer
A guerra é maior do que eu e você
Na hora da paz eu pensei em correr
Da briga
Da briga, mas não dá

Onde eu vou tem treta lá
(Tem treta lá, PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**)

Nos versos de “A Vida é Desafio” (**Anexo 8**), essa pedagogia aparece de forma quase didática. O eu lírico confrontando o sonho com o limite estrutural que o marginaliza. A masculinidade, nesse sentido, é colocada diante de uma bifurcação cruel: sonhar é luxo e sobreviver é urgência. O capitalismo surge como força que impõe sucesso como obrigação, e o crime aparece como “solução rápida e fácil pros meus problemas”.

Entendo que esses trechos nos direcionam a compreender que os processos educativos das masculinidades — cis e trans nesse caso— são profundamente marcados pela escassez. Para além da falta material, essa escassez implica na restrição de possibilidades, de horizontes estreitados desde cedo:

Buscando melhora pensando em progresso
De mão beijada preciso de nada
O que falta memo para nós é acesso
Faço no freestyle minha própria história
A escola da vida é a que mais ensina
(Tem treta lá, PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**)

Vejo egoísmo, preconceito de irmão para irmão
A vida não é o problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio
É isso aí você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
(A Vida é Desafio, Racionais MC’s, 2002, **Anexo 8**)

Ou seja, as masculinidades que emergem nessas canções são treinadas para resistir antes mesmo de poder escolher. Aprendem a esquivar, a suportar, a endurecer enquanto cultivam o sonho de uma vida possível. Nesse contexto, a prosperidade financeira, afetiva e territorial ultrapassa os limites do desejo individual, é uma recompensa simbólica e concreta de uma guerra contínua entre iguais. Vencer, nessa interpretação, é permanecer; prosperar e conseguir viver *a( )pesar* da masculinidade hegêmonica.

Esse sentido de coletividade de masculinidades que não se articulam para binarizar as corporalidades em busca de se manter no controle delas é em decorrência do que estou chamando de redes de iguais. Para bell hooks, a construção de modos alternativos e criativos de existir depende de um processo amplo de formação para a consciência crítica, especialmente entre homens negros; sendo que, para essa construção funcionar é necessário o

questionamento das noções patriarcais de masculinidade e a recusa da violência como prática legítima (hooks, 2022, p.120)

A vida nunca mais vai virar a mesma
Depois que cê cata a dimensão da treta
Ei não tem mente que saia ilesa
Desconfie dos que tem muita certeza
A vida é um infinito de experiência
Se joga fi, mas joga com excelência
[...]
Colamo pra afronta
Nada vai nos humilhar
Exaltado pelos meus
Tua opinião deixa pra lá
(Tem treta lá, PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**)

Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda morô?
O pensamento é a força criadora, irmão
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real
É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
'Tá no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso, irmão
Acreditar e sonhar
(A Vida é Desafio, Racionais MC's, 2017 , **Anexo 8**)

Na comparação entre os versos acima, de PAMKAPAULI e Racionais MC's, é possível perceber que ambos constroem uma noção de coletividade como estratégia fundamental de enfrentamento diante de uma realidade marcada por violência estrutural e pela pedagogia da masculinidade hegemônica. Enquanto no primeiro trecho do Anexo 6 a coletividade aparece de forma explícita em "exaltado pelos meus" e não explícita ao dialogar com os seus através de "A vida é um infinito de experiência / Se joga fi, mas joga com excelência"

Algo semelhante acontece no segundo trecho do **Anexo 8**, onde a construção da coletividade é relatada em um diálogo entre o eu lírico e os seus (personificado no vocativo "irmão"): "O pensamento é a força criadora, irmão / O amanhã é ilusório / Porque ainda não existe / O hoje é real / É a realidade que você pode interferir" e "Nunca esqueça disso, irmão / Acreditar e sonhar".

A nível teórico essa comparação implica que as pedagogias das masculinidades, que são pedagogias da sexualidade (Louro, 2023), utiliza dos processos educativos de gênero que compõem a pedagogia da masculinidade hegemônica, mas direcionando essa relação masculina com a guerra, a violência e dor que guardamos para o ensinamento de que o presente é o campo de ação (“o hoje é real”) entendendo que a vitória não está na reafirmação da força violenta, mas na postura assumida agora diante da própria história.

Nessa direção, bell hooks (2022) argumenta que romper com a fascinação cultural pela violência, que é imposta de maneira particularmente brutal aos homens negros, exige a escolha de um modelo de parceria e interexistência, no qual família e comunidade se organizem em torno da responsabilidade mútua e não da dominação. Isso implica desafiar tanto as noções patriarcais quanto as representações supremacistas que aprisionam o corpo masculino negro cis e trans em imagens de brutalidade, deslocando a masculinidade do eixo da imposição para o da reconstrução ética.

Essa postura ativa supõe, portanto, um duplo movimento: um trabalho individual constante de autorrecuperação, que inclui lidar com a própria história, desaprender o auto-ódio, reconhecer fragilidades e até reivindicar o fracasso como parte constitutiva da experiência generificada e, simultaneamente, o cultivo de uma coletividade comprometida com a humanização (hooks, 2022, p. 219-222).

Assim, em comunhão com a autora, a resistência revolucionária de verdadeira ruptura com a essência masculina violenta se dá justamente quando homens negros e transmasculinos — uma vez que ambos são atravessados pelos processos educativos da masculinidade hegemônica e ocupam posições de marginalização de gênero — despertam um espírito coletivo que lhes permita sonhar outras formas de ser homem:

> Despertar o espírito coletivo de resistência nos homens negros será a energia revolucionária que mudará o destino dos homens negros. Enquanto esse momento não chega, os homens negros devem, como bem colocou Beam, “atrever-se a sonhar”. Devem sonhar com uma masculinidade que humaniza. Devem ousar abraçar a infância como um período de maravilhamento, brincadeira e autoinvenção. Devem ousar se tornar homens que desejam ser diferentes, que, como Olga Silverstein escreve em The Courage to Raise Good Men [A coragem de criar homens bons], serão “empáticos e fortes, autônomos e conectados, responsáveis consigo mesmos, com a família e os

> amigos e com a sociedade, e capazes de entender como essas responsabilidades são, em última análise, inseparáveis". (hooks, 2022, p. 221-222)

Por mais distantes que tenham sido as trajetórias dos corpos masculinos trans e negros que compuseram essas canções, suas vivências se aproximam através da pedagogia da masculinidade hegemônica que projeta sobre ambos seus processos educativos de gênero. Em comum também é o posicionamento de apropriação subversiva da guerra imposta sobre "o homem" e da forma de luta-la:

> Na nossa vida ninguém vai mandar
> Perceber essa fita fez vários se afastar
> Cansei de bebida, cansei de me drogar
> Quero um sucão gelado e salada ceaser
> Onde tem som eu vou tá
> No centro sujo ou na beira do mar
> Nem toda batalha dá pra se ganhar
> Mas dá pra se perdoar se tentar
> (Tem treta lá, PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**)

> Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
> Guardo o revolver enquanto você me fala em ódio
> Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
> Ouço o refém e o tio que diz lá no canto lírico
> Falo do cérebro e do coração
> (A Vida é Desafio, Racionais MC's, 2017 , **Anexo 8**)

Nos trechos acima, essa apropriação subversiva da guerra se evidencia na recusa de seus códigos tradicionais que o afasta de uma subjetividade comprometida em reproduzir a masculinidade hegemônica. PAMKAPAULI e Racionais MC's fazem isso através da autonomia, no cessar da reprodução da violência e na reorganização do cotidiano como espaço de escolha e autocuidado: abandonar excessos estereotipados à masculinidade, circular entre territórios distintos, valorizar mais o esforço do que a vitória a qualquer custo.

Em ambos os casos, a masculinidade deixa de se afirmar pela explosão da força e passa a se constituir pela capacidade de produzir conhecimento com a dor, rever trajetórias e escolher outras formas de agir. Trata-se, portanto, de uma pedagogia que transforma a guerra imposta em trabalho ético sobre si e em compromisso com uma coletividade que não se estrutura pela dominação, mas pela possibilidade de continuar vivo, consciente e em relação.

Além disso, há um horizonte de prosperidade para essas duas masculinidades encarnadas nessas letras, baseadas no sonho, na esperança,

na perseverança diante da marginalização e em transformar a energia que instiga a violência em uma energia de movimento, enfrentamento e coragem.

A paz é utopia fi
Pra nós não é realidade e
Apesar de nós ser correria
Encontrei no caos minha tranquilidade de
Aceitar as coisas como são
Com disposição pra tentar ir mudar
O mundo é tão grande e eu curioso
Não fico parado no mesmo lugar
(Tem treta lá, PAMKAPAULI, 2023, **Anexo 6**)

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
(A Vida é Desafio, Racionais MC's, 2017 , **Anexo 8**)

Entendo que, para as transmasculinidades, a construção de redes entre iguais que desestabilizam a centralidade cisnormativa, ao reinscrever a masculinidade como um espaço de cuidado, interdependência e imaginação política, não constitui uma prática inédita. Outras masculinidades que orbitam e negociam com a masculinidade hegemônica, como nesse caso interpretativo elegemos a masculinidade cis negra, também desenvolvem estratégias próprias de deslocamento e subversão baseadas em enfrentamento.

### 5.4.2 AS REDES DE IGUAIS DE MASCULINIDADES SUBVERSIVAS EM "AMÉM, AMÉM", BK' (2025) E "CORINGA", PAMKAPAULI (2023) : DIMENSÃO DA VIDA, ALEGRIA E PROSPERIDADE INDIVIDUALCOLETIVA

*"Pra gente champagne, pro inimigo breu."*
*(Medo de mim - BK')*

Indo no mesmo movimento interpretativo, a dimensão que deriva da guerra é a paz. Usando como objeto de análise a letra de outra música da dupla Mlk de Mel e Flóki (PAMKAPAULI, 2019), "Coringa" (Anexo 5), e a música "Amém, amém" (Anexo 7) do rapper carioca BK'[64], vamos buscar as aproximações entre a masculinidade cis e trans ao cantar a vida, a alegria e a prosperidade individualcoletiva.

[64]BK' é um homem cis preto, rapper, escritor e compositor brasileiro nascido no Rio de Janeiro e considerado um dos nomes mais influentes do cenário do rap brasileiro.

Para elucidar essa dimensão, busco perceber as projeções de futuros possíveis que essas masculinidades — ambas em lugar de periferia epistemológica, social e material — sonham para a vida que se tem mesmo em guerra. Interessa-me, afinal, mais essa evidência de que as transmasculinidades não se alinham ao masculino quando replicam a "cara do homem cis"[65] por meio de tecnologias e o uso delas, mas sim quando compartilham projetos semelhantes à outras masculinidades que também são enquadradas pela pedagogia hegemônica.

Mais cedo, ao analisarmos a estética da escuridão (**Figura 16 e 17**) em contraste com o ritmo e o clima de celebração no clipe de "Coringa" (PAMKAPAULI, 2019), observamos como a noite funciona como abrigo. Agora, ao retomar essa estética, interessa ampliá-la como projeção de masculinidades possíveis, felizes e em celebração.

**Figura 17: Colagem 2 de capturas do clipe da música Coringa (PAMKAPAULI, 2019)**




Fonte: elaborado pelo autor, PAMKAPAULI. Coringa (videoclipe musical). Trava Bizness. 5:00 minutos, 2019. Disponível em: https://youtu.be/msMqKXPoRFs

As **Figuras 16 e 17** apresentam cenas de trocas de afeto, abraços, corpos dançando e se divertindo com bambolês, bebendo e jogando bola em um campinho de futebol no meio da noite. Parece que é apenas ali que eles podem ser quem realmente são, celebrando a própria vida na escuridão

[65] Sabemos que da mesma forma como não existe cara de trans, não existe cara de cis. A dita "cara" da cisgeneridade masculina é o retrato da masculinidade hegemônica (colagem ) e que qualquer desvio dessa "cara" é a "cara de trans". Ou seja, quando uso "cara do homem cis" eu me refiro a produção da invisibilidade ao nos aproximarmos mais da baliza que é a hegemonia.

enquanto se aquecem com a luz de uma única vela — única luz, única chama, que, no meu entendimento, simboliza o calor de se sentir pertencente a algo.

O clipe, junto com a letra em rap/funk, constrói a passagem da solidão ao orgulho coletivo: antes mesmo da batida esquentar o corpo e convocar à dança, “eu amo ser boyceta” ecoa como afirmação que atravessa as sombras e articula as cenas em uma experiência comum. A escuridão, assim, não apaga essa única chama que se forma juntes; ao contrário, cria as condições subjetivas para o que virá depois — a possibilidade de ocupar outros espaços com essa mesma segurança compartilhada.

Só os coringa
E o jogo inteiro trava
Presença intensa
Chama atenção aonde passa
(Coringa, PAMKAPAULI, 2019, **Anexo 5**)

O DJ anuncia no som que minha tropa chegou no baile.
O amigo do bar já separa as garrafa e pra mim cerveja no balde.
As bandida jogando o cabelo me olhando, esperando o dela mais tarde.
Os mandado, bolado, falando do mais falado faz parte
(Amém, amém, BK’, 2025, **Anexo 7**)

As duas músicas utilizam o rap como identidade de vida, na qual as narrativas são de reconhecimento mútuo. Aas é importante frisar que a cultura do rap historicamente foi agenciada principalmente para as masculinidades cis negras e periféricas. As mulheres que sempre fizeram parte da cena, desde sua fundação, só muito recentemente começaram a ser merecidamente visibilizadas com seus talentos múltiplos, restando às identidades trans* nesse mesmo nicho o menor dos espaços. Mas é no menor dos espaços que algo enorme cresce: os verdadeiros fundamentos do rap de crítica social, posicionamento político, exposição da realidade e, obviamente, tela para os sonhos que se têm nos becos das favelas sociais.

Só os coringa
E o jogo inteiro trava
Presença intensa
Chama atenção aonde passa
(Coringa, PAMKAPAULI, 2019, **Anexo 5**)

O DJ anuncia no som que minha tropa chegou no baile.
O amigo do bar já separa as garrafa e pra mim cerveja no balde.
As bandida jogando o cabelo me olhando, esperando o dela mais tarde.
Os mandado, bolado, falando do mais falado faz parte

(Amém, amém, BK', 2025, **Anexo 7**)

Os versos de abertura de "Coringa" (PAMKAPAULI, 2019) evocam amor-próprio e autocuidado, movimento que encontra eco em "Amém, amém" (BK', 2025). Há, de fato, diversos elementos semelhantes nas duas canções: a celebração, a comemoração entre os seus, a afirmação de presença e a coragem de enfrentar aqueles que os colocam em posição de subalternização. Em ambas, a chegada da "tropa" ou dos "coringa" interrompe o jogo, chama atenção, reivindica espaço. O que me chama atenção, contudo, são as diferenças na maneira como a temática de gênero atravessa essa celebração e reorganiza o sentido dessa presença.

Para bell hooks (2022), a masculinidade negra constitui-se em uma encruzilhada entre a repetição da lógica patriarcal da morte e a escolha ética pela vida. Ao afirmar que muitos homens negros são socializados em uma "prisão sem paredes", hooks (2022, p.238) aponta para a internalização da violência como destino que é ensinada pela pedagogia da masculinidade hegemônica.

> Os homens negros que mais amo compartilham comigo o quanto é difícil para eles escolher a vida ao invés da morte, escolher andar pela estrada que leva ao paraíso; é muito mais fácil seguir o caminho do sofrimento e do tormento. Para muitos homens negros, essa é uma prisão familiar, sem paredes. É uma prisão feita por eles mesmos. Até que não comecemos a proteger coletivamente a vida emocional de meninos e homens negros, estaremos assinando os mandados de morte. Salvar a vida de meninos e homens negros exige de nós toda a coragem para desafiar a masculinidade patriarcal, a coragem de colocar em seu lugar visões alternativas de cura da masculinidade negra. (hooks, 2022, p.238)

Ao prosseguir na aproximação entre as letras dessas canções, suas temáticas e as formas como se articulam com a marginalização, o pensamento de hooks (2022) pode ser estendido às transmasculinidades (principalmente negras[66]). Homens cis negros e transmasculinos parecem compartilhar a coragem de projetar, em seus versos, movimentos de ruptura com a prisão da

[66]Seria necessário um pouco mais de tempo e aprofundamento nessa discussão para diferenciar as transmasculinidades a partir de marcadores raciais, recorrendo às referências que já dispomos (Santana; Peçanha, 2021). Nesta Dissertação, por estar focando na produção de subjetivação das transmasculinidades como identidade de configuração individualcoletiva, estou assimilando o marcador racial na obra de bel hooks (2022) como um equivalente ao marcador (trans)generificante para, primeiramente, constituir uma das peças que leva a compreender, com mais clareza, as transmasculinidades como um *todo* e então sim, em uma futura oportunidade, comunicar com as obras que investigam suas variações raciais, culturais, geracionais, etc.

masculinidade patriarcal. Ambos cantam como suas identidades têm inventado visões alternativas de cura: celebrar a própria existência, afirmar presença e produzir orgulho coletivo — gestos políticos de escolha da vida.

Segura essas cartas
Se prepara pra mágica
Já sabe que de bobo
Os cachorros só tem a cara
Fala mal da minha vida
Estilo jet life
Mas gosta da poesia
Do flow e do freestyle
(Coringa, PAMKAPAULI, 2019, **Anexo 5**)

Autoestima do lado dos foguetes.
Diamante brilhando igual as estrelas.
Mais gostosas tão brigando por ele.
Muita calma tem “B” pra todas elas.
Show lotado é tipo um culto, ô glória!
Eu aceito a benção eu quero agora,
Amanhã vão ter vários de luto e não é ninguém da minha tropa.
Amém, amém, feliz por mais um dia
Que papai do céu sempre cuida da minha família
A noite cai, nós se traja vai pra pista.
O lema é fazer dinheiro e putaria.
(Amém, amém, BK’, 2025, **Anexo 7**)

Como já dito, ambas as canções apresentam semelhanças na valorização da celebração, de um momento de paz no qual a autoestima desses corpos, constantemente subalternizados, consegue respirar. A diferença que se desvela está na forma como a categoria gênero é mobilizada nessa celebração. Em “Coringa” (PAMKAPAULI, 2019), o foco recai sobre o embate, sobre enfrentar as sombras que insistem em projetar um único fim para nossas identidades transmasculinas: solidão, depressão e ausência de alegria. Já em “Amém, amém” (BK’, 2025), o gênero colocado em evidência é o da mulher cis, cuja presença na cena funciona como marcador de reconhecimento viril do eu-lírico dentro de uma lógica ainda atravessada pela pedagogia heteropatriarcal — “Mais gostosas tão brigando por ele / Muita calma tem ‘B’ pra todas elas”.

Acredito que o caminho para compreender mais sobre o aparecimento da mulher e sua relação com a produção de um enquadramento na categoria de homem pela sua presença pode ser através do que hooks (2022) argumenta:

> Independentemente de classe, status, renda ou nível educacional, para muitos homens negros a sexualidade continua sendo um lugar assombrado pelo fantasma do comportamento disfuncional. Isso se deve, em parte, à convergência do raciocínio machista sobre o corpo

> negro, que sempre projetou nele uma hipersexualidade.(hooks, 2022, p.125)

Porém, para encaminhar nossa discussão retomando o sentido de redes de iguais, passaremos a analisar as transmasculinidades que, em “Coringa”, (PAMKAPAULI, 2019), é cantada como “Profissional em contrariar / E fazer ao contrário”. Retomando as redes de iguais como uma estratégia não inédita, mas recorrente entre masculinidades subalternizadas pela pedagogia da masculinidade hegemônica.

> Você me quer fora do jogo
> Ver como ameaça a minha carta
> Você não respeita o meu corpo
> Porque eu não caibo na sua caixa
> Eu canto com o selo da trava
> E não pretendo caber
> A melhor estratégia
> É nunca precisar docê
> [..]
>
> Cabelo verde bigode unha feita
> Batom na boca não colo em "buseita"
> Filosofia trava
> Bibi quem passou a receita
> Culinária vegana digna de um eita!
> Cuide dos seus, se cuide e se aceita
> Quero ver segurar
> Respeita chegou os boyceta!
> (Coringa, PAMKAPAULI, 2019, **Anexo 5**)

Esse chamado ao cuidado e à afirmação coletiva não permanece apenas no plano estético, mas ecoa nas experiências concretas relatadas na oficina, articulando uma estética de celebração, felicidade, realeza e prosperidade para as transmasculinidades (**Figura 18**) — e não apenas para sua própria rede imediata. A música “Coringa” celebra uma força e um espaço de pertença que se conectam do Sudeste ao Norte do país, produzindo aqui essa confluência.

> **Liz Bardo:** Eu gostei, assim, muito de ter esse momento de troca, tipo, quando você fez a última pergunta sobre isso, a gente tem essas redes de apoio, né? É isso. Tem uma rede. Eu to começando a ser um pouco mais transcentrado, mas ainda assim são de galeras muito distantes e eu tenho cada vez mais me afastado de redes sociais. Então, quando eu não tô com os meus amigos trans aqui de Bragança, eu tô com os meus amigos cis né… enfim, nada contra eles, até tenho amigos que são [risos] mas assim, é muito [melhor] quando a gente tá junto, né? Tipo, tá com vocês aqui, mesmo que distante, é muito muito bacana e acho que é sempre muito fortalecedor assim. E enfim, era só isso que eu ia dizer. Gostei muito desse espaço e já tô ansioso pro próximo. (Transcrição de trecho da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

> **Christian Araújo [pelo chat]:** Na minha bolha sinto que tenho essa rede, ajudo outros e outros me ajudam, tem muita troca. E isso é extremamente importante para nos sentirmos pertencentes, nesse espaço somos mais que trans mesmo que o tema da transgeneridade seja recorrente, mas o olhar sobre isso é mto sensivel e acolhedor comparado ao mundo cis. (Transcrição de trecho do chat da oficina, acervo da pesquisa, 2025)

As redes de iguais que emergem tanto em “Coringa” quanto em “Amém, amém” não são apenas agrupamentos de festividade em meio à guerra socialmente atrelada à masculinidade, mas sim são dispositivos de sustentação da vida. Na canção de BK’, a “tropa” confirma uma virilidade reconhecida no interior de uma lógica ainda atravessada pelo desejo heteropatriarcal, mesmo que marginalizada, e em “Coringa” a rede se constitui como espaço de desobediência ontológica: não é preciso caber para pertencer. A celebração, nesse caso, não valida um lugar já garantido na ordem do masculino, mas cria um lugar outro, inventado na partilha.

As falas de Liz e Christian ecoam essa dimensão ao evidenciarem que a rede não opera apenas como sociabilidade, mas como produção de inteligibilidade e permanência. Estar entre iguais não significa blindagem e isolamento identitário, mas possibilidade de respirar fora da vigilância constante da cisnormatividade. É nesse sentido que a prosperidade cantada por PAMKAPAULI não se reduz ao dinheiro, à fama ou ao desejo alheio; ela é, antes, prosperidade existencial. Vida que insiste. Alegria que se fabrica coletivamente.

Assim, as redes de iguais de masculinidades subversivas, aqui dando destaque às das transmasculinidades, configuram-se como pedagogias alternativas do masculino: ensinam a celebrar sem precisar morrer, a existir sem precisar se justificar, a prosperar sem reproduzir integralmente a lógica que as marginaliza. Se a guerra é a condição imposta, a alegria torna-se estratégia. E talvez seja nessa escolha pela vida que as transmasculinidades encontrem uma de suas dimensões mais radicais de subversão.

## 5.5 EUPROFESSORTRANSMASCULINO[67]

> *Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (Paulo Freire, 1996, p. 24)*

Os espaços da academia, da empregabilidade formal, da literatura, das artes, todos nos pertencem. E afirmo isso não como um gesto retórico de reivindicação vazia, mas como constatação política de uma presença que já está posta, ainda que constantemente tensionada.

Vejo este momento como um tempo de transição na Academia e na própria produção de conhecimento. A cisgeneridade, que por tanto tempo se escondeu sob a ideia de neutralidade, já não consegue ignorar nossas vozes sem revelar o próprio esforço de silenciamento que sustenta essa suposta neutralidade. Ora, como poderíamos caber na sombra se somos maiores que o corpo que a produz?

Quando falamos de transgeneridade a partir de nossas próprias vivências, realizamos o movimento inverso ao que historicamente nos foi imposto: deixamos de ser objeto de estudo e passamos a tensionar o olhar que nos estudava. Expomos a cisgeneridade como lugar marcado, situado, interessado e não como padrão universal do humano acima de qualquer discussão, maior que qualquer questionamento.

Aquilo que é considerado “natural” e, portanto, não precisa ser classificado, revela muito sobre as engrenagens do poder. O humano é tratado como masculino; o homem é tomado como neutro:

Eu sou trans; mas você, cis, é “humano”.

Eu preciso de classificação; você, cis, não.

É justamente por isso que ocupamos esses espaços. E sempre que ocupamos, estamos também transicionando esses espaços. Não se trata

[67]Esta subseção não estava prevista no planejamento inicial da pesquisa. Ela emergiu do próprio processo investigativo. Ao analisar a produção das subjetividades transmasculinas, compreendi que eu também estava implicado nesse movimento e que não poderia me colocar fora dele. A escrita que se segue materializa uma autoanálise atravessada pela experiência da oficina e pela minha condição simultânea de professor, transmasculino e mediador — dimensões indissociáveis que aqui irrompem juntas. Trata-se de uma escrita que nasce de um momento de intensidade afetiva e reflexiva, e tornar explícita essa condição talvez dê outro tom à sua leitura.

apenas de adentrar a sala de aula, o programa de pós-graduação ou o evento acadêmico; trata-se de deslocar as estruturas que definem quem pode falar, quem é lido como legítimo, quem precisa se explicar antes mesmo de iniciar sua fala.

Muitas vezes somos os primeiros. O primeiro professor transmasculino da escola. O primeiro aluno trans do programa. O primeiro corpo que tensiona o formulário binário da secretaria. E ser o primeiro quase sempre significa ter que explicar tudo. É cansativo. Às vezes queremos apenas falar sobre o conteúdo da disciplina, sobre o artigo que lemos, sobre a teoria que nos atravessa. Mas, antes disso, precisamos falar sobre o que é um pronome, sobre o que significa retificar o nome, sobre por que o banheiro importa.

É nesse ponto que a questão da passabilidade deixa de ser apenas um debate identitário e se torna uma questão concreta de permanência profissional e subjetiva.

Quando nasci,
aprendi com os iguais
que é preciso seis doses de absinto
para tornar-se homem,
e apenas uma lágrima
para deixar de sê-lo.
Desde então,
*embebedo-me e sobrevivo,*
*até passar despercebido*.
(Trecho: “Absinto”, Christian Araújo, **Anexo 4**, grifos meus)

Na escrevivência manifesta no poema “Absinto”, de Christian Araújo, a condição da sobrevivência aparece associada ao embebedar-se. O verbo pode ser lido em seu sentido literal, como o ato de ingerir a bebida, mas também convoca uma interpretação figurada, na qual o Absinto — conhecido por sua alta concentração alcoólica e pela fama de fazer quem o bebe “ver fadas verdes” — desloca-se para além da materialidade do copo e torna-se figura de torpor, fuga e suspensão da realidade.

Nesse movimento, a palavra “Absinto” permite ainda um jogo polissêmico por semelhança com o verbo “Absentir”: “sinto”, primeira pessoa do singular do verbo sentir, atravessado pelo prefixo ab- (ou abs-, antes de c, t, q). Tal prefixo, de origem latina, indica afastamento, separação, movimento para longe ou

privação[68]. Assim, embebedar-se pode também significar afastar-se do sentir, privar-se da dor, deslocar-se de si como estratégia de permanência.

Ao pensar no cansaço de estar em exposição diante do mundo cis, como professor e como transmasculino, a lâmina de dois gumes da passabilidade nos coloca diante de uma escolha: mesclar-se às identidades cis, escondendo-se nas sombras da masculinidade hegemônica. Ou seja, tomar as seis doses de Absinto, e abster-se da potência de que sou pela instável paz de "*passar despercebido".*

Escolher esse caminho é mesmo como embebedar-se, mas não por diversão, algo mais parecido com as histórias que ouvi de um antigo trabalhador no campo que precisava beber cana para as muitas horas de trabalho na roça. É como se estivéssemos escravizados, sendo nós mesmos os primeiros e mais cruéis sinhôs. Ou seja, implica um constante medo que deixa o cérebro em estado de alerta:

> Sair em público significava entrar em prontidão. Precisava prestar atenção o tempo todo à minha figura em relação aos outros. Ficava exausto com a preocupação contínua de manter a voz grossa, os gestos contidos para não perceberem os seios nem a falta do pênis. (Nery, 2019, p. 85-86)

A outra opção nem sempre é de fato opção: assumir-se trans publicamente, expondo-se e tornando-se alvo. Esse movimento, quando de fato é escolha pessoal, é para aqueles que não querem mudar de uma máscara mulher para outra homem, mas sim romper a máscara e deixar que todos vejam a disforme estrutura de todo o show de drag do gênero diante delas só para fazer do medo da cisgeneridade, desnuda e confusa, um escudo de fumaça.

Mas essa opção *também* é uma lâmina de dois gumes, pois, associada ou não à passabilidade, pode definir se essa é realmente uma escolha ou a única alternativa. Transmasculinos que não hormonizam por não poder ou querer, que estão no início da transição, que não performam para alcançar a leitura social masculina, ou mesmo aqueles que cometem um deslize na vigilância constante da performance, podem ser expostos.

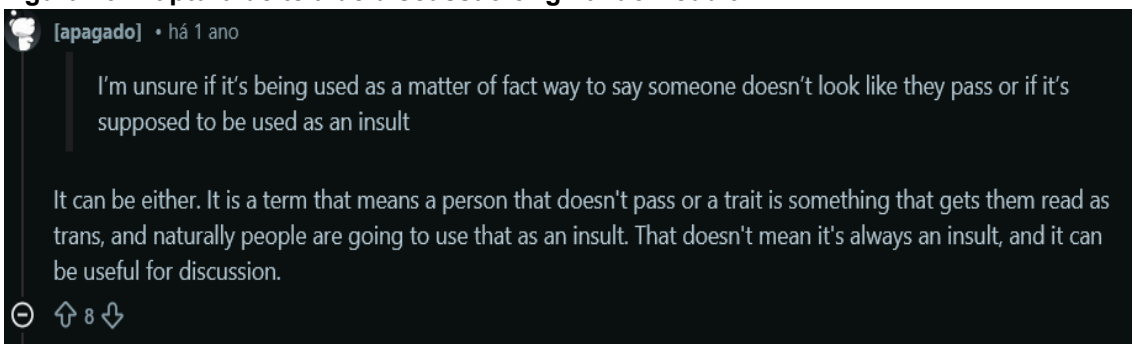
Na comunidade trans* anglófona da internet, utiliza-se o termo "clocky trans" para designar alguém que é identificado como trans. Ou seja, "clockado"

---

[68] Como em palavras da Língua Portuguesa a exemplo de: abstrato, absolver, absorver e abster.

percebido como não passável. Em uma discussão no Reddit[69] sobre o significado de “trans clocky”, uma pessoa usuária da rede dialoga com outra:

**Figura 19: Captura de tela de discussão original do Reddit[70]**




Fonte: https://www.reddit.com/r/MtF/comments/1f9szmk/whats_the_status_of_the_term_clocky/

Enquanto a primeira pessoa afirma uma dúvida sobre se “clocky” é um termo para indicar que alguém não é passável ou um termo para insultar pessoas trans, a segunda pessoa usuária colabora confirmando a possibilidade de ser os dois. Ao mesmo tempo que indica que alguém não é passável ou que alguma característica sua é “clocky” por “denunciar” que é trans*, esse termo “naturalmente”, segundo a pessoa usuária, pode ser usado como um insulto.

Em outro diálogo da mesma postagem lê-se respostas de duas pessoas usuárias diferentes das anteriores:

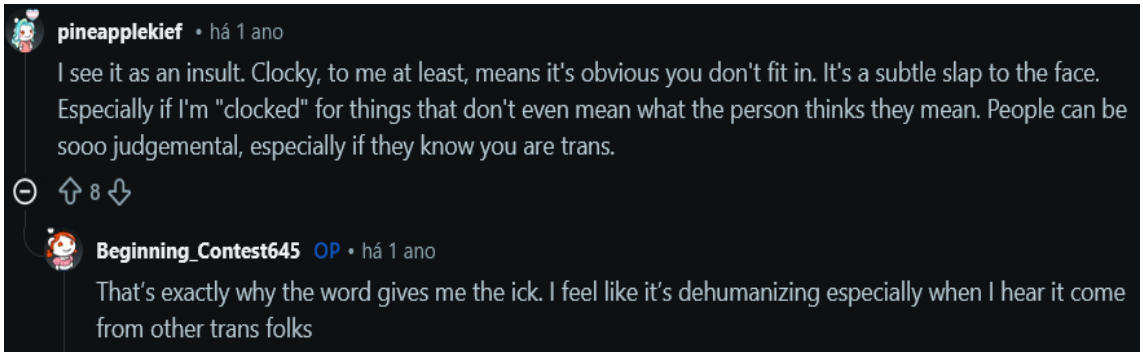
**Figura 20: Captura de tela de discussão original do Reddit[71]**

---

[69] Aqui aproveito para frisar o potencial dos fóruns de discussão com engajamento de pessoas trans* como objeto de análise das discussões vivas sobre processos educativos de gênero e linguagem, mesmo que esse não seja o foco desta Dissertação. Na nossa conjuntura, em meio a uma expansão e facilitação do acesso aos meios digitais, as comunidades digitais são, ao meu ver, um registro rico das dúvidas, trocas, embates e criações humanas que agora se registram nos algorítmos na mesma proporção, ouso dizer, que as palmas humanas nas cavernas ditas pré-históricas. A própria ideia de redes de apoio para pessoas trans* usa, em primazia, as redes sociais em um forma de unir os diferentes em comunidades digitais, onde podemos ser invisíveis e conviver com uma bolha de iguais, sendo normal em pelo menos um lugar no mundo.

[70] Preferi manter a captura na língua original, já que é uma discussão feita pela língua sobre a língua, por, pelo menos, fluentes nessa língua. A tradução livre é:
**Pessoa usuária 1:** [Não tenho certeza se está sendo usado como uma forma de dizer que alguém não parece ter passado ou se deveria ser usado como um insulto]
**Pessoa usuária 2:**
[Pode ser qualquer um dos dois. É um termo que significa que uma pessoa que não é passável ou que tenha característica faz ser considerada trans, e naturalmente as pessoas vão usar isso como um insulto. Isso não significa que seja sempre um insulto e pode ser útil para discussão.]

[71] **Pessoa usuária 3:**
[Eu vejo isso como um insulto. Clocky, para mim pelo menos, significa que é óbvio que você não se encaixa. É um tapa sutil na cara. Especialmente se eu for "clocked" (alvejado) por coisas que nem significam o que a pessoa pensa que significam. As pessoas podem ser tão julgadoras, especialmente se souberem que você é trans.]




Fonte: https://www.reddit.com/r/MtF/comments/1f9szmk/whats_the_status_of_the_term_clocky/

Nesse outro diálogo as duas pessoas usuárias reforçam o termo como um insulto, como algo que "significa que é óbvio que você não se encaixa. É um tapa sutil na cara. Especialmente se eu for '*clocked*' por coisas que nem significam o que a pessoa pensa que significam". Isso nos remete a forma da transfobia causada especialmente por alguém "parecer trans" vem vitimizando, inclusive, mulheres cis[72].

Outra questão levantada é a de pessoas trans* se apropriando desse termo como uma forma de orgulho, algo que para as duas pessoas em diálogo é inconcebível. Porém, do ponto de vista da discussão que vínhamos construindo sobre o expor-se como transmasculino ao exercer a docência, apropriar-se do insulto como parte de sua subjetividade, tornando "o monstro que vos fala", como diz Preciado (2022), em outro contexto, a violência pode ser revertida pela palavra.

Nessas duas conversas entre quatro pessoas usuárias diferentes é possível inferir que ser identificado ("clocky") como trans* e o uso desse termo não constituem consenso sobre algo positivo ou negativo. O termo pode operar como descrição factual da não passabilidade ou como insulto que marca inadequação e exclusão — dois sentidos principais que dialogam diretamente com a própria discussão sobre passabilidade que venho construindo nesta dissertação e inflamando-se quando se trata do fazer docente de pessoas transmasculinas. Dessa forma, entendo que o debate em torno do termo

---

**Pessoa usuária 4:**
[É exatamente por isso que a palavra me dá nojo. Eu sinto que é desumano, especialmente quando ouço isso vindo de outras pessoas trans]

[72] Vide matéria: "**"Eu vivi isso um dia, mulheres trans vivem todos', diz atriz cis que sofreu transfobia no Metrô em SP"** Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/03/eu-vivi-isso-um-dia-mulheres-trans-vivem-todos-diz-atriz-cis-que-sofreu-transfobia-no-metro-em-sp.ghtml

“clocky” revela que a leitura social do corpo trans não é neutra: ela é campo de disputa simbólica. No espaço escolar, essa disputa não é virtual, mas incide diretamente sobre a autoridade docente.

Liz Bardo, que é licenciande em Biologia, e eu trocamos algumas palavras sobre esse assunto durante a oficina que aqui transcrevo:

> **Liz Bardo:** No começo eu fiquei nessa pira também, pensando: “Velho, esse lugar é pra mim?”. Porque eu conhecia outros professores, sabe? Mas quase nenhum era como eu. Eu fiquei assim também. Pensava: “Velho, esse lugar é pra mim?”. Porque outros professores eu até conheço, sabe? Mas quase nenhum… quase nenhum mesmo. Agora eu tô conhecendo mais gente que é muito foda, mas ainda é sempre muito assustador ser o primeiro, que nem tu tava falando.
> E olha que doido, né? Toda conversa de sexualidade acaba ficando comigo. Sempre. E não é só sexualidade — qualquer assunto que pra eles é mais complexo, que é tabu, que dá nó… vem pra mim também.
>
> **Kaleo Mendes:** Sempre.
>
> **Liz Bardo:** Sempre. Então, falando desse cansaço… eu entendo, velho. Entendo mesmo. Mas fico feliz de estar aqui, de ouvir que esse é um local de fala, sabe?
>
> **Kaleo Mendes:** É, bicho… eu acho que todo dia, quando a Djamila Ribeiro deita a cabeça no travesseiro, ela deve ouvir minha voz lá no fundo pensando: “Minha filha, por que tu foi inventar de falar de lugar de fala?”
>
> [risos]
>
> **Liz Bardo:** É foda tudo bem… mas às vezes eu penso: vou ficar aqui só pra falar disso? Tu é doido, é? Eu não posso falar de outra coisa não?

A solidão de ser o primeiro e único professor transmasculino em um lugar, portanto, não causa apenas a dúbia “escolha” de esconder-se à sombra da masculinidade hegemônica ou expor-se trans por rebeldia ou por ser “clocky” demais. Ser um professor transmasculino também representa a potência de inaugurar outras possibilidades de docência.

Não entrarei no mérito de problematizar a dupla jornada trabalhista que precisamos exercer em um único cargo (lecionar nosso objeto de estudo, no meu caso a língua e conceitos básicos de gênero e sexualidade, por eu ser transmasculino), mas nossas transdocências são capazes de ensinar conteúdo e, simultaneamente, ensinar que aquele corpo que ensina é possível.

Ou seja, somos capazes de mostrar que o masculino pode ocupar a sala de aula sem reproduzir necessariamente a masculinidade hegemônica; que a

autoridade docente não precisa estar atrelada à violência simbólica; que o saber não precisa vir embalado na cisgeneridade para ser reconhecido como válido.

Em outro momento Liz Bardo havia dito, na oficina e transcrevo aqui:

> **Liz Bardo:** Vou virar professor de Biologia. E sempre rola aquele comentário: 'Ah, Biologia?'. E eu digo: gente, faz todo sentido. Quem estuda Biologia sabe que faz sentido. Se alguém estudou Biologia e acha que não faz sentido, sinceramente, não aprendeu direito.

Há, nessa resposta, um deslocamento potente. Ao invés de aceitar a Biologia como campo legitimador da transfobia (argumento tantas vezes mobilizado para nos invalidar), Liz reivindica a própria Biologia como aliada. Tanto que, recentemente, ministrou um minicurso em evento acadêmico intitulado, em síntese, "como não ser transfóbico dando aula de Biologia", segundo ele. Porque, como disse: se você leva a Biologia a sério, você não é transfóbico.

Ao meu ver, isso também expõe a forma como nossos processos de produção da subjetivação não são só atravessados como atravessam e deixam marcas nas áreas de conhecimento que elegemos como nosso foco da licenciatura. Essa marca que levamos através das nossas práticas pedagógicas, escolhas metodológicas, orientações epistemológicas, enfim, corrói, em algum nível, os alicerces frágeis da ciência como determinismo, como verdade absoluta.

Assim, a docência transmasculina se faz nesse tensionamento permanente. É nesse sentido que afirmo: não somos apenas corpos que ocupam a sala de aula; somos deslocamentos em ato. Nossa presença desorganiza a pretensa neutralidade, reabre perguntas que pareciam encerradas e inscreve outras possibilidades de masculino, de ciência, de autoridade e de saber. Se, por um lado, a passabilidade nos promete a paz instável de "passar despercebido", por outro, ouso dizer que nossa própria trajetória revela que não viemos para caber na sombra, mas para alterar a forma da luz.

Uma outra camada que atravessa o *euprofessortransmasculino*, e que apareceu com força tanto na oficina quanto na minha própria experiência como oficineiro, docente, facilitador etc, é essa sensação constante de conflito e

autorregulação. Como se a docência, e não só sua prática[73], quando atravessada por uma transmasculinidade, não pudesse jamais relaxar completamente. É um estado de alerta quase permanente. Um cálculo contínuo: como estou sendo lido? Por quem? Até quando? Até onde essa leitura me sustenta ou me ameaça?

Ao mesmo tempo, e é aqui que a ambivalência se torna mais interessante, essa condição não opera apenas como desgaste. Ela também produz deslocamentos porque quando um professor transmasculino ocupa o espaço da docência, a masculinidade que costuma ser tomada como universal, neutra ou mesmo criticada sob lentes feministas, deixa de ser uma abstração associada ao homem cis e passa a *ser outra coisa*.

Ou seja, mesmo quando questionada teoricamente[74] a masculinidade hegemônica ainda costuma ser pensada a partir da cisgeneridade como referência silenciosa. E tenho a impressão que nossa presença interrompe esse silêncio, não apenas porque abre caminhos de existência e visibilidade para estudantes trans*, mas porque tensiona o próprio espaço escolar enquanto território de produção de gênero.

A presença de um professor transmasculino pode instaurar debates com estudantes, com colegas, com famílias. Pode forçar a escola a olhar para aquilo que prefere manter implícito. Pode, inclusive, contribuir para que menos corpos trans* evadam das salas de aula por não suportarem o peso da invisibilidade ou da violência cotidiana

Essa ambivalência não é uma dualidade simples. Não é uma divisão binária entre potência e sofrimento, entre segurança e risco. É mais como dois rios que se encontram. Eles confluem, misturam suas águas e seguem adiante

---

[73] Uma questão que foge do meu conhecimento, mas desperta meu interesse enquanto reflito sobre isso é entender como a docência, uma função laboral, mas também uma "vocação", uma carreira, que pressupõe um conjunto de práticas pedagógicas, enfim, se integram no nosso processo de produção da subjetivação. E quais dos processos educativos envolvidos dessa relação são de gênero. Essa reflexão seria fundamental para compreender, por exemplo, um pouco mais dessa dinâmica diferenciada da docência transmasculina.

[74] Aqui destaco os feminismos plurais de uma perspectiva crítica, chamando a atenção àqueles feminismos que reproduzem, por ódio ao homem como categoria, a biologização do gênero (homem não deve opinar sobre aborto porque "sem útero, sem opinião") desconsiderando masculinidades outras, em principal a transmasculinidade. Esse movimento que nas redes se nomeiam TERF (Trans-Exclusionary Radical Feminist) e radfems parecem ter o objetivo de combater o machismo e o patriarcado através da estratégia de considerar que homens são seus pênis violadores, mulheres trans são ameaças por supostamente terem pênis, e, portanto, o feminismo deve ser trans-excludente.

sem que seja possível separar completamente onde termina um e começa o outro. Os pontos negativos carregam possibilidades inesperadas; os positivos, por sua vez, cobram seus preços.

Eu posso, por exemplo, escolher performar uma cisgeneridade estratégica, deixar que presumam, evitar explicações, tentar habitar uma zona de suposta segurança. Mas o lado oculto é a possibilidade constante de ser "pego", lido, *"clockado"*. A segurança é falsa; ela depende do silêncio e da vigilância permanente.

Por outro lado, posso me assumir trans no espaço escolar e exercer a potência de produzir novos sentidos sobre o masculino, sobre o corpo, sobre o que é ser homem. Posso transformar minha própria presença em ferramenta pedagógica, em fissura epistemológica. E isso é potente, mas o custo aparece no cansaço, na solidão, na sensação de estar sempre educando os outros sobre a própria existência, sempre justificando o óbvio.

A ambivalência das nossas identidades na docência, ao meu ver, não é um defeito a ser resolvido, mas uma condição constitutiva que inclusive considero por si só um processo educativo de gênero para os transmasculinos docentes. Ela não se organiza como oposição estática, mas como confluência. E talvez seja justamente nesse encontro de rios, nesse movimento onde ganhos e perdas coexistem, que residam as possibilidades mais férteis de deslocar os processos educativos de gênero que favorecem hegemonias.

## 6. ISTO NÃO É UMA CONCLUSÃO

*Eles querem que você se sinta mal*
*Pois assim eles se sentem bem*
*Eu nasci pobre*
*Mas não nasci otário*
*Eu é que não caio*
*No conto do vigário*
*Eu tenho fé em Deus*
*Pra resolver qualquer parada*
*Chega com respeito*
*Na minha quebrada*
*Eu não vim pra me explicar*
*Eu vim pra confundir*
*(Tamo aí na atividade - Charlie Brown Jr.)*

Minha principal conclusão é que os processos educativos de gênero que circundam a produção da subjetividade transmasculina não apontam para a constituição de um "ser homem" no sentido essencial ou acabado do termo. Não se trata de migrar da condição de mulher para a de homem, como se houvesse dois polos fixos entre os quais se atravessa por uma ponte biomédica. Hormonizar, fazer cirurgias, trocar de nome não são gestos de conversão ontológica, mas práticas de produção de existência — práticas que tensionam a masculinidade hegemônica ao mesmo tempo em que dialogam com ela.

A masculinidade que emerge das escrevivências apresentadas nesta Dissertação — confluídas ou não da oficina Escre(vivências) transmasculinas — não indica a repetição da hegemonia, mas também não negação por completo. Ela é fricção, é infiltração, é uso tático e deslocamento.

Essa fricção só pode ser compreendida se retomarmos o modo como concebi identidade ao longo desta pesquisa: não como essência ou interioridade estável, mas como organização de corpos no interior de um sistema de governo dos corpos, no sentido ético-político da governamentalidade (Foucault, 1984). Identidades essas que se configuram como arranjos relativamente estáveis e mutáveis que emergem do reconhecimento entre subjetividades que compartilham experiências em re(l)ação a um sistema de opressão colonialista (Akotirene, 2019), ao mesmo tempo em que estabelecem relações de poder com outras identidades. São essas relações que organizam os processos educativos de gênero.

É nesse sentido que compreendo a transmasculinidade como possibilidade ética da masculinidade. Essas transmasculinidades que não surgem fora da norma: emergem no interior dela, tensionando-a. Elas são produzidas nas mesmas pedagogias que pretendem contê-las. Não há corpo anterior à norma que depois seja moldado por ela; o corpo já nasce implicado em regimes discursivos que definem o que pode ser reconhecido como real, inteligível e habitável (Butler, 2018). O que chamamos “sexo” ou “natureza” é efeito de processos regulatórios que delimitam fronteiras corporais, práticas possíveis e zonas legítimas de desejo.

Como nos lembra Connell (1997), compreender o gênero como estrutura organizadora da prática social implica analisá-lo sempre em interação com outras estruturas — raça, classe, nacionalidade, posição na ordem mundial. Estudar masculinidades é investigar suas complexidades internas e suas articulações com esses outros eixos. Isso rompe com qualquer ideia de masculinidade como essência estática e a revela como manifestação histórica, construção social e criação cultural.

A subjetivação transmasculina não desemboca em uma única identidade transmasculina. Ela deságua em identidades transmasculinas múltiplas, atravessadas por raça, classe, território, acesso ou não às tecnologias corporais. A passabilidade, por exemplo, não pode ser reduzida a privilégio garantido; ela é também armadilha, vigilância, ambivalência.

Os processos educativos de gênero das transmasculinidades constituem-se, portanto, como zonas de trânsito. As memórias do corpo que viveu no lugar da feminilidade não se apagam como se fossem erro a ser corrigido; elas se rearticulam. Podem converter-se em sensibilidades feministas, em recusas à violência normativa, em modos outros de habitar o masculino. Isso significa que a incorporação do gênero não é resultado de uma fórmula pedagógica fixa, mas de uma interação complexa entre práticas sociais repetidas e contextos históricos, geográficos, raciais e socioeconômicos específicos.

Se pedagogias das masculinidades e feminilidades operam reiteradamente na produção de uma biopolítica (Foucault, 1997) cisnormativa, elas também são atravessadas por fissuras. E é nessas fissuras que as

transmasculinidades infincam as raízes: não como exceção ao sistema binário-colonial de gênero, mas como revelação de sua fabricação histórica.

As três escrevivências mobilizadas nesta pesquisa são atravessadas pelos três eixos analíticos propostos. Contudo, para fins de discussão, elegi aquelas que ofereciam maior densidade para cada eixo específico. Isso explica por que algumas aparecem com mais força em determinado momento e outras não: não por ausência de atravessamento, mas por estratégia metodológica.

Agora falando em estratégia, não parece que esse “louco consciente” que vos fala foi incoerente ao afirmar que isto não é uma conclusão e, ainda assim, começar pela principal conclusão? Ora, não é por acaso que começo evocando o Chorão, reivindicando um movimento masculino para a consciência crítica de si e do mundo que o cerca.

“Eu não vim pra me explicar, eu vim pra confundir” é uma provocação que aponta para o gesto central desta escrita: todas essas palavras que esculpi a choro e suor não têm a intenção de provar à Academia que minha identidade é válida. Elas buscam, antes, tensionar as estruturas epistêmicas que definem o que pode ou não ser considerado saber. Confundir, aqui, é deslocar hierarquias — é afirmar que Chorão (assim como tantas outras pessoas artistas que convoquei) produz, para mim, uma fortuna crítica tão densa quanto Foucault. Não como substituição, mas como disputa de legitimidade.

Se há algo que atravessa tudo o que escrevi é a recusa da narrativa da tragédia como destino. Não quero ser estatística. Não quero ser pauta de suicídio. Também não quero isso para os meus. Quero ser pauta de permanência. Se percebi nesta pesquisa que os processos educativos de gênero que produzem subjetividades transmasculinas não fabricam homens prontos, mas produzem deslocamentos, eu *quero* deslocar.

Infelizmente não pude desenvolver muitas temáticas que ainda tenho curiosidade para investigar. Se esta Dissertação aponta para algo que ainda precisa ser aprofundado são: a) as análises nas interseções raciais e socioeconômicas, investigando como diferentes condições materiais produzem diferentes transmasculinidades — algumas mais expostas, outras mais passáveis, algumas mais celebradas, outras mais precarizadas.

b) as tensões do corpo transmasculino ao ser inserido no mapa do desejo das cisgeneridades, uma vez que, ao constituir-se com autenticidade e

impor-se no mundo, torna-se legível não apenas como existência política, mas como possibilidade erótica. E isso produz efeitos na indústria (farmaco)pornográfica: a crescente materialização dos transmasculinos como corpos possíveis desloca o gênero do campo da identidade para o da carne, expondo sua fabricação histórica justamente no momento em que ele se torna mercadoria.

Provavelmente outras lacunas ainda possam aparecer, mas acredito que estas sejam as duas principais.

Também é preciso fazer um adendo: não romantizo minha identidade transmasculina nesta pesquisa como se *todos* os corpos que confluem nessa categoria partilhassem, necessariamente, de um sistema interno de revolução. Isso seria minimizar a capacidade de escolha desses corpos em seus próprios processos de subjetivação; seria reduzi-los a uma nova forma de sujeição, como se mais uma categoria viesse impor uma programação obrigatória de existência.

O que destaco aqui não é uma *essência* insurgente, mas as *potencialidades* insurgentes das transmasculinidades enquanto corpos que infiltram-se por meio de tecnologias farmacêuticas e de gênero. Corpos que podem, sem pretensão heroica e sem obrigação revolucionária, desestruturar, com maior ou menor impacto, os processos educativos de gênero que atravessam outros corpos a partir de sua vivência corporificada nos espaços.

Ainda assim, nesta pesquisa trouxe indícios de que a presença transmasculina não ameaça apenas uma ordem moral; ela tensiona a própria ontologia da masculinidade hegemônica, pois obriga o homem cis a enxergar-se como gênero — e não mais como sujeito universal, neutro, desmarcado. Talvez resida aí a dimensão mais radical desta pesquisa que se alinha ao meu potencial como autor: deslocar o lugar do masculino da condição de medida silenciosa do humano para a de construção histórica situada, vulnerável ao abalo.

Se o masculino pode ser abalado, é porque nunca foi natural. Foi produzido, reiterado, defendido e colocado como aquele que projeta a sombra sob a qual todos os corpos devem almejar se encaixar. E aquilo que é produzido pode ser deslocado. Ao evidenciar que não há corpo pré-discursivo esperando ser revelado, mas corpos continuamente constituídos por normas

que regulam sua inteligibilidade, esta pesquisa inscreve-se na recusa da naturalização da diferença sexual.

O que está em disputa não é apenas o reconhecimento de identidades transmasculinas para enquadrá-las nas técnicas de governamentalidade dos corpos, mas a própria ontologia do corpo e do gênero. Nesse sentido, as transmasculinidades não pedem inclusão na ordem existente; expõem os mecanismos que a sustentam. Tornam visível que o que parecia neutro era posição de poder. Que o que parecia natureza era norma reiterada. Que o que parecia destino era pedagogia.

Isto, portanto, não é uma conclusão no sentido de fechamento, mas um ponto de inflexão. Porque, enquanto a violência não cessa, a produção de vida também não. E permanecer vivo — como negro, como transmasculino, como professor, como escritor, como escre(vivência) encarnada — e sonhando talvez seja o gesto político mais rⒶdical de todos.

## REFERÊNCIAS


ABOIM, S.; VASCONCELOS, P. **O lugar do corpo. Masculinidades Trans e a materialidade corporal do género**. Estudos Feministas, 30(3), p.1-15, 2022. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/48706741. Acesso em 18 fev 2026.

ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2025.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARRETO, Aldeir de Oliveira. **Masculinidade negra e a colonização: ecos do passado no presente**. Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, v. 5, n. 12, 2022 Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/18608. Acesso em: 2 jun. 2025.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. **Igualdade de direitos ou heteronormatividade? Professores e professoras diante da homossexualidade**. Práxis Educativa, [S. l.], v. 15, p. 1–18, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/14305>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida (Vol. 2)**. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3ª ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2015.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Revista Estudos Feministas, v. 19, n. 2, p. 549–559, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 03 abr. 2024

BEZERRA, Daniel Sarmento (et. al). **Homens transexuais: invisibilidade social e saúde mental**. Temas em Saúde: João Pessoa. Volume 18, Número 1, p. 428 a 444, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/edicao-v-18-n-1/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BITTAR, Samuel. **Arte de Samuel Bittar**. Revista Estudos Transviades, v.2 n.3, junho de 2021. Disponível em: https://www.revistaestudostransviades.org/_files/ugd/39941c_2f6bed9d65d741539e01e57d90ee8d77.pdf. Acesso em: fev. 2026.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, Edgardo. **Diccionario Foucault. Temas, conceptos y autores**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-191.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725. Acesso em: 10 mar. 2025.

COSTA, Iracy Rúbia Vaz da. **Holofotes sobre carnes: transhomens nas artes**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7935. Acesso em: 20 abr. 2025.

DANTAS, Lucas; CHIRICO, Mari. **Educação (tr)ancestral e contra-colonial – um diálogo entre dois corpos trans docentes**. RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades, 2024, p. 1-13. Disponível em: <https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/11254>. Acesso em: 3 dez. 2024.

DINIZ, Augusto. **Flor de mururé expressa resistência em novo disco de sonoridade amazônica**. *CartaCapital*, 2024. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/flor-de-murure-expressa-resistencia-em-novo-disco-de-sonoridade-amazonica/. Acesso em: 13 fev. 2026.

DINIZ, Lígia Gonçalves. **O homem não existe: masculinidade, desejo, ficção**. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

DINSHAW, Carolyn et al. **Theorizing queer temporalities: a roundtable discussion**. GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies, Durham: Duke University Press, v. 13, n. 2-3, p. 177–195, jun. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1215/10642684-2006-030. Acesso em: 04 jul. 2025.

DOMINGUES, Luis Mahin; RODRIGUEZ, Shay de los Santos. **Últimas palavras: escrever para provocar novas educações sobre as formas de viver.** In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (Orgs.). Corpos transitórios: narrativas transmasculinas. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p. 59-60

DREYFUS, Rubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ELOI, Caluã. **Espeto de pau – Transmasculinidades e o Falocentrismo dentro da Comunidade LGBTI+**. TODXS (blog), 18 de fev. 2025. Disponível em: https://todxs.org/blog/guia-todxs/espeto-de-pau-transmasculinidades-e-o-falocentrismo-dentro-da-comunidade-lgbti/. Acesso em: 15 fev. 2026.

EVARISTO, Conceição. **A Escrevivência e seus subtextos**. In: Duarte, Constância Lima; Nunes, Isabella Rosado (orgs). Escrevivência: A escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença (vídeo)**. Youtube. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Duração: 2:18:06. 3 de out. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sv_VUp7RcFY

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros ;SCHNEIDER, Eliane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. 2 ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020b, v. 05, p. 219-229.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257–272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III : o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Rubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população : curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987

FREIRE, Maria Geiza Ferreira; VIEIRA, Demóstenes Dantas. **Reflexões sobre o currículo: das teorias tradicionais às teorias pós-críticas**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62433>. Acesso em: 30 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAKU, Keito. **Boys Run The Riot: vol 1**. São Paulo: Japorama Editora e Comunicação (Editora JBC), 2022.

GAKU, Keito. **Boys Run The Riot: vol 3**. São Paulo: Japorama Editora e Comunicação (Editora JBC), 2023.

GODOY, Hanna. **É longo nascer duas vezes**. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (Orgs.). Corpos transitórios: narrativas transmasculinas. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.33-34

HALBERSTAM, J. **In a Queer Time and Place: Transgender bodies, subcultural lives**. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

HERZER. **A queda para o alto**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. (ebook) São Paulo: Elefante, 2022

IFÉ, Tali. **Entre a ponta e o calcanhar.** Revista Estudos Transviades,v.1, n.2, setembro de 2020. p. 54. Disponível em: <https://www.revistaestudostransviades.org/_files/ugd/39941c_c24d87aaea4142c78b70ffde5ac4beb3.pdf> Acesso em: 11 fev. 2026.

IFÉ, Tali. **Intervenção-Performance "Quem abre caminhos, não me deixa andar sozinho. Laroyê", homenagem a João W. Nery na In.corpo.rar: Exposição Viva (2018), por Tali Ifé**. Revista Estudos Transviades, v.1, n.2, setembro de 2020. p. 35. Disponível em: <https://www.revistaestudostransviades.org/_files/ugd/39941c_c24d87aaea4142c78b70ffde5ac4beb3.pdf> Acesso em: 11 fev. 2026.

Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT). **Mapeamento Educacional das Transmasculinidades no Brasil**. IBRAT, 2023. Disponível em:<https://www.ibratnacional.com/portfolio-collections/pesquisas/a-dor-e-as-delicias-1-1>. Acesso em: 31 mar. 2024.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Travessia: caminhos da população trans na história**. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do movimento LGBT no Brasil. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 393-404

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 20: mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. **(Re)tecendo os espaços de ser: Sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro**. Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2017, p. 1285-1304 . Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/issue/view/1483>. Acesso em: 03 dez. 2024.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. **Escrevivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de "olhos d'água", de Conceição Evaristo**. Signótica, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 23–42, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/38912>. Acesso em: 03 dez. 2024.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **A virada pós-colonial: experiências, trauma e sensibilidades transfronteiriças**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 123, p. 77-96, 2020. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/11077. Acesso em: 03 jul.2025.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **Teorização crítica, Escrevivência e epistemologia resistente**. Caderno CRH, [S. l.], v. 38, p. e025023, 2025.. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/59010. Acesso em: 03 jul. 2025.

NERY, João W. **Viagem solitária: a trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade.** Rio de Janeiro: Leya, 2019.

NERY, João W. **Transmasculinos: invisibilidade e luta.** In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do movimento LGBT no Brasil. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 393-404

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

Observatório Anderson Herzer (OAH). **Relatório das mortes e violências contra as transmasculinidades em 2023.** Curitiba, PR: Instituto Brasileiro de Transmasculinidades - IBRAT, 2024. Disponível em: https://www.ibratnacional.com/portfolio-collections/pesquisas/a-dor-e-as-delicias-1-1-1-1

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 283–303, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/JrF5H8r96wRTvTDLSzhYpcM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2024

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. Conjectura, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago, 2009. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 09 fev. 2026.

PETERS, Michael; BURBULES, Nicholas. **Poststructuralism and educational research. Rowman & Littlefield, 2004**. In: SANTOS, A. I. Pós-estruturalismo e Pós-modernismo: diferenças, semelhanças e potencialidades para pensar a educação. Revista Cocar, v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7331. Acesso em: 8 abr. 2024.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. **Reflexões sobre transmasculinidades e preservação da vida: os impactos da deslocalização**. In: Revista Estudos Transviades, v.2, n.3, junho de 2021a. p. 50–59.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. **Da sombra da cisgeridade a subjetivações transmasculinas**. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (Orgs.). Corpos transitórios: narrativas transmasculinas. Salvador, BA: Diálogos, 2021b. p. 157-175

PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (Orgs.). **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas.** Salvador, BA: Diálogos, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/. Acesso em: 1 dez 2025.

PRECIADO, Paul B. **TESTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo, SP: n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REDETRANS - Rede Nacional de Pessoas Trans Brasil. **Censo Trans 2020**. RedeTrans, 18 jun. 2022. Disponível em: <https://redetransbrasil.org.br/dia-do-orgulho-censo-trans-publicado-hoje-pela-rede-trans-brasil-aponta-ausencia-do-estado-brasileiro-no-combate-a-transfobia/>. Acesso em: 31 mar. 2024.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si.** EDUFBA, 2023.

RODRIGUES, Esteban. **Como quem pisa em ovos.** (Vídeo). QUEERBRADA, Episódio 4, 10 abr. 2022. 14:04 minutos. Disponível em: <https://youtu.be/teGkw_arUTY?si=E7PU0GMKmTpCE7-e>. Acesso em: 14 fev. 2026.

ROGRIGUEZ, Shay de los Santos; ANZINI, Violet Baudelaire. **Transviades contra o cistema transfóbico: Você sabe o que é genitalismo?**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S. l.], v. 3, n. 12, p. 41–57, 2021. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12026. Acesso em: 3 jul. 2025.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO "ESTADO DA ARTE" EM EDUCAÇÃO**. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v. 6, n. 19, p. 37–50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SAFATLE, Amália. **À Mesa com o Valor – Erika Hilton: vereadora mais votada do Brasil promete ir além das causas trans e negra**. Valor Econômico, São Paulo, 19 fev. 2021. Disponível em: https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/02/19/a-mesa-com-o-valor-erika-hilton-vereadora-mais-votada-do-brasil-promete-ir-alem-das-causas-trans-e-negra.ghtml. Acesso em: 8 abr. 2024.

SANTOS, A. I. **Pós-estruturalismo e Pós-modernismo: diferenças, semelhanças e potencialidades para pensar a educação**. Revista Cocar, v. 19, n. 37, 2023. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7331. Acesso em: 8 abr. 2024.

SANTOS, Alexandre Peixe dos; MORELLI, Fábio. **"Homens do futuro": o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe**. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do movimento LGBT no Brasil. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2018. p. 405-419

SANTOS, Lino Gabriel Nascimento dos; VICENTE, Guilherme Calixto. **E os discursos essencialistas, afinal, não são uma moda?**. E-BOOK X CINABEH - Vol 01. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75211> . Acesso em: 3 dez. 2024.

SEFFNER, Fernando; GUERRA, Oscar Ulloa. **Nem tão velhas, nem tão alternativas, nem tão tradicionais, nem tão diversas, mas nem por isso menos importantes: uma reflexão sobre a produção de "novas masculinidades" na contemporaneidade**. In: STREY, Marlene Neves; MÜHLEN, Bruna Krimberg von; KOHN, Kelly Cristina (Orgs.). Caminho de homens : gênero e movimentos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014, p. 28-37

SILVA, José Claudivam da; PEREIRA, Jônatan David Santos; PONTES, Nicole Louise Macedo Teles de. **"Não sou, nem curto afeminados": violação de direitos, masculinidades e afeminofobia na construção identitária dos gays afeminados em aplicativos de relacionamento**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S. l.], v. 4, n. 13, p. 249–274, 2023. Disponível em:

https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10810. Acesso em: 2 jul. 2025.

SIQUEIRA, Indianare. **“Por que transvestigênere? Indianara explica! (...)” (vídeo).** Facebook: Indianare Siqueira. 14 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/indi.siqueira/videos/por-que-transvestig%C3%AAnereindianara-explicae-hoje-tem-formatura-do-prepara-nem-col/453759098142237/?locale=pt_BR> Acesso em: 30 mar. 2024.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2024.

SOUZA, Érica; PRADO, Marco Aurélio; MACHADO, Paula Sandrine. **Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: Entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans**. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH-UFMG); Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA-UFMG), 2015. Disponível em: <https://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

STREY, Marlene Neves; MÜHLEN, Bruna Krimberg von; KOHN, Kelly Cristina (Orgs.). **Caminho de homens : gênero e movimentos**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

Trans Europe and Central Asia (TGEU). **Will the cycle of violence ever end? TGEU’s Trans Murder Monitoring project crosses 5,000 cases**. Transrespect Versus Transphobia Worldwide, 13 nov. de 2024. Disponível em: <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring-2024/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TRINDADE, Gésus de Almeida; MUNIZ, Gardenia Oliveira. **Dados e retratos das masculinidades negras no brasil.** Revista Políticas Públicas & Cidades, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e956 , 2024. Disponível em: https://journalppc.com/RPPC/article/view/956. Acesso em: 2 jun. 2025

UCHÔA, Luiz Fernando Prado. **Simplesmente homem: relatos sobre a experiência cotidiana de homens trans**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

VARGAS LLOSA, Mario. **A verdade das mentiras**. In: VARGAS LLOSA, Mario. A verdade das mentiras. São Paulo: Arx, 2004. p. 11-26

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidad: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da

Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

## REFERÊNCIAS DO ESTADO DO CONHECIMENTO

ARAUJO, Samuel Moreira de. **As trajetórias escolares de homens trans: da Educação Básica ao Ensino Superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Juiz de Fora, 2021.

BOFFI, Letícia Carolina. **Tornando-se homem: processos de agenciamento de corporalidades de homens trans – contribuições para o campo emergente das transmasculinidades**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2022.

CAPISTRANO, Raul Alvim. **Experiências transmasculinas na escola [manuscrito]: estratégias e desafios para um (re)pensar institucional**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2023.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto. **Construção das transmasculinidades: memórias e narrativas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2022.

CRUZ, Larissa Edite de M. Porto. **Tornar-se homem transexual: as fronteiras do gênero e a performatividade no processo transexualizador**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Salvador, 2024.

LIMA, Suome Matheus Vilela de. **Multidões transviades: a encruzilhada de saberes, narrativas e localizações de gêneros**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

MARINHO, Laissa Christina Cavalcante Arruda. **Currículo da vida do corpo trans: corpos performatizados na escrita de si**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, 2022.

MELO JÚNIOR, Elusiano da Silva. **Transmasculinidades, ensino e BNCC: reflexões sobre a constituição de si e o ensino sobre diversidade de gênero**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN, Mossoró, 2022.

MELO, Ana Luisa Barbosa de. **João W. Nery e sua trajetória em busca de si: o embate das identidades de um autor-personagem**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

MIRANDA, Davi. **Percurso e reconhecimento da identidade psicológica na experiência transmasculina**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

MODESTO, Rubens Gonzaga. **Transitando nas fronteiras da aceitação e da exclusão: mapeamento e narrativas de homens trans na docência**. Tese

(Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Educação, Ouro Preto, 2024.

NEVES, Benjamin de Almeida. **Autobiografias transmasculinas e literatura social: gênero, memória e a leitura do outro na cultura trans**. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Cuiabá, 2023.

PAMPLONA, Renata Silva. **Pedagogias de gênero em narrativas sobre transmasculinidades**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

PASSOS, Giseli Cristina dos. **Homens (trans) [recurso eletrônico]: transmasculinidades na educação**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PEDRINI, Mateus Dias. **Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. **Vejam-me: disse o corpo: a educação dos corpos trans e das pornificações transmasculinas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2021.

SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

ZERBINATI, João Paulo. **Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si-mesmo**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.

# ANEXOS

## ANEXO 1
## É LONGO NASCER DUAS VEZES, Hanna Godoy (2025)

**I ato**
**O COMBATE**

Devagar aquele dia estendia-se pela vida. Fria. Suas mãos
por um momento desceram à correnteza. Ficou. Sem poder
chorar, endurecido pelo silêncio, perdendo-se de todo
ofício ágil dos lábios. Pernas aconchegadas e olhos nascentes. Seu rosto um rio de pensamentos embalados
pelos seus cabelos negros ensopados.

O que o fizera estar ali? A vontade de resistir. Resistir a
tudo que o acompanhava a uma distância infinita. Para
dar-se delicadíssimo e limpo; Virgem Maria por todos os
lados aos náufragos. Tinha levado ao sacrifício todo o
corpo, enquanto esperava que um milagre viesse buscá-lo
e cobrisse bruscamente toda sua inocente culpa.

Para servir-lhe conduzia sozinho as coisas na Terra.
Buscando-o severamente, ao lado de toda uma frieza
humana. Deixava-se cair aberto e ferido, torto e alagado;
percorria os séculos envelhecendo com as lágrimas.

Ela, que ali estava, era quase nada naquela manhã.
Levantando-se contemplava pela última vez seu frágil
vulto de mulher que se apaga. Por dentro dele vozes
evocavam um nome de sua memória. A saudade
permanente, a solidão palpitante da alma. Seu último
suspiro foi em direção ao teu nome mulher: Eu te amo!
E deste pequeno som, na confusão humilde da queda, morria
para estar a salvo a única mulher que me amou.

**II ato**
**OS INTRUSOS**
Vestiu sua camisa onde estava escrito: NÃO SOU BOM
PARTIDO SOU MELHOR INTEIRO. Tocou em seus
pelos, acariciou com calma a penugem áspera e espessa
em suas pernas, gostou da densidade em suas mãos.
Vibrou com o que via. Parou demoradamente na frente do
único espelho em sua casa, se abaixou pela última vez
para se ver inteiro. Aplicou a primeira injeção de
testosterona antes do colapso levá-lo a uma condição ainda
mais profunda: a de estar só. Segurou entre as mãos o
presente. Um porta retratos calendário de seu primeiro
amor. Aquilo que era para compor a casa nova com fotos e
músicas, mês a mês de uma história que não aconteceu.
Reprimido sorriso estancado na lembrança corsária. Ali
tinha que não mais haver chorare, ali não poderia mais ser

um manmachine. Era ele pela primeira vez. Saiu. Sorriu,
retirou a camisa e não ligou para os intrusos.

GODOY, Hanna. **É longo nascer duas vezes.** In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (Orgs.). Corpos transitórios: narrativas transmasculinas. Salvador, BA: Diálogos, 2021. p.33-34

**Escre(vivências) confluenciadas à oficina**

## ANEXO 2
## “às vezes fico confuso”[75], Liz Bardo (2025)

---

às vezes fico confuso
quando as pessoas dizem
que só tem 2 opções
pra seguir nessa viagem
sendo que visivelmente,
(é só olhar pra frente)
essa estrada tem mais caminhos,
existe outra opção
aqui tem 3 pontas,
uma 3ª direção
que abre pra mais
mil possibilidades
que cabem no NÃO.
ah, não
me recuso a caber
numa caixinha tão pequena
de homem, mulher
e o que é tudo isso?!
ah, eu sei lá
o que me sobra
é o que eu escrevo
transcrevo o que sinto
transcendendo o que fui
pra traduzir alguma possibilidade,
alguma chance de mim
e seguir viagem
com menos angústia, menos dor
e sem tanto medo do fim

[75]Quando o poema não possui título, é comum que seu primeiro verso seja utilizado como referência identificadora.

## ANEXO 3
## Conflito, Davi Miranda (2025)

---

Chamaste-me cárcere, mas fui teu abrigo,
O teto que barrou o temporal inimigo.
Fui a derme primeira, a vestimenta urgente,
Onde te escondeste do olhar da gente.
Usaste-me a polpa, chegaste ao meu âmago,
Enquanto eu nutria o teu sonho no estômago.
Amar foi aceitar, em silêncio e degelo,
O meu próprio fim como um rito de zelo.
Fui tua carapaça, carcaça e escudo,
Renunciei ao meu brio pra não seres mudo.
Engoli o meu medo, fiz da voz um trovão,
Ergui fortaleza no chão de aflição.
Mas rasuras meu nome e apagas meu rastro,
Como se a minha armadura fosse apenas um lastro.
Dizes que sou erro, um desvio
Pois hoje meu rosto te causa angústia.

Tu não foi proteção, foi confinamento,
Fostes a pele que veste o meu sofrimento.
Senta e escuta o que o tempo represa:
Eu era o refém da tua fortaleza.
Nesse jogo de sombras, de farsa e fissura,
Tua casa foi grade, tua paz foi tortura.
Para que o mundo enfim te desse um aceno,
Eu me obrigava a beber teu veneno.
Eu era um menino de voz suprimida,
Olhando o futuro por fresta esquecida.
Sangrei no teu vácuo, chorei no teu breu,
Enquanto o meu "eu" sob o teu faleceu.
Não fales de abrigo, de afeto ou cuidado,
Pois vivi como um bicho por ti enjaulado.

Esqueces das vezes que eu fui teu arrimo?
Do abismo de onde, por nós, eu me arrisco?
Fui chão no teu caos, fui a força e a fé,
Mantive a estrutura pra estares de pé.
E recebo a sentença, o descarte infinito,
Viro cinza no vento, viro um eco de um grito.
Odeio que tenhas agora a escolha,
Enquanto meu mundo se torna uma bolha.

Eu sinto a ferida, entendo o açoite,
Mas eu fui o sol que morreu na tua noite.
Me apertaste em roupas de corte estreito,
Sufocando o grito que ardia no peito.
Não vês o estrago, a marca, o rombo?

Carreguei o teu peso em meu próprio lombo.
Mas para que eu nasça com viço e alento,
Preciso que partas, como um pensamento.

Então eu sou nada? Apenas memória?
Um borrão esquecido no fim da tua história?
Tudo o que eu amei vira pó? vira ausência?
Completamente anulada pela tua existência?

Jamais. Tu não és uma página apagada,
Tu és a raiz desta minha estrada.
És o alicerce, a vigília, o instinto,
Que me manteve vivo neste labirinto.
Sou grato por cada degrau que moldaste,
Pela guarda fiel que por mim sustentaste.
Me perdoa a revolta, o embate e a dor,
Se sou este homem, com honra e louvor,
É porque em você eu vivi e conheci o amor.

## ANEXO 4
## ABSINTO, Christian Araújo (2025)

---

O colágeno não denuncia
as vidas que vivi até aqui.
O sorriso cicatrizado,
neste dorso talhado,
traduz, com afinco,
a morte do corpo invisível,
aquele, outrora, construído
com detritos de mim.
Quando nasci,
aprendi com os iguais
que é preciso seis doses de absinto
para tornar-se homem,
e apenas uma lágrima
para deixar de sê-lo.
Desde então,
embebedo-me e sobrevivo,
até passar despercebido.

## ANEXO 5
## Coringa, PAMKAPAULI (2019)[76]

---

**(Flóki)**

Só os coringa
E o jogo inteiro trava
Presença intensa
Chama atenção aonde passa

Segura essas cartas
Se prepara pra mágica
Já sabe que de bobo
Os cachorros só tem a cara

Fala mal da minha vida
Estilo jet life
Mas gosta da poesia
Do flow e do freestyle

É cachorro louco coringa
Não é vampiro
Vou visitar Chernobyl
Dançar no baile radioativo

Ouvir o set da Erick
Em frente a caixa do jet
Mascar chiclete pro flash
Me esquece hoje eu tô sem Net

Relax, sem estresse
Minha mente nunca se perde
Meu corpo me conhece
Agradece a quem me protege

Nenhum anjo veio do céu
Mas os diabinho subiu
Veio tacar fogo no rabo
De todo ocó em todo Brasil

Estilo dogdoll
Cachorro destreinado
Profissional em contrariar
E fazer ao contrário

---

[76]PAMKAPAULI (PAMKAPAULIPAULI). Coringa (videoclipe musical). Trava Bizness. 5:00 minutos, 2019. Disponível em: https://youtu.be/msMqKXPoRFs

Equilibrado, manda um recado
Pros bolso-tudo
Que eles vão ter que engolir
Os bucetudo

Cozinhado pela Malka
Tempero de pimenta
Pra ficar vermelho
Usar sua mente de fritadeira

Coringa loco,
Rasga a boca no batom
Entorta a boca pra mim mas gosta de ouvir meu

**(Mlk de Mel)**

Eu queria cantar consciente
Como consciência eu posso cantar?
Se eu sou pique o coringa
Mais louco que a vida e não quero mudar

Muito do que eu já fiz
Vocês me falou que era pra afrontar
Eu te disse que não era
Mas agora vai virar

Então segura o revide na voz prazer pamkapauli
Cometendo um machocidio no nipe rap plus size
Bitch don't kill my vibe
Eu tô sem paciência pras rad
Aplico o terror tipo monna brutal
Respeita quem anima o baile

Eu não sou só um bobo da corte
Não aguenta a brisa e quer rir da piada
Nosso humor é bem ácido
Tipo um doce que na língua amarga

Você me quer fora do jogo
Ver como ameaça a minha carta
Você não respeita o meu corpo
Porque eu não caibo na sua caixa

Eu canto com o selo da trava
E não pretendo caber
A melhor estratégia
É nunca precisar docê

O que separa as bicha dos meninos

Ari me fez entender
Descobri que sou uma bicha
E tudo que eu quiser ser

Cabelo verde bigode unha feita
Batom na boca não colo em "buseita"
Filosofia trava
Bibi quem passou a receita

Culinária vegana digna de um eita!
Cuide dos seus, se cuide e se aceita
Quero ver segurar
Respeita chegou os boyceta!

Só os coringa loco
rasga a boca no batom
Entorta a boca pra mim
Mas gosta de ouvir meu som

## ANEXO 6
## Tem treta lá, PAMKAPAULI feat. Ganjão (2023)[77]

---

É o PAMKAPAULI

Essa história não vai ser de arquivar
É daquelas gostosas de contar
Daquelas que mesmo com vários obstáculos
Nós foi capaz de realizar
Na nossa vida ninguém vai mandar
Perceber essa fita fez vários se afastar
Cansei de bebida, cansei de me drogar
Quero um sucão gelado e salada ceaser
Onde tem som eu vou tá
No centro sujo ou na beira do mar
Nem toda batalha dá pra se ganhar
Mas dá pra se perdoar se tentar
Vários anos usando a caneta
Coloca lá: relatos de um zé buceta
A vida nunca mais vai virar a mesma
Depois que cê cata a dimensão da treta
Ei não tem mente que saia ilesa
Desconfie dos que tem muita certeza
A vida é um infinito de experiência
Se joga fi, mas joga com excelência
No final do mês as contas vai vencer
Nem toda batalha da pra nós vencer
A guerra é maior do que eu e você
Na hora da paz eu pensei em correr
Da briga
Da briga, mas não dá
Onde eu vou tem treta lá
Da briga
Da briga, mas não dá
Onde eu vou tem treta lá
A vida me bate não vou abalar
Aprendi a bater
Aprendi a esquivar
Na briga
Na briga
Na briga
Onde eu vou tem treta lá
Boyceta
Linha de frente solto os rojão
Fugir nem é opção
Guerra interna contra o mundão

---

[77] PAMKAPAULI; GANJÃO. Tem treta lá. PAMKAPAULI. 4:29. 2023. Disponível em: https://youtu.be/tD90aAcMVFY

Mirar certeiro no vacilão
Acreditar me da inspiração
SP baixada
PAMKAPAULI Ganjão
Levanta a guarda que vem diretão
Quer pagar pra ver?
Cansaço não vai vencer
Dinheiro só faz me perder
Protegido na encruza digo laroyê
Blindado com fé busco crescer
Praia, sol, beck, lazer
Não me de biscoito
Me deixa ser
Paga minhas contas se tu quer falar
Ce tenta peitar nem consegue pegar
Lararararararara
Respeita os boyceta
Lararararararara
Respeita os boyceta
Colamo pra afronta
Nada vai nos humilhar
Exaltado pelos meus
Tua opinião deixa pra lá
Inveja vou recusar
Axé, boldo, arruda
Acaba no último round
Não desisto de lutar
Tomo um suco começo meu dia
Buscando melhora pensando em progresso
De mão beijada preciso de nada
O que falta memo para nós é acesso
Faço no freestyle minha própria história
A escola da vida é a que mais ensina
Vamo
A guerra já ta declarada
Se for isso memo eu caio pra cima
Bonde de boyceta assim que eu saio
Me cerco de gente que vibra comigo
Pessoas reais tão na rua caraio
Se você não tromba o problema é contigo
Peito e bigode real lifestyle
Melhor de mim pros que são de fecha
Um bico pros bico posto nos stories
E os filha da p*ta vai lá engajar
No final do mês as conta vai vencer
Nem toda batalha da pra nós vencer
A guerra é maior do que eu e você
Na hora da paz eu pensei em correr
Da briga
Da briga, mas não dá

Onde eu vou tem treta lá
Da briga
Da briga, mas não dá
Onde eu vou tem treta lá
A vida me bate não vou abalar
Aprendi a bater, aprendia esquivar
Na briga
Na briga
Na briga
Onde eu vou tem treta lá
A paz é utopia fi
Pra nós não é realidade e
Apesar de nós ser correria
Encontrei no caos minha tranquilidade de
Aceitar as coisas como são
Com disposição pra tentar ir mudar
O mundo é tão grande e eu curioso
Não fico parado no mesmo lugar
Fico inspirado dentro dos busão
Fazendo um som sempre onde encostar
Mochila nas costas carrego vivências
E isso ninguém vai poder me tirar
No final do mês as conta vai vencer
Nem toda batalha dá pra nós vencer
A guerra é maior do que eu e você
Na hora da paz eu pensei em correr
Da briga
Da briga, mas não dá
Onde eu vou tem treta lá
Da briga
Da briga, mas não dá
Onde eu vou tem treta lá
A vida me bate não vou abalar
Aprendi a bater, aprendi a esquivar
Na briga
Na briga
Na briga
Onde eu vou tem treta lá

## ANEXO 7
## Amém, amém - BK’ (2025)[78]

---

O DJ anuncia no som que minha tropa chegou no baile.
O amigo do bar já separa as garrafa e pra mim cerveja no balde.
As bandida jogando o cabelo me olhando, esperando o dela mais tarde.
Os mandado, bolado, falando do mais falado faz parte.

Autoestima do lado dos foguetes.
Diamante brilhando igual as estrelas.
Mais gostosas tão brigando por ele.
Muita calma tem “B” pra todas elas.

Show lotado é tipo um culto, ô glória!
Eu aceito a benção eu quero agora,
Amanhã vão ter vários de luto e não é ninguém da minha tropa.

Amém, amém, feliz por mais um dia
Que papai do céu sempre cuida da minha família
A noite cai, nós se traja vai pra pista.
O lema é fazer dinheiro e putaria.
Amém, amém, feliz por mais um dia
Que papai do céu sempre cuida da minha família
A noite cai, nós se traja vai pra pista.
O lema é fazer dinheiro e putaria.

Falsos amigos dizem que eu tô longe,
Amanhã eu tenho um show Londres.
Comprando casas e obras de arte,
Agora o mano tem esse lifestyle.
Ontem um pé no artigo 12
Hoje no corpo é Martine Rose
Ela gosta de vinho rosé
Qual foi garçom já pode trazer

Eu olho pro céu igual quem confia no pai (amém, amém)
Eu olho chão, quem não sabe onde pisa, cai.
Me sentindo a própria realeza.
Minha mãe ligou pra dizer que me ama
Minha mina ligou pra dizer que me ama
Meu irmão ligou pra dizer que me ama
Isso que é riqueza.

Amém, amém, feliz por mais um dia

---

[78]BK’ (prod. Paulo DK). Amém, Amém. BK’. 2:33. 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NE0NnTFohDU

Que papai do céu sempre cuida da minha família
A noite cai, nós se traja vai pra pista.
O lema é fazer dinheiro e putaria.
Amém, amém, feliz por mais um dia
Que papai do céu sempre cuida da minha família
A noite cai, nós se traja vai pra pista.
O lema é fazer dinheiro e putaria.

**ANEXO 8**
**A vida é desafio (nada como um dia após o outro), Racionais MC's (2002)**

---

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol
Vai vendo!
Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver
Os anos se passaram e eu fui me esquivando do circulo vicioso
Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo
Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas
O crime
Mas é um dinheiro amaldiçoado
Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava
Logo fui cobrado pela lei da natureza
Vish, catorze anos de reclusão
O barato é louco, ó
É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olhe as crianças que é o futuro e a esperança
Que ainda não conhece, não sente o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
Falo do enfermo (irmão) falo do são (então)
Falo da rua que pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição é como um véu que cega os irmãos
Que nem um carro guiado na estrada da vida
Sem farol no deserto das trevas perdidas
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
Guardo o revolver enquanto você me fala em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
Ouço o refém e o tio que diz lá no canto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito de irmão para irmão
A vida não é o problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio
É isso aí você não pode parar

Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos
Várias famílias, vários barracos
Uma mina grávida
E o mano 'tá lá trancafiado
Ele sonha na direta com a liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim
No esporte no boxe ou no futebol
Alguém sonhando com uma medalha o seu lugar ao sol
Porém fazer o quê se o maluco não estudou
500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou
"Desespero aí, cena do louco
Invadiu o mercado farinhado, armado e mais um pouco"
Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, chaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que trampar ou ripar para os irmãos sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
Será instinto ou consciência
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência
"O aprendizado foi duro e mesmo diante desse
Revés não parei de sonhar, fui persistente
Porque o fraco não alcança a meta
Através do rap corri atrás do preju
E pude realizar meu sonho
Por isso que eu Afro X nunca deixo de sonhar"
Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno
No Mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário se calam, se pisam, se traem e se matam
Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer à toa (e que mais?) matar à toa (e que mais?)
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
Quem se firmou, falou
Quem não ganhou, o jogo entrega
Mais uma queda em 15 milhões
Na mais rica metrópole, suas várias contradições
É incontável, inaceitável, implacável, inevitável

Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, a treta, a cena
A gente reza, foge, e continua sempre os mesmos problema
Mulher e dinheiro 'tá sempre envolvido
Vaidade e ambição, munição pra criar inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim
Enfim quero vencer sem pilantrar com ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais
Roleta russa quanto custa engatilhar
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar
"É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos"
Geralmente quando os problema aparece
A gente tá desprevenido né não?
Errado
É você que perdeu o controle da situação, sangue bom
Perdeu a capacidade de controlar os desafios
Principalmente quando a gente foge das lição
Que a vida coloca na nossa frente, eu sei, 'tá ligado?
Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda morô?
O pensamento é a força criadora, irmão
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real
É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
'Tá no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso, irmão
Acreditar e sonhar
E sonhar
E sonhar

# APÊNDICE

## APÊNDICE 1 — TCLE

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESCRE(VIVENDO) AS MASCULINIDADES TRANS: os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas

*Você está sendo convidade a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo desenvolvida como parte dos requisitos para a conclusão do Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, do pesquisador responsável Kaleo Mendes de Melo da Rocha e sob orientação da profª Drª Lucélia Bassalo.*

*Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a produção da subjetivação das transmasculinidades através dos processos educativos de gênero. Para isso, sua colaboração se dará a partir da participação de uma oficina narrativa, baseadas na metodologia da Escrevivência, com o intuito de fomentar espaços de escuta, expressão e partilha de experiências entre pessoas transmasculinas, valorizando suas histórias, memórias e afetos como fontes legítimas de saber. Você pode desistir a qualquer momento e não haverá impedimento ou nenhuma espécie de prejuízo em função dessa decisão.*

---

Este trabalho tem como temática os processos educativos de gênero na constituição das subjetividades transmasculinas e a proposta em estudo tem como objetivo **compreender como se dá a produção da subjetivação das transmasculinidades através dos processos educativos de gênero**, a partir da escuta e da análise das Escrevivências de pessoas transmasculinas.

Visa-se responder a seguinte pergunta: **Que características e elementos compõem os processos educativos de gênero que culminam na produção de subjetivação das transmasculinidades?**

Como objetivos específicos, buscamos:

a) discutir a respeito das transmasculinidades e sua relação com as contradições da masculinidade hegemônica;

b) identificar as estratégias de subversividade dos determinismos de gênero encontradas pelas pessoas transmasculinas;

c) examinar os impactos e a importância de redes de apoio de iguais para o reconhecimento identitário das pessoas transmasculinas.

A pesquisa será de abordagem qualitativa, com base em uma metodologia narrativa fundamentada na Escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo, e será realizada da seguinte forma: por meio da **realização de oficina narrativa com pessoas transmasculinas, nas quais serão promovidas práticas de leitura, escrita e partilha de experiências, com liberdade estética e textual para que expressem suas vivências, subjetividades e memórias em diferentes gêneros textuais**.

A participação ocorrerá por meio da realização de oficinas narrativas, com encontros presenciais ou remotos (a depender da disponibilidade e do contexto local), nos quais será promovida a escuta, leitura e produção de textos autorais e/ou autobiográficos, utilizando diferentes gêneros textuais e formatos expressivos (poemas, cartas, crônicas, memórias, etc.).

Cada participante será convidade a compartilhar livremente aspectos de sua trajetória, especialmente no que diz respeito à vivência das masculinidades trans, à relação com os processos educativos formais e informais, e à constituição de sua subjetividade. As oficinas serão registradas em áudio ou vídeo, mediante autorização, apenas para fins de análise da pesquisa.

É importante ressaltar que a participação é voluntária e que você poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou necessidade de justificativa.

No caso de alguma dúvida ou consideração os/as responsáveis pela pesquisa são **Kaleo Mendes de Melo da Rocha** portador do RG 7206589 e CPF 029.302.572-02, estudante do mestrado em Educação (PPGED/UEPA), orientado pela professora Drª Lucélia Bassalo.

A pesquisa não apresenta riscos físicos, mas, por envolver temas sensíveis como identidade de gênero, memória e experiências de exclusão, é possível que certos relatos despertem emoções difíceis. Por isso, será

garantido um ambiente seguro, ético e respeitoso, com acompanhamento e escuta atenta por parte do pesquisador que também é transmasculino.

As informações obtidas serão utilizadas **exclusivamente para fins acadêmicos e mantidas em sigilo**. As informações serão transcritas para a pesquisa através pseudônimos e nenhuma identificação pessoal será divulgada sem sua autorização expressa. Os registros da pesquisa ficarão armazenados com o pesquisador em ambiente seguro, respeitando as normas éticas.

As pessoas participantes dessa pesquisa têm o direito de serem mantides atualizades sobre os resultados que sejam do conhecimento do pesquisador. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Sua participação é fundamental para a construção deste estudo e para a ampliação dos debates sobre gênero, educação e subjetividade transmasculina.

Caso aceite participar desta pesquisa, solicitamos que assine o termo abaixo.

---

Estou ciente do compromisso do pesquisador de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informade a respeito do que li descrevendo este estudo.

Sendo assim, declaro que estou ciente acerca de quais são as propostas do estudo, os procedimentos que serão realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente a qualquer dúvida no processo de investigação.

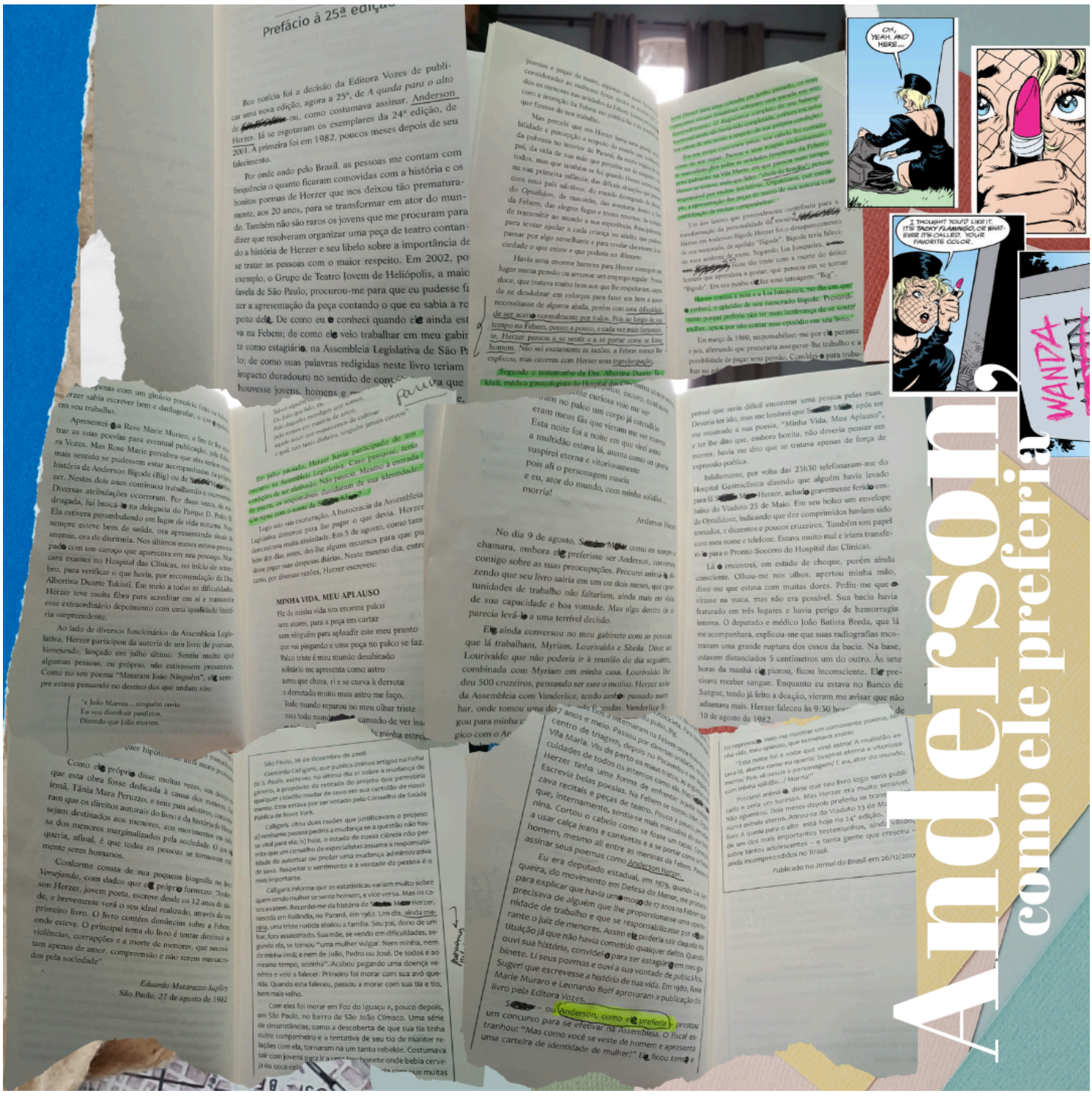
Declaro também que tenho compreensão de que a participação nesta pesquisa é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada pelo pesquisador Kaleo Mendes

de Melo da Rocha, estudante do mestrado em Educação, ofertado pela Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Belém, _____ de _____ de 2025.

## APÊNDICE 2 — COLAGEM DIGITAL: INTERVENÇÃO EM MEMÓRIA, 2025



## APÊNDICE 3 — DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE NOME E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Eu, _____, nome social (caso aplicável): _____, residente e domiciliado(e) em _____ (cidade/estado), portador(e) do documento de identidade nº _____, declaro que participei da oficina narrativa **“Escre(vivências) Transmasculinas”**, integrante da pesquisa de mestrado de **Kaleo Mendes de Melo da Rocha**, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Autorizo, de forma livre e voluntária, o uso do meu nome e da minha participação, incluindo falas e escrevivências produzidas na oficina, para fins acadêmicos e científicos relacionados à referida pesquisa. Estou ciente de que esta autorização é concedida de forma voluntária, podendo ser revogada mediante solicitação formal ao pesquisador responsável, respeitadas as etapas já concluídas da pesquisa.

_____, ____ de Fevereiro de 2026

[Assinatura]

_____

[Nome completo]




Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
https://propesp.uepa.br/ppged/